

**RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO
COMERCIAL AM**

JONATHAN APARECIDO DOS SANTOS
KAWANNY CRISTINY DE OLIVEIRA BARROS
NÉVELYN ANIELY DA SILVA
WELLINGTON ROBERTO DOS SANTOS SILVA

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

**JONATHAN APARECIDO DOS SANTOS
KAWANNY CRISTINY DE OLIVEIRA BARROS
NÉVELYN ANIELY DA SILVA
WELLINGTON ROBERTO DOS SANTOS SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de
Comunicação Social “Jornalista
Roberto Marinho”, Universidade do
Oeste Paulista, como requisito parcial
para sua conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Orientadora: Prof. Ms. Lêda Márcia
Litholdo

**JONATHAN APARECIDO DOS SANTOS
KAWANNY CRISTINY DE OLIVEIRA BARROS
NÉVELYN ANIELY DA SILVA
WELLINGTON ROBERTO DOS SANTOS SILVA**

Rádiodifusão prudentina: A história da Rádio Comercial AM

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de Comunicação
Social “Jornalista Roberto Marinho”,
Universidade do Oeste Paulista, como
requisito parcial para sua conclusão.
Área de concentração: Jornalismo

Presidente Prudente, 11 de dezembro de
2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Homéro Ferreira

Prof. Ms. Rogerio do Amaral

Prof. Ms. Lêda Márcia Litholdo - Orientadora

DEDICATÓRIA

A Deus, que nos concedeu saúde mental e física para realização desse trabalho e à nossa família que foi a base para que chegássemos até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Rádio Comercial AM, nas pessoas dos Srs. Maurício e Nilton Mescoloti, que acreditaram na potencialidade do nosso trabalho, pela confiança que depositaram na pesquisa, cedendo tempo e espaço físico. À professora orientadora Lêda Márcia Litholdo, por dividir conosco o seu conhecimento e incentivado a nossa capacidade de não permanecermos inertes, uma característica intrínseca da profissão que escolhemos exercer para o resto de nossas vidas. Ao professor Homéro Ferreira, que nos apoiou com sua rica experiência no veículo rádio e sua contribuição para a escolha do tema da pesquisa. Ao colega Jesley Almeida, técnico do laboratório de produção em radiojornalismo, pela paciência e auxílio na edição da peça prática. Ao professor Rogério do Amaral, pela atenção e apoio na formatação do trabalho. À professora Maria Luiza Hoffmann, pela sua disposição para tirarmos as dúvidas encontradas durante a execução da pesquisa. A todos os entrevistados, que compartilharam conosco suas informações valiosas, para que pudéssemos resgatar a história da Rádio Comercial AM de Presidente Prudente.

“O rádio é e sempre foi e mesmo continuará sendo o veículo de comunicação mais ágil que podemos ter.” Flávio Araújo

RESUMO

Radiodifusão Prudentina: A História da Rádio Comercial AM

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se propõe a contar a história da Rádio Comercial AM de Presidente Prudente, fundada em 13 de agosto de 1959 pelos irmãos Arnaldo Agostinho Bussacos e Rubens Bussacos, filhos de um dos pioneiros da radiodifusão prudentina, Manoel Bussacos. Com este intuito, o objetivo da pesquisa foi explorar a contribuição e importância da Rádio Comercial AM para a cidade. Para se chegar ao resultado foi utilizado o método de pesquisa exploratória. A estrutura da pesquisa foi a do tipo qualitativa, com a realização de entrevistas semiabertas e em profundidade com pessoas que fizeram parte da história da Comercial, além da pesquisa documental, que incluiu o acervo do Centro de Memória do Rádio, local que reúne dados importantes sobre a história da comunicação. O trabalho também foi construído com base na pesquisa bibliográfica, através da coleta de dados e revisão de literatura em títulos que tratam sobre o tema. A peça prática desenvolvida foi um radiodocumentário, produto radiojornalístico que conta, de forma objetiva e direta, a história da Rádio Comercial AM de Presidente Prudente.

Palavras-chave: Rádio Comercial, Radiodocumentário, História, Radiodifusão e Mescoloti.

ABSTRACT

Prudentina Broadcasting: The History of Commercial Radio AM

This Working End of Course (TCC) purports to tell the story of the Commercial Radio AM Presidente Prudente , founded on August 13, 1959 by brothers Arnaldo Augustine Bussacos and Rubens Bussacos , children of one of the pioneers of broadcasting Prudentina , Manoel Bussacos . To this end , the research objective was to explore the contribution and importance of AM Radio Commercial for the city . To reach the result of exploratory research method was used . The structure of the qualitative research was the type with the realization of semi-open and in-depth interviews with people who were part of the history of Commercial, besides the documentary research , which included the collection of the Center for Memory of Radio , a place that gathers important data on the history of communication. The work was also constructed based on the literature , by collecting data and literature dealing in securities on the topic . The piece was a practice developed radiodocumentário , radiojornalístico product that counts, objective and straightforward way , the history of the Commercial Radio AM Presidente Prudente .

Keywords: Commercial Radio, Radiodocumentário , History , Broadcasting and Mescoloti .

LISTA DE SIGLAS

AM	-Amplitude Modulada
BG	-Background
CD	- <i>Compact Disc</i>
EMUBRA	-Enciclopédia dos Municípios Brasileiros
FACOPP	-Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
FM	-Frequência Modulada
INTERCOM	-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
KHZ	- <i>Kilohertz</i>
LC	-Luiz & Carlão
TELESP	-Telecomunicações de São Paulo S/A
TCC	-Trabalho de Conclusão de Curso
UNOESTE	-Universidade do Oeste Paulista
WRF	- <i>Web Rádio Facopp</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	13
2.1 Problematização e Justificativa.....	13
2.2 Objetivos.....	15
2.2.1 Objetivo geral.....	15
2.2.2 Objetivos específicos.....	15
2.3 Metodologia.....	15
2.4 Forma de Análise dos Resultados.....	17
3 HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO.....	18
4 UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	26
5 O RÁDIO.....	31
5.1 Um Pequeno Relato sobre a Evolução da Radiodifusão.....	34
6 A RÁDIO COMERCIAL.....	46
7 RADIODOCUMENTÁRIO.....	58
8 MEMORIAL DESCRITIVO.....	65
8.1 A Peça Prática.....	68
8.2 A Escolha das Músicas.....	69
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74
ANEXOS.....	77
APÊNDICES.....	143

1 INTRODUÇÃO

A comunicação sempre auxiliou o homem em suas relações interpessoais. Desde o nascimento, o ser humano aprende a lidar com as mensagens que são captadas do mundo a sua volta e, através da inteligência, decodifica o seu conteúdo, criando assim as bases para a comunicação. Seu início não tem data específica, nem autor responsável pela descoberta, já que foi constituída através das experiências que o ser humano descobriu com o tempo.

A fala e a escrita foram peças fundamentais no processo de evolução nas relações humanas, já que, além de permitir que o homem fizesse parte de uma sociedade por meio da fala; passou também a disseminar sua cultura e seus conhecimentos através da escrita.

Com o aperfeiçoamento e descobertas de novos meios de transmitir mensagens, como a prensa, o telégrafo, o telefone, a televisão e o satélite, que foram surgindo, deu-se início aos meios de comunicação de massa. Entre eles, o rádio que se destaca por conseguir se manter, devido a sua constante adaptação aos demais meios que surgiram, além de sua característica intimista, que é a capacidade de se dirigir diretamente ao ouvinte, como se fosse único.

O rádio é a mídia mais democrática entre os veículos de comunicação. Suas particularidades fazem com que seja compreendido tanto por pessoas instruídas, como por não alfabetizadas. Essa característica é de vital importância para atingir a todas as camadas da sociedade. O jornalismo e a prestação de serviços são os pilares do conteúdo das rádios, principalmente nas emissoras de Amplitude Modulada (AM).

Em Presidente Prudente, a rádio que se destaca nesse segmento é a Comercial, já que há 54 anos investe e contribui com informações de interesse público. Dessa forma, faz história no cenário da radiodifusão prudentina.

Por meio do conhecimento da história da Rádio Comercial AM de Presidente Prudente, constatou-se a importância e o papel de destaque que a emissora desempenha na cidade. Sendo assim, nasceu o interesse de produzir este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Buscou-se analisar, levantar,

compreender e divulgar a história e a contribuição que a emissora proporciona à população e aos profissionais, através de depoimentos e experiências que fazem parte dessa trajetória.

Este TCC, empregou o método de pesquisa exploratória, que permite maior aprofundamento dos dados e informações levantadas durante a elaboração do trabalho. Foram aplicadas entrevistas semiabertas e em profundidade, que são mais flexíveis e possibilitam extrair conteúdo mais detalhado do tema, já que as perguntas são pautadas de acordo com as experiências de cada entrevistado. Estas informações estão no capítulo dois.

No capítulo três é apresentada a história da comunicação e sua evolução, desde os grunhidos e gritos que faziam parte do cotidiano dos homens primitivos, que posteriormente se transformariam na fala, até chegar aos veículos de comunicação de massa, do qual o rádio faz parte.

No capítulo seguinte será apresentado um breve histórico do rádio, desde a sua criação, sua evolução, sua chegada ao Brasil e em Presidente Prudente.

O capítulo cinco traz um relato sobre a história, características e conceitos do veículo rádio. Além disso, o capítulo mostra, ainda, as principais mudanças e evoluções que a radiodifusão sofreu ao longo dos anos.

O capítulo seguinte é destinado a contar a história da Rádio Comercial, trazendo fatos marcantes, coberturas importantes e campanhas que mobilizaram a população, além da evolução estrutural e tecnológica que a emissora apresenta. Outro ponto importante neste capítulo é a contribuição que a Rádio Comercial proporciona para o cenário da radiodifusão prudentina, que fez com que ela se tornasse uma das líderes de audiência na região.

O assunto abordado no capítulo sete é o radiodocumentário, gênero radiofônico que permite aprofundar um tema específico, a ponto de apresentar a maior quantidade de informações relacionadas ao mesmo. Entre os produtos que o rádio oferece, o radiodocumentário é o único que possibilita um aprofundamento maior do que a reportagem.

Este TCC representa uma realização pessoal, acadêmica e profissional para os seus autores, que encontraram respostas aos questionamentos que foram apresentados no início da pesquisa. Munidos das informações e dados obtidos através das entrevistas e documentos, foi

possível produzir a peça prática, que é o radiodocumentário “Radiodifusão prudentina: A história da Rádio Comercial AM”.

O próximo capítulo aborda os métodos utilizados para a realização do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização e Justificativa

Com programas voltados à elite e sustentados por clubes e associações, o rádio teve início no Brasil por volta de 1920. O aparelho, aos poucos, foi ganhando espaço e, o que antes era um objeto voltado à alta sociedade, passa a invadir a casa dos brasileiros, tornando-se produto de lazer para a massa, passando de caráter erudito para cultura popular, promovendo grandes mudanças na linguagem e na forma de produzir programas radiofônicos.

Em Presidente Prudente, o início da história do rádio se deu no ano de 1938, com a instalação da emissora PRI-5 “A Voz do Sertão”, fundada por Manoel Bussacos e Raul Ignácio Pires, dois amigos que formaram uma sociedade para que a implantação da rádio acontecesse.

Em 13 de agosto de 1959, foi fundada a Rádio Comercial AM, pelos irmãos Arnaldo Agostinho Bussacos e Rubens Bussacos, filhos de Manoel Bussacos. Porém, a programação da emissora só entrou no ar dia 6 de junho de 1960, na frequência 1440 KHZ e com uma potência de 250 watts.

A programação era composta por vários programas segmentados, dentre eles, esportivos, musicais, prestação de serviços e, principalmente, por um jornalismo atuante e participativo, transformando a Rádio Comercial em sinônimo de credibilidade e dinamismo. Além disso, a rádio contribui para a história da cidade por meio do Centro de Memória do Rádio, fundado e instalado dentro da própria emissora, contendo um acervo histórico, rico em equipamentos e documentos significativos.

A Rádio Comercial passou a receber notícias em rede, através do sistema BandSat/Rede Bandeirantes, em 15 de janeiro de 1996. A empresa é dirigida pela família Mescoloti, sendo Nilton Mescoloti diretor proprietário e Maurício Mescoloti diretor administrativo.

O questionamento que o trabalho visa responder é: Qual a importância da história da Rádio Comercial AM para a radiodifusão em Presidente Prudente?

Como peça prática deste trabalho, será produzido um radiodocumentário sobre a história da Rádio Comercial, com base em entrevistas e pesquisas de documentos encontrados no acervo histórico do Centro de Memória do Rádio Prudentino.

O trabalho se justifica na questão acadêmica por conta da história da comunicação, já que o radiodocumentário contribui para deixar um produto de pesquisa dentro da própria universidade, que poderá ser consultado pelos acadêmicos na Hemeroteca, além de ficar disponível no acervo online da Web Rádio Facopp (WRF), além de colocar em prática o aprendizado adquirido na disciplina de radiojornalismo.

Na questão social, a pesquisa é importante, pois resgata as contribuições da Rádio Comercial AM na radiodifusão em Presidente Prudente, passando pelas mudanças que a rádio experimentou desde a fundação até os dias de hoje.

O estudo também proporciona o conhecimento para a sociedade acerca do Centro de Memória do Rádio Prudentino, que tem por finalidade a preservação da história que envolve equipamentos e profissionais de comunicação de emissoras da região.

O produto radiodocumentário, que será desenvolvido pelo grupo, irá contribuir como forma de consulta para outros alunos e pesquisadores sobre o mesmo tema, pois ficará disponibilizado na WRF. Além disso, o produto ficará arquivado no Centro de Memória do Rádio Prudentino, onde poderá ser utilizado para que os próprios funcionários e outras pessoas conheçam a história do veículo. O radiodocumentário também poderá ser veiculado na programação da Rádio Comercial para que a história da emissora seja conhecida pelos ouvintes que, por algum motivo, não tenham condições de visitar o Centro de Memória do Rádio.

Com o objetivo de informar e trazer conhecimento aos outros pesquisadores, o trabalho também visa ampliar o preparo profissional e pessoal dos integrantes do grupo, tendo em vista que possuem considerável afinidade com o veículo rádio e um deles já atua na área. Outro objetivo importante é deixar uma contribuição histórica para a universidade e a sociedade.

Essa foi a forma que o grupo encontrou de unir o sentimento pelo rádio ao desejo de deixar uma contribuição histórica não só para essa plataforma de mídia, mas para a cidade.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

- Analisar a história da Rádio Comercial AM de Presidente Prudente, fundada em 13 de agosto de 1959.

2.2.2 Objetivos específicos

- Levantar dados, conceitos e informações sobre a Rádio Comercial;

- Compreender a importância da Rádio Comercial para a história da radiodifusão em Presidente Prudente;

- Contribuir para a divulgação e preservação da história da radiodifusão prudentina, incluindo o Centro de Memória do Rádio Prudentino que é mantido pela Rádio Comercial.

2.3 Metodologia

Entende-se por metodologia os procedimentos usados para alcançar os objetivos que se pretendem obter num estudo científico.

Nesse trabalho, será utilizado o método de pesquisa exploratória que, segundo Gil (2010), tem o propósito de tornar o problema mais explícito e proporcionar maior familiaridade, possibilitando também a construção de hipóteses. “A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve: 1. levantamento bibliográfico; 2. entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3. análise de exemplos que estimulam a compreensão” (SELLTIZ et al. apud GIL, 2010, p. 27)

Para o presente trabalho, será utilizado, também, o método de pesquisa bibliográfica. Stumpf (2009, p. 51) explica que:

[...] É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Para Gil (2010), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato do investigador conseguir uma cobertura dos fatos e fenômenos de maneira mais abrangente do que aquela que poderia ser pesquisada diretamente.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado tradicionalmente. Esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, *Compact Disc (CD)*, bem como material disponibilizado pela Internet. (GIL, 2010, p. 29)

A pesquisa documental também será utilizada no projeto e, por meio dela, serão coletados o maior número de dados, provas e informações possíveis a respeito do objeto de estudo. Esses documentos poderão ser encontrados em instituições públicas e privadas, sendo a principal fonte o Centro de Memória do Rádio Prudentino.

Segundo Moreira (2009, p. 271), a pesquisa documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim.

Para contar a história da Rádio Comercial na cidade de Presidente Prudente, será utilizado o método de entrevista em profundidade, afim de estabelecer relação entre o mundo e o objeto de pesquisa, ou seja, construir a história da emissora através de relatos de personagens que fizeram parte desta trajetória.

Entende-se por entrevista em profundidade “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte,

selecionada por deter informações que se deseja conhecer.” (DUARTE, 2009, p. 62)

Duarte (2009) classifica as entrevistas em profundidade em três tipos diferentes: abertas, semiabertas e fechadas. Neste trabalho será aplicado o método de entrevista semiaberta pois trata-se de uma pesquisa essencialmente qualitativa.

“A entrevista semi-aberta tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa.” (DUARTE, 2009, p. 66)

Por permitir comparação das respostas dadas por diferentes personagens ligados à história da Rádio Comercial, este tipo de entrevista foi escolhido para ser aplicado no projeto.

Para a melhor compreensão do tema, serão entrevistados os diretores da rádio, funcionários, ex-funcionários, familiares e pessoas que, de alguma maneira, contribuíram na construção dos fatos.

2.4 Forma de Análise dos Resultados

Para a análise dos resultados serão confrontadas informações de documentos e entrevistas que a caracterizam como qualitativa.

Duarte (2009, p. 63) afirma que “[...] o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e da diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas.”

Os dados coletados através das entrevistas serão conferidos com os documentos e as referências bibliográficas levantadas para que, dessa maneira, o grupo possa produzir a peça prática e confirmar a hipótese inicial do projeto.

No próximo capítulo será abordada a história e a evolução da comunicação humana.

3 HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO

A origem da comunicação humana permanece indefinida até os dias atuais. Não se pode precisar com exatidão quando surgiu, em que região do planeta, ou uma data específica para o seu nascimento. Porém, se sabe, que desde os primórdios da cultura humana foi responsável pela interação entre pessoas.

Através dela, os homens passaram a vivenciar o conceito de sociedade. Como explica Bordenave (2010, p. 19), a “comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social”. O homem primitivo só alcançou a sua evolução a partir do momento em que ela começou a fazer parte da sua história. Bordenave (2010) aponta que, com a comunicação, o homem passou a transmitir o seu conhecimento, dando nomes às coisas, e iniciando o que se conhece por fala. Bordenave (2010) salienta que através da fala o homem evoluiu no que se refere à cultura, já que “[...] foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-lhe transmitidos, pelo qual aprendeu a ser “membro” de sua sociedade – de sua família, de seu grupo de amigos, de sua vizinhança, de sua nação”. (BORDENAVE, 2010, p.17)

Toda história tem seu início em algum evento importante, que chama a atenção ou que é responsável por garantir força para se criar um marco. Nos meios e na história da comunicação o começo se dá justamente com a evolução de dois pontos fundamentais: a fala e a escrita. De acordo com Costella (2002, p. 13) o ponto de partida se deu ainda com os homens primitivos:

A História dos Meios de Comunicação [...] se inicia no momento em que os integrantes de um primitivo agrupamento humano começaram a se entender por gritos e gestos com os quais externaram intenções e indicaram objetos. Depois, surgiu a linguagem, talvez limitada de início a um elenco de nomes próprios, com os quais foram sendo designadas as coisas individualmente. Com o passar do tempo, do nome próprio nasceu o nome comum, isto é, a palavra que não se limita a indicar um determinado objeto, mas sim todos os objetos de uma mesma espécie: ‘peixe’, por exemplo, significando todos os peixes; ‘árvore’, significando quaisquer árvores. Desse modo, a palavra se transformou em vestimenta de idéias.

Essa foi a origem da fala. McLuhan (2009, p.98) aponta que “como extensão, manifestação ou exposição de todos os nossos sentidos a um

só tempo, a linguagem sempre foi considerada a mais rica forma de arte humana, pois que a distingue da criação animal.” No início, era justamente a fala que fazia com que os os homens interagissem entre si. Giovannini (1987) salienta a linguagem não era articulada e era utilizada para traduzir os elementos da vida cotidiana dos homens primitivos. Foi também com a fala, de acordo com Giovannini (1987) que o homem começou a fazer parte da sociedade, já que passou até mesmo a forjar utensílios utilizados no dia a dia.

A fala contribuiu na linguagem e foi importante para auxiliar os indivíduos na prática e demonstração da sua conduta, e como salienta Giovannini (1987) não se pode dizer como surgiu de fato:

[...] Pensou-se que a linguagem não fosse apenas um meio para exprimir o pensamento, mas tivesse o objetivo mais prático de controlar a conduta dos indivíduos. Varias são as teorias que tentaram explicar como teria se originado a linguagem. Falou-se de uma origem onomatopéia, isto é, através da imitação dos sons existentes na natureza; de um estágio mais evoluído da expressão de emoções imediatas, ou seja, da passagem de expressões não verbais a expressões verbais, com base no estudo dos chipanzés. (GIOVANNINI, 1987, p. 27)

Da fala para a escrita houve algumas mudanças. Não se pode precisar, portanto, como o homem começou a tentar expressar aquilo que falava, para passar ao papel. Costella (2002, p. 14) explica que algum tempo depois de aprender a se comunicar através da fala, aprendeu a desenhar. Ainda de acordo com o mesmo autor, não se sabe qual o significado desses desenhos, mas esse foi o primeiro passo. Para McLuhan (2009, p. 97), a “palavra escrita desafia, em sequência, o que é imediato e implícito na palavra falada.” Costella (2002) aponta que “[...] um dia o homem gravou uma marca à qual atribuiu um significado e, a partir desse primeiro sinal, lançou os fundamentos daquilo que viria a ser escrita.” (COSTELLA, 2002, p.14)

Os sinais gráficos desenhados pelos homens primitivos tinham um significado, mas não se tem exatamente certeza de qual seja esse significado. Costella (2002) explica que:

É possível que os primeiros sinais gráficos tenham sido de conteúdo numérico. Quiçá os do caçador, anotando com riscos na madeira da lança a quantidade de presas abatidas, ou mais tarde, os do lavrador, marcando as luas para escolher a época do plantio. Primordial na história da escrita foi a invenção, há mais de cinco mil

anos, da pictografia. A escrita pictográfica consistiu na representação desenhada de objetos concretos, figuras de animais, etc., formando, em sucessão, um relato coerente. Gradualmente, alguns desses sinais tornaram um sentido convencional e passaram a designar conceitos abstratos, tornando-se ideogramas. Em outros sistemas, acresceram-se sílabas que, articuladas, formaram palavras e, por fim, surgiram as letras, isto é, os sinais alfabéticos que, correlacionando com fidelidade a escrita e a voz humana, representaram graficamente a fala. (COSTELLA, 2002, p.14)

A evolução da fala para a escrita ocorreu de forma gradativa, foi através da tradição, como explica Giovannini (1987), e foi uma mudança radical no tipo de comunicação, já que a mensagem “não é mais dependente de quem envia e da descrição de quem recebe, porém fica à disposição de qualquer pessoa que a deseje ler. Pode ser relida, medida, analisada; adquire, portanto, durabilidade, profundidade e clareza.” (GIOVANNINI, 1987, p.28)

Diferentemente da fala, que não se sabe ao certo quando, nem onde foi criada, mas sim que evoluiu conforme a necessidade humana, a escrita possui uma data aproximada. Horcades (2007) aponta que:

As plaquetas de barro do templo da cidade de Uruk, feitas aproximadamente seis mil anos atrás, com listas de cereais e cabeças de gado, são as formas de escrita mais antigas encontradas. Naquela época, existiam outras escritas simultaneamente, em geral pictográficas, com imagens figurativas simbolizando palavras. Havia também uma escrita cuneiforme dos sumérios feita com cunhas de diferentes formas, que eram pressionadas sobre o barro mole. Essa escrita que presume-se, foi uma evolução da pictografia suméria, foi adotada posteriormente pelos babilônios, assírios, elamitas e hititas. Os alfabetos cuneiformes tinham/ um grande número de sinais (aproximadamente 1.500) para representar sílabas e palavras, e algumas vezes misturavam também pictogramas. (HORCADES, 2007, p. 16-17)

De acordo com Giovannini (1987), há uma polêmica em relação ao local onde a escrita foi, de fato, criada, já que no Egito, “os primeiros documentos são datados mais ou menos 3.100 a.C, pouco depois do aparecimento da escrita na Mesopotâmia. Por isso mesmo, foi levantada a hipótese, de que os egípcios teriam ‘copiado’ dos sumérios a invenção da escrita.” (GIOVANNINI, 1987, p.33)

No início, os primeiros passos da escrita foram dados em tábuas de argila, como foi citado por Giovannini (1987, p. 29). Além disso, o material mais nobre usado na escrita pelos egípcios era o papiro.

Era um material muito caro e, ainda assim, foi utilizado em grande quantidade; todos se serviam dele, desde o contador do campo, até o grande literato, por isso o conteúdo dos papiros que chegaram até nós é muito variado e constitui um imenso depositário de notícias sobre o Egito dos faraós: documentos administrativos e legislativos, textos literários, científicos, religiosos e fúnebres. (GIOVANNINI, 1987, p. 37)

Desde o início, a escrita foi considerada uma prática das elites, e como explica Giovannini (1987, p. 31), “[...] ler e escrever era verdadeira e precisamente uma profissão, extremamente cansativa, mas que permitia conquistar, junto com o instrumento, um poder férreo e oligárquico.” Além disso, como explica Horcades (2007):

A escrita possibilitou o acúmulo de conhecimento humano. Antes dela, tudo que o homem aprendia durante a sua vida, morria com ele. Depois da invenção da escrita, o conhecimento passou a se acumular e a não se perder, assim, ao nascer, o homem tem ao seu dispor toda a experiência e as descobertas de seus antecessores. (HORCADES, 2007, p. 16)

Todas as pessoas que sabiam ler e escrever eram privilegiadas e a habilidade era um sinal de superioridade, já que a instrução exigia muito tempo de aprendizado, custava caro e só as famílias mais abastadas poderiam oferecer esse tipo de privilégio aos seus filhos. (GIOVANNINI, 1987, p. 37)

Dois pontos importantes foram fundamentais para a evolução da escrita. O primeiro de acordo com Giovannini (1987, p.40), foi “a criação de um sistema alfabético, que levou aquilo que foi definido como a ‘democratização do saber’”. Outro ponto importante foi a invenção do papel, que de acordo com Giovannini (1987, p. 73) é atribuída a Tshai Lun, chinês, no século 2 d.C, que passou o conhecimento para os árabes que, logo em seguida, introduziram-no no Ocidente. O papel representava uma evolução no que diz respeito a escrita:

O papel apresentava duas vantagens substanciais com relação ao pergaminho: um custo inferior e possibilidades de um aumento de produção; todavia, não o substituiu completamente, mas igualou-se a ele, diferenciando-se no uso; o pergaminho continuou sendo usado nos manuscritos de luxo, enquanto o papel servia para aqueles mais comuns e de uso corrente, como os textos para o ensino. (GIOVANNINI, 1987, p. 76)

A partir da fala e da escrita o homem desenvolveu a capacidade de comunicação entre si, sendo que através da evolução e aprimoramento desses recursos associados com diversas experiências, foi possível criar a prensa, o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão, ou seja, os meios de comunicação de massa.

Com a escrita, o homem venceu definitivamente o tempo e, mais ainda, venceu o espaço. Ela permitiu a fixação do conhecimento num substrato material - papiro, cerâmica, papel, memória do computador, etc. - mantendo-o disponível ao longo do tempo para sucessivas e inúmeras gerações, e, simultaneamente, admitiu a disseminação do conhecimento à distância pelo transporte daquele substrato. A escrita ganhou, posteriormente, alcance ainda muito maior graças às técnicas de multiplicação, dentre as quais a precursora foi a tipografia. (COSTELLA, 2002, p.15)

A unidade criada entre a fala e a escrita possibilitou o surgimento e evolução dos diversos meios de comunicação que se conhece hoje. É fato que, sem a união entre fala e escrita, o homem não conseguiria atingir nem mesmo metade da sua capacidade de evolução, que atualmente parece não ter fim.

A prensa foi o ponta pé inicial, que segundo McLuhan (apud CASTAGNI 1987, p. 88) foi “o fenômeno que mais contribuiu para determinar uma das maiores “mutações” da história da civilização [...]”. Segundo Castagni (1987, p. 89), a prensa foi criada por Johannes Gensfleische zum Gutemberg, considerado pai da tipografia, que nasceu em Mongúncia, na Alemanha, por volta do ano de 1398:

Tratava-se de inventar um modo eficaz para compor uma página com tipos móveis independentes, que é a ideia básica e que se articula, por sua vez, em diversas fases; em seguida era necessário conseguir uma tinta densa que aderisse sem problemas às superfícies metálicas e, finalmente, a colocação de uma prensa de impressão que permitisse abandonar o método do tampão usado nas xilografias. (CASTAGNI, 1987, p. 95)

A principal contribuição que a prensa trouxe foi justamente a de diminuir as barreiras de tempo. A impressão de um livro, até então, era um processo demorado, às vezes, de um em um.

McLuhan (2009, p. 195) diz que “a impressão por meio de tipos móveis foi a primeira mecanização de um artesanato complexo, tornando-se o arquiteto de todas as mecanizações subsequentes.”

Como explica Castagni (1987, p.132), a prensa fez com que a mensagem pudesse ser transmitida para milhares pessoas e, essa característica foi aceita intensamente pela classe dominante. E é desse princípio que se norteia todos os meios de comunicação de massa: difundir suas ideias e ideais, desde o seu surgimento, quando a imprensa era o meio utilizado pela igreja da época e que, segundo Castagni (1987, p. 128), tinha o poder do estatuto de 1557, “que obrigava os editores impressores reunidos na *Stationer’s Company* a perseguirem qualquer pessoa que tivesse importado ou publicado textos heréticos.” (CASTAGNI, 1987, p. 128)

Os outros meios de comunicação de massa, que vieram posteriormente, aproveitaram-se das bases lançadas com a prensa. Bordenave (2010) explica que o “alcance da comunicação foi assegurado de maneira definitiva pela invenção dos meios eletrônicos que aproveitam diversos tipos de ondas para transmitir signos: o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão e, finalmente, o satélite.” (BORDENAVE, 2010, p. 30). O mesmo autor explica, ainda, que com as ondas eletromagnéticas, houve uma influência dos meios de comunicação de massa, no sentido de que a sua penetração e difusão tornaram-se mais amplas e passaram a atingir quem de fato deveria ser atingido, a massa, além de reduzir o tamanho do mundo, não do ponto de vista físico, mas sim, da comunicação, além de contribuir para transformá-lo em uma “aldeia global”.

Da invenção da prensa “[...] por parte de Gutenberg, em torno de 1450, em Mongúncia” (CASTAGNI, p. 88), para o rádio, que tem datas que “podem ser localizadas entre 1850 e 1900 com o desenvolvimento da telegrafia por fio, da telegrafia sem fio e da radiocomunicação em geral.” (FEDERICO, 1982, p. 11), muita coisa mudou. Afinal, foram cerca de quatro séculos de aprimoramento. Mas o fato é que, conforme explica Lombardi (1987, p. 184):

O dia 15 de junho de 1920 representa de algum modo a data da reviravolta na marcha rumo à utilização, em favor do grande público, do novo meio de comunicação. Da estação Chelmsford é irradiado um concerto da cantora Nellie Melba capitado em vastas extensões do território dos EUA e a bordo de navios que sulcavam mares distantes. Um ano depois, na Marconi House de Londres, entrava em atividade uma das primeiras estações europeias de radiodifusão. Era o começo decisivo de um modo diferente de comunicação que não iria se limitar, é claro, à música e aos concertos.

Com isso, os impressos deixam de ser o único meio de comunicação, pois o rádio deixa de apenas tocar música e passa a transmitir informações, que antes era exclusividade de jornais, por exemplo.

Souza (1996, p. 6) afirma que “os meios de massa são, portanto, os veículos de comunicação destinados a um público amplo, um aglomerado gigantesco de indivíduos.”

Outro meio de comunicação de massa que surgiu a partir de outras experiências, com outras invenções, foi a televisão. Ela teve sua fundamentação na invenção da fotografia, como explica Bordenave (2010):

A invenção da fotografia teve um impacto muito mais forte sobre o desenvolvimento da comunicação visual do que normalmente se pensa. Ela possibilitou a ilustração de livros, jornais e revistas; inspirou o cinema, primeiro mudo, mais tarde sonoro; aliada à eletrônica, e culminou na transmissão de imagens via televisão. (BORDENAVE, 2010, p. 29)

A TV uniu a imagem do cinema com o som do rádio, criando um veículo que se mantém até hoje.

Dos meios de comunicação de massa, o mais recente é a internet, que funciona como catalisador de praticamente tudo o que outros meios têm, mas o seu aperfeiçoamento, o torna único e ainda continua em pleno processo de evolução. Para Bordenave (2010), “a ciência e a tecnologia da comunicação produzem constantemente inovações cada vez mais sofisticadas. A vinculação dos meios de comunicação com os de processo de dados gerou uma nova ciência: a informática”. (BORDENAVE, 2010, p. 30). Toda essa evolução da informática pode-se ver nos dias atuais.

As mudanças são necessárias e correspondem aquilo que há de mais importante na vida das pessoas: a evolução. Os meios de comunicação de massa não estão alheios a esse comportamento.

E não é mais necessário recorrer à autoridade de Marshall Mc Luhan para concluir que às mudanças na disponibilidade e na estrutura dos novos meios de comunicação correspondem mudanças profundas no nosso próprio modo de viver como indivíduos sociais, basta observar a experiência direta de cada um de nós. (CARITÀ, 1987, p. 338)

Cada dia que passa, o que se observa é que os meios de comunicação de massa não são objetos perfeitos e acabados, pelo contrário: estão em constante processo de evolução. Até mesmo a velha prensa, ainda é capaz de ser reinventada e demonstrar força para lidar com as mudanças do mundo de hoje. O que pode-se observar é que, os meios de comunicação de massa estão sempre em evolução e aproveitam-se daquilo que o outro tem de bom, em benefício de si próprio, e mudam para serem aperfeiçoados. De fato, eles estão relacionados.

O rádio é um meio de comunicação de massa que exemplifica essa situação, pois com o passar do tempo foi aperfeiçoado, estando presente atualmente até na internet através das webrádios.

No capítulo seguinte será apresentado um breve histórico do veículo rádio.

4 UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Segundo Ortriwano (1985), dos meios de comunicação de massa, o rádio é o mais privilegiado, por suas características intrínsecas. Entre elas, pode-se destacar algumas como linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo-custo, imediatismo, instantaneidade, autonomia e sensorialidade. “O rádio é e sempre foi e mesmo continuará sendo o veículo de comunicação mais ágil que podemos ter.” (ARAÚJO, 2001, p. 97)

O termo radiodifusão é conceituado por Barbosa Filho (2009) como a transmissão e dispersão da informação produzida que abrange indivíduos, grupos e estratos sociais em todo mundo.

Ortriwano (1985) explica que a difusão da informação no rádio pode ocorrer de diversas formas, sendo a mensagem feita de acordo com o conteúdo e tempo empregados na emissão. Essas informações podem vir por meio de flash, quando o acontecimento é importante e deve ser divulgado imediatamente; edição extraordinária que se refere a um acontecimento importante, cuja divulgação pode interromper qualquer programa; especial, que diz respeito a um programa que possui produção mais elaborada que os demais informativos apresentados na rádio e que analisa determinado assunto; entre outros tipos de programas como o radiodocumentário ou documentário jornalístico.

Quanto ao gênero, Barbosa Filho (2009, p. 102) afirma que o documentário jornalístico:

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem – edição final do material produzido em áudio - com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às “cabeças” – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais “ao vivo”.

O rádio não teve seu início em uma data específica. Nem mesmo pode-se dizer quem foi o seu inventor, mas o fato é que desde o seu início o

principal objetivo era a “exigência de comunicar com rapidez e em áreas amplas”. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 216)

Atribui-se a vários inventores parte da “paternidade” do rádio. As “[...] bases científicas para a invenção do rádio foram estabelecidas no final do século XIX por diversos cientistas, entre outros, Thomas Alva Edison, Samuel Morse, Heinrich Hertz, Guglielmo Marconi e James Clerk Maxwell.” (ARAÚJO, 2001, p. 92-93)

Ainda na busca pelo cientista inventor, um padre brasileiro também contribuiu para que as bases do rádio fossem lançadas:

Antes mesmo de Marquês Guglielmo Marconi patentear seu invento, o padre brasileiro Roberto Landel de Moura fez transmissões em Mogi das Cruzes, em Campinas e em São Paulo. Foi no ano de 1892 quando instalou um pequeno transmissor na Avenida Paulista e atingiu toda região, conhecida hoje como Jardins. (AGOSTINELLI, 2012, p. 26)

Os experimentos para a concretização do rádio se aperfeiçoavam. Cada inventor contribuiu com uma parte, mas “o êxito final, no entanto, pertenceu ao italiano Guglielmo Marconi, que em 1896 patenteou o primeiro transmissor sem fios.” (ARAÚJO, 2001, p 93). Marconi também ganhou o título de inventor do rádio.

Outro fator importante que se deve citar acerca da invenção é que o rádio foi criado numa época de guerras e esse fato contribuiu para sua evolução:

A concorrência entre as nações também pode ser considerada como fator dessa aceleração, pois a hegemonia dada por Marconi à Inglaterra e que logo no início propiciou que esta instalasse em seus navios a radiocomunicação, fez que a marinha americana quisesse equipar sua armada. Marconi queria apenas arrendar os equipamentos e exigir que esses só se comunicassem com equipamentos de procedência de sua empresa para garantir o monopólio que já detinha. (FEDERICO, 1982, p. 11)

Por ter sido criado nesse período de guerras, o rádio teve um investimento muito grande para ser aperfeiçoado, já que serviu como importante arma para que comandos e tropas se comunicassem. Depois de findada a guerra, a pergunta que pairou era: qual seria a utilidade do rádio?

A resposta veio com as empresas que foram importantes para que o rádio pudesse evoluir:

A Westinghouse foi a pioneira sendo seguida de perto pela General Electric, tendo ambas instituído laboratórios especialmente instalados para a contratação de inventores e técnicos, os quais, trabalhando em conjunto, formaram o que se convencionou chamar pesquisa e desenvolvimento de produtos (FEDERICO, 1982, p. 13)

Algum tempo depois, o rádio passou a fazer parte da vida das pessoas, ainda que de forma tímida. Os primeiros programas “começaram, por mera diversão, nos EUA e na Inglaterra, as primeiras experiências de radiodifusão para transmitir apenas cantos, pequenos recitais e sons de discos gramofônicos”. (LOMBARDI, 1987, p. 184)

A partir dessas experiências, o rádio ganhou o mundo e *status* de meio de comunicação e cultura. Algumas estações foram criadas e o alcance do rádio, a partir de então, foi crescendo cada vez mais. “Quanto ao alcance, no início, uma estação, mesmo que de baixa potência, podia alcançar, em zonas não congestionadas, milhares de quilômetros de distância ultrapassando os limites territoriais e marítimos.” (FEDERICO, 1982, p.12). Em pouco tempo o rádio chegou à grande parte do mundo, inclusive ao Brasil.

De acordo com Ortriwano (1985), a radiodifusão teve início no Brasil no dia 20 de abril de 1923, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Porém, existem documentos que comprovam que, antes disso, experiências já eram feitas por alguns amadores. Em Recife, no dia 6 de abril de 1919, foi inaugurada a Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, que depois se associou a Augusto Pereira e a João Cardoso Ayres.

Segundo Ortriwano (1985, p. 14) “[...] o rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros.”

Sustentado por clubes e sociedades, o início do rádio tinha objetivos voltados aos interesses de intelectuais e cientistas, que o viam como uma forma de empreendedorismo. Sua programação era feita afim de atingir quem tivesse poder aquisitivo para adquirir o aparelho. “No início, ouvia-se ópera, com discos emprestados pelos próprios ouvintes, receitas de poesia, concertos, palestras culturais, etc.” (ORTRIWANO, 1985, p. 14)

Com a introdução das mensagens publicitárias, o que antes era de caráter erudito passa a ser popular. A publicidade fez com que as emissoras disputassem a audiência do público. Ortriwano (1985) relata que, com essa mudança, a programação sofre transformações: o que era educativo e cultural volta-se ao lazer e diversão.

O radiojornalismo brasileiro teve início por volta de 1925, mas apenas com o surgimento do Repórter Esso foi que ele ganhou maior visibilidade. Segundo informações do grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), o Repórter Esso começou nos Estados Unidos, em 1935, e chegou a 15 países se tornando referência de informação. No Brasil, foi transmitido pela primeira vez em 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Durante os quase 30 anos que ficou no ar, a síntese noticiosa conquistou a audiência brasileira dando origem ao jargão: “Se não deu no Esso, não aconteceu”

O rádio seguia uma ordem natural, saindo das grandes capitais e indo para o interior. As cidades começavam a receber os primeiros sinais e, ainda de forma tímida, o rádio chegava nas cidades mais afastadas das capitais dos estados.

No ano de 1938, nascia a primeira rádio em Presidente Prudente, fundada por Manoel Bussacos e Raul Ignácio Pires, a PRI-5, "A Voz do Sertão". Depois vieram a Rádio Caiuás de Presidente Prudente, Piratininga e a Comercial, todas AM.

Fundada pelos irmãos Arnaldo Agostinho Bussacos e Rubens Bussacos, a Rádio Comercial iniciou suas atividades no dia 13 de agosto de 1959, mas só em 1960 entrou no ar com uma programação própria, na frequência de 1440 khz e potência de 250 watts. De acordo com a Emubra (2003), a partir de 15 de Janeiro de 1996 a Rádio Comercial AM passou a integrar a Rede Bandeirantes de Rádio transmitindo programas via satélite com som digital.

A Comercial, desde o início, contou com uma programação variada. Programas esportivos, musicais e de jornalismo marcaram e continuam presentes na grade da emissora.

Segundo a enciclopédia Emubra (2003):

Foram seus principais radialistas: Osvaldo Torino, Álvaro Portel, Neif Taiair , Nilton Mescoloti, Irany de Souza, Geraldo Soller, Camel Farah, Ananias Pinheiro, Reginaldo Nunes, Sinésio de Souza, Nhô Nico e Celestino, Homéro Ferreira, Luiz Semensati, Douglas Perez e Sinomar Calmona. (EMUBRA, 2003)

Atualmente, a rádio está sob o comando da família Mescoloti. Nilton Mescoloti é o diretor proprietário e seu filho Maurício Mescoloti tem a função de diretor administrativo. Nesse projeto, ambos servirão como referência para obter dados e informações sobre o veículo. Além das entrevistas serão utilizados documentos e arquivos do Centro de Memória do Rádio Prudentino para dar fundamentação à pesquisa.

No próximo capítulo será abordada a história, conceitos e as principais características do rádio.

5 O RÁDIO

De todos os meios de comunicação de massa, aquele que consegue ter um maior alcance, não só do ponto de vista geográfico, mas em relação à aproximação com o público, é o rádio. Como salienta McLuhan (2009, p. 336), “o rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte”. Como forma de conceituar o que é rádio, Federico (1982) diz que todas as telecomunicações, que são transmitidas por ondas de rádio, podem ser designadas por radiocomunicações, ou simplesmente rádio.

Assim como todos os meios de comunicação, o rádio possui lucro e despesas, sendo um negócio, que faz parte da indústria difusora. Esse conceito é importante para se entender que há regras a serem respeitadas e objetivos específicos que devem ser levados em consideração sobre o veículo.

Para que tenhamos idéia da dinamicidade do ambiente da indústria radiodifusora, basta lembrar que além de atender aos objetivos e finalidades básicas estipulados no Código, há que atender aos anseios e expectativas de um público heterogêneo e territorialmente disperso; em termos econômicos tem como missão divulgar e vender produtos da indústria, do comércio e da agricultura, constituindo-se em propiciadora do consumo e conseqüentemente da produção, o que por sua vez leva ao desenvolvimento. (FEDERICO, 1982, p. 7)

O rádio utiliza vários mecanismos para conquistar e manter o ouvinte. Sua maneira de garantir que o emissor receba as informações com qualidade é diferente dos demais meios.

O locutor de rádio se comunica com o seu público. Para manter a atenção de seus ouvintes enquanto transmite os acontecimentos do dia, ele usa, além de suas palavras, música e efeitos de som. Um complexo mecanismo tecnológico – a emissora – leva suas palavras até milhões de receptores de tal modo que as recebam simultaneamente. (BORDENAVE, 2010, p. 37-38)

O rádio foi responsável por interligar o mundo, diminuir distâncias, ou como diz Bordenave (2010, p. 30), ele “estendeu a voz do homem através das montanhas e desertos, até os lares mais humildes e isolados.”

Um dos pontos fundamentais que se pode apontar para o sucesso do rádio foi justamente sua capacidade de “falar” com todos, sem a

necessidade de quase nenhum aparato tecnológico fora o próprio aparelho, nem a necessidade de estudo, capacidade intelectual. Basta o simples fato da pessoa ouvir. Sartori; Grazzini (1987) explicam que “o rádio é o único verdadeiro meio de comunicação de massa difundido nos países em desenvolvimento e capaz de falar a ilimitadas massas analfabetas.” (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 240). Independente da língua, da região, a pessoa que escuta o rádio passa pela experiência única, que nenhum outro meio de comunicação de massa pode proporcionar.

Contudo, a dimensão sonora emocional do rádio, a capacidade de fazer sentir do usuário a universal presença humana (mesmo que só através da música de fundo) e de ajudar a vencer as novas solidões que ameaçam os indivíduos na sociedade da comunicação eletrônica, transformam-no num meio original, com um espaço próprio e preciso que não pode ser preenchido por outras mídias. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 244)

Todo esse conceito de rádio surgiu bem no início, e foi se aperfeiçoando de acordo com o avanço da tecnologia e experiência dos profissionais. Isso fez com que ele se adaptasse e evoluísse desde o seu surgimento, conforme a necessidade. Algumas características nasceram, outras foram aperfeiçoadas. De forma geral, como explica Lombardi (1987), o rádio, assim como a TV, não poderia competir com o jornal impresso, já que “[...] apresentavam as informações de maneira muito rápida e tudo aquilo que ouvinte ou telespectador não captava, por distração ou por incompreensão, estava perdido para sempre.” (LOMBARDI, 1987, p. 190). O que o rádio fez, então, foi assumir uma organização diferente, se adaptar e passar a “[...] ser, talvez, o mais flexível dos meios de comunicação de massa, sem dúvida o que mais facilmente se adapta às novas necessidades de comunicação que caracterizam nossa época.” (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 215)

Algumas características são intrínsecas ao rádio, como a velocidade na transmissão da mensagem, uma área de abrangência maior, que faz com que a mensagem atinja um elevado número de pessoas. Federico (1982) destaca que o rádio pode oferecer, instantaneamente e imediatamente, informação e entretenimento, capaz de atender a todas as camadas da população, tanto em relação à faixa etária, quanto em relação a diferentes classes sócioeconômicas.

Além disso, Federico (1982) aponta, ainda, que os acontecimentos transmitidos pelo rádio são de toda natureza e, independente de fatores locais, regionais, nacionais e internacionais, a única exigência é que “a radiodifusão deve atender (teoricamente) à massa de ouvintes e telespectadores mas deve se ater aos imperativos culturais, legais, financeiros e às ações dos concorrentes”. (FEDERICO, 1982, p. 152)

Para Barbosa Filho (2009), o rádio possui, ainda, outras características específicas, que fazem dele um meio de comunicação de massa único. Ele aponta seis características que contribuem para o rádio ter toda essa capacidade de interação com o ouvinte. A primeira é a sensorialidade, que faz despertar a imaginação do ouvinte para o que está sendo dito, faz com que crie na sua mente uma visualização do fato, já que “por tratar-se de um meio “cego”, a sua linguagem estimula a imaginação, envolve o ouvinte, convidando-o a participar da mensagem por meio de um ‘diálogo mental’.” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 45). A penetração é outra característica importante apontada por Barbosa Filho (2009):

Sem grandes complicações tecnológicas, o rádio tem a vantagem de poder falar para milhões de pessoas, o que marca a era da radiodifusão (transmissão e dispersão da informação produzida que abrange indivíduos, grupos e estratos sociais em todo mundo). O satélite é fundamental para assegurar essa característica. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 45-46)

Uma das mais importantes características do rádio, que nenhum outro meio consegue ter com a mesma intensidade é a instantaneidade. Barbosa Filho (2009) diz que no rádio, ao mesmo tempo que se fala para milhões, é como se estivesse falando para o indivíduo em particular.

As palavras, a forma de falar, são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas. O tom íntimo das transmissões, representado pelas expressões “amigo ouvinte”, “caro ouvinte”, “querido ouvinte”, proporciona uma aproximação e uma intimidade únicas, fazendo do rádio um veículo companheiro. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 46-47)

Outra característica marcante, como explica Barbosa Filho (2009), é a questão do imediatismo, já que o rádio é sempre o primeiro a estar no local dos fatos, no momento que acontece, imediatamente.

A mobilidade também é importante e trabalha em conjunto com o imediatismo. “Livre de fios e tomadas, o rádio pode ser levado a qualquer lugar. Isso faz dele uma mídia pessoal e que pode ser ‘ouvida’ onde o receptor desejar.” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 48)

Por último, Barbosa Filho (2009) explica uma das características mais marcantes do rádio: a função social.

[...] o rádio possui uma importante função social: atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde a sua gênese vem se firmando como um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que em muito contribui para a história da humanidade. Deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 49)

5.1 Um Pequeno Relato sobre a Evolução da Radiodifusão

Quando se fala em rádio, não se pode precisar uma data oficial, nem mesmo apenas um inventor, como é o caso de outros meios de comunicação, por exemplo. Isso se dá pelo fato de que o rádio não é uma invenção que nasceu completa e sem mudanças. O que se percebe é que o rádio foi evoluindo conforme o tempo foi passando. Pode-se dizer que as bases para o rádio foram criadas ainda com o surgimento da telegrafia. Conforme McLuhan (2009, p. 280-281), em 1844, Samuel Morse já havia inaugurado uma linha telegráfica entre Washington e Baltimore; essa tecnologia (telégrafo) apresentou um crescimento muito rápido. “Em 1858, o primeiro cabo submarino já cruzava o Atlântico; em 1861 os fios telegráficos já atravessavam a América.” (MCLUHAN, 2009, p. 280-281)

O rádio se desenvolveu através dos experimentos com a telegrafia.

[...] invenção do rádio podem ser localizadas entre 1850 e 1900 com o desenvolvimento da telegrafia por fio, da telegrafia sem fio e da radiocomunicação em geral. Localiza-se mais precisamente em 1896, quando da primeira transmissão do sem fio (ainda emitido em código MORSE). A rapidez com que chegou a alcances cada vez maiores na recepção do sinal demonstra que os esforços despendidos e recursos empregados tiveram respostas em curto espaço de tempo. Enquanto o telefone levou cerca de oitenta anos para se desenvolver plenamente, o rádio o fez em menos de vinte e cinco anos. (FEDERICO, 1982, p. 11)

Outro experimento que também desempenhou um papel importante na história do rádio foi o fonógrafo. De acordo com Lombardi (1987, p. 183), no final do ano de 1870, Edison já tinha conseguido gravar e conservar a voz humana, um dos princípios do rádio.

Se o rádio não possuía um inventor oficial, nem mesmo uma data que o representasse, conseguiu esse feito através do cientista italiano Guglielmo Marconi, que:

[...] em 1894 através da célebre experiência de Pontecchio, realizada por Guglielmo Marconi, quando o renomado cientista italiano conseguiu captar, através de uma antena receptora por ele criada, os sinais do alfabeto Morse provenientes de um transmissor rudimentar localizado a algumas centenas de metros de distância: era a prova de que a perturbação eletromagnética das ondas hertzianas podia ser captada sob a forma de sinais, amplificada e retransmitida a distância como sinal análogo. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 217–218)

Marconi “[...] patenteou a sua descoberta em 1896, prosseguindo com as pesquisas a fim de melhorar a potência e a confiabilidade dos aparelhos receptores e transmissores”. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 218) Mas muito se discute a respeito da paternidade do rádio ainda hoje, já que, as experiências sobre a radiodifusão tinham começado anteriormente. Um padre brasileiro fez um experimento antes de Marconi. De acordo com Agostinelli (2012), Roberto Landel de Moura fez transmissões em Mogi das Cruzes, em Campinas e em São Paulo, no ano de 1892, ou seja, quatro anos antes dos experimentos de Marconi. Mas o fato é que, quem ficou com o crédito e título de inventor do rádio foi o italiano Guglielmo Marconi, pois foi ele quem patenteou a invenção antes dos demais.

O que ninguém esperava e que fez toda a diferença para que o rádio ganhasse força foi à guerra. “O advento da radiodifusão se deu justamente no intervalo entre as duas guerras mundiais, tendo sido por isso beneficiado e prejudicado por elas”. (FEDERICO, 1982, p. 13). Já nos primeiros anos de existência da radiodifusão, aconteceu a Primeira Guerra Mundial, e o rádio foi utilizado como instrumento militar. “O rádio fez sua estréia aeronáutica em aviões de combate e o exército norte-americano alcançou, por meio da radiotelegrafia, Paris e, no longínquo Havaí, a cidade de Honolulu.” (COSTELLA, 2002, p.166). Foi com o advento da Primeira Guerra que o rádio

passou por mudanças significativas em relação a deixar de ser apenas um instrumento de guerra e se modificar para se tornar algo a mais. O rádio já tinha provado que era importante como instrumento bélico, “o governo norte-americano, já no final do primeiro conflito mundial, tinha total consciência da importância estratégica, militar e política das comunicações para a manutenção da soberania nacional”. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 221)

O que faltava ao rádio era se firmar, não só como instrumento de guerra, mas como veículo de comunicação. “Apesar de todos os problemas, nunca a ciência e a tecnologia estiveram tão próximas e coesas, unindo a indústria, o inventor e os governos, cuja aproximação ajudou a aceleração do desenvolvimento do novo veículo de comunicação.” (FEDERICO, 1982, p. 13)

De acordo com Lombardi (1987, p. 184), no dia 15 de junho de 1920 houve um fato importante que fez com que rádio se tornasse útil ao grande público e fosse considerado um novo meio de comunicação. Isso porque foi irradiada, nesse dia, uma apresentação da cantora Nellie Melba, já antecipando uma característica de entretenimento que o rádio possui até hoje. Ainda de acordo com Lombardi (1987, p. 184), no ano seguinte, na Marconi House de Londres, entrava em atividade uma das primeiras estações europeias de radiodifusão, e isso representava um modo diferente de comunicação.

Entre 1922 e 1924, uma interminável série de experiências realizadas por Marconi iria levar mais tarde a resultados magníficos. A técnica da radiocomunicação foi inteiramente transformada com a utilização das ondas curtas. Finalmente, não só era possível estender seu alcance a maiores distâncias terrestres, como também abria-se lugar para dezenas de milhares de novos canais de comunicação destinados a modificar o modo de vida de toda humanidade. (LOMBARDI, 1987, p. 184)

Algumas empresas enxergaram no rádio importante negócio e viram que faltava o óbvio para que ele se transformasse em algo muito maior, com potencial: aparelhos radiofônicos, capazes de captar o que as antenas estavam transmitindo nos experimentos que eram realizados em todo o mundo. Federico (1982) explica que algumas companhias, como a *Westinghouse*, que foi a pioneira, seguida pela *General Electric*, criaram laboratórios que tinham

como objetivo reunir técnicos, inventores, para trabalharem em conjunto para desenvolver produtos e pesquisar mais sobre o rádio.

Assim como o rádio, os aparelhos radiofônicos também foram objetos que se aperfeiçoaram e evoluíram.

A invenção dos primeiros aparelhos radiofônicos surgiu no desenvolvimento da teoria das ondas eletromagnéticas. Baseado nos estudos sobre a eletricidade realizada por Ampère, Ohm e Faraday, o escocês Maxwell em 1864 já tinha elaborado uma teoria general das ondas eletromagnéticas que demonstrava a sua afinidade com ondas luminosas. Mas o avanço fundamental para a comunicação a distância sem fios foi a descoberta, feita pelo alemão Hertz, em 1887, da possibilidade de difundir no espaço uma perturbação eletromagnética. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 217)

Agora que possuía experimentos capazes de transmitir aquilo que queria, como eventos esportivos, lutas de boxe, com atletas mundialmente conhecidos, como explica Federico (1982), o rádio também era capaz de chegar na casa das pessoas através dos aparelhos. A partir daí, o rádio foi se difundindo como importante meio de comunicação de massa.

Poucas realizações humanas lograram sucesso tão rápido e êxito tão retumbante quanto a radiodifusão. Em apenas uma década ela conquistou todas as regiões civilizadas do globo terrestre. Variou em alguns aspectos, conforme o lugar, a forma de seu desenvolvimento. (COSTELLA, 2002, p.167)

O sucesso do rádio foi tão grande que, em pouco tempo, passou a ser indispensável na casa dos ouvintes. Conforme explicam Sartori e Grazzini (1987), passou a ser um eletrodoméstico e muito importante para as famílias. Em 1921, as vendas de aparelhos receptores alcançaram a cifra de 5 milhões de dólares e, em 1928, passaram para 650 milhões de dólares. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 223). Outro fator importante na história do rádio é que o sucesso foi tão grande que, muitas rádios começaram a surgir. “Em 1921 havia 50 mil radioamadores, em 1922 já eram 600 mil, em 1925 alcançam os 4 milhões e, finalmente, os 6 milhões em 1927”. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 222). Isso se deve ao fato de que, como aponta Federico (1982), o número de aparelhos vendidos estimulava o surgimento de novas emissoras, consolidando o rádio como o meio de comunicação do momento.

Colhendo os frutos do sucesso, o novo veículo ainda precisava de algo que o impulsionasse e o fizesse expandir de vez. Isso ocorreu com a entrada da publicidade no rádio. Nos primeiros anos da década de 1930, as empresas, segundo Sartori e Grazzini (1987), começaram a enxergar o rádio como um instrumento de propaganda e não apenas como um instrumento de diversão musical. Isso só foi possível, de acordo com os mesmos autores, por causa da criação de redes de alcance nacional, outro alicerce do modelo radiofônico (e televisivo) norte-americano que mais tarde se consolidou em todos os países onde surgiram rádios comerciais. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 223). Esse processo teve início nos Estados Unidos.

[...] Até então administradas com prejuízo por instituições educativas e culturais, por diletantes apaixonados, ou em menor escala por indústrias e por lojas de aparelhagens radiofônicas interessadas em incrementar as vendas. Quem teve uma ótima ideia foi a ATP: resolveu alugar os estúdios e os transmissores aos usuários que desejassem fazer publicidade de seus produtos. A primeira experiência foi realizada com sucesso pela estação Nova-Iorque WEA, em 28 de agosto de 1922. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 222)

A partir da inserção da publicidade e propaganda no rádio mundial, no início da década de 1930, o veículo ganhou força e se consolidou. Além disso, “o número de ouvintes aumentou sem parar, e ele assumiu um papel central no imaginário coletivo e na informação de massa”. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 236)

Ainda nesse processo de evolução, mais um capítulo foi escrito. Por volta de 1948/1949, conforme descrevem Sartori; Grazzini (1987), os laboratórios da empresa *Bell* anunciaram a descoberta dos transistores, que são minúsculos semicondutores capazes de substituir as enormes válvulas a vácuo como amplificadores, moduladores e reveladores de ondas e correntes elétricas. Essa invenção foi completamente fundamental para garantir ao rádio algumas de suas características mais marcantes, como a mobilidade.

A invenção do transistor, em 1947, transformou o rádio num instrumento amplamente acessível devido ao seu fácil manuseio e baixo preço. Notícias e ideias puderam, assim, alcançar grande parte da população que não sabia ler devido ao analfabetismo disseminado e contribuir diretamente para o desenvolvimento dos processos políticos e militares de enorme alcance. (LOMBARDI, 1987, p. 184)

Outros importantes avanços, que foram fundamentais para o aperfeiçoamento do rádio e que podem ser citados, como apontam Sartori e Grazzini (1987), “[...] o aperfeiçoamento dos aparelhos receptores, a invenção do gravador por obra da firma alemã AEG e a utilização das ondas em frequência modulada prometiam dar um novo impulso ao rádio.” (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 236). Mas o advento de outro poderoso meio de comunicação atrapalhou o crescimento acelerado que o rádio vinha mostrando. A televisão, como esclarecem Sartori e Grazzini (1987) modificou, sensivelmente, o papel do rádio em todos os níveis: no imaginário coletivo, no plano informativo e industrial. Com o avanço da televisão, o rádio teve que ser reiventado.

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. (MCLUHAN, 2009, p. 335)

O rádio passou a investir em áreas onde a televisão não poderia avançar. Investiu na linguagem, na capacidade de ganhar o ouvinte pela emoção. Sabendo que não poderia brigar com a concorrente que estava tendo papel importante no mundo, o rádio soube se adaptar.

Fortalecido com este ‘salto tecnológico’, o rádio reagiu com extrema elasticidade ao predomínio televisivo, transformando-se de meio de atenta audiência familiar para meio de distraída audiência individual, um meio de comunicação ao alcance de qualquer pessoa, que pode ser levado para qualquer lugar, em viagem, no carro, no trabalho. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 237)

Apesar de todas as investidas da televisão, o rádio ainda hoje mantém suas características. Os profissionais, através de sua experiência souberam aproveitar-se dos pontos positivos bem definidos que o veículo conserva. Assim como explica Sartori e Grazzini (1987), “os sinais do rádio ultrapassam instantaneamente qualquer fronteira e são receptíveis tanto pelo analfabeto como pelo letrado, pelo rico como pelo pobre”. (SARTORI; GRAZZINI, 1987, p. 235). Essa característica é conhecida como penetração, que permanece ainda ativa e é fundamental ao veículo.

As experiências com o rádio no Brasil surgiram, como já foi explicado, na mesma época que Marconi encaminhava seus próprios experimentos. Conforme Federico (1982) explica, “em 1922, numa investida da estratégia de busca de novos mercados, a *Westinghouse* enviou, a título de demonstração, duas estações transmissoras de 500 w ao Brasil”. (FEDERICO, 1982, p. 15). Assim começaram as primeiras experiências oficiais com os serviços de radiodifusão, mesma época em que foram marcadas as primeiras transmissões experimentais em todo o mundo.

No Brasil, o rádio, embora fosse conhecido antes por alguns amadores, tornou-se um fato de domínio público em 1922. Nesse ano realizou-se no Rio de Janeiro uma grande exposição internacional em comemoração ao Centenário da Independência. A ‘*Westinghouse*’, participante do pavilhão dos Estados Unidos, apresentou uma emissora, cujo transmissor de 500 watts foi instalado no alto do Corcovado e, sob o prefixo SPC, fez emissões de músicas e locuções captadas em 80 receptores importados para a ocasião e distribuídos em vários locais da exposição e da cidade, inclusive com o emprego de alto-falantes. (COSTELLA, 2002, p. 177)

Portanto, já nessa época, conforme aponta Federico (1982), alguns profissionais como telegrafistas, radiotelegrafistas (amadores e profissionais) e intelectuais se reuniam em “sociedades denominadas Rádio Sociedades e Rádio Clubes onde eles discutiam os avanços da radioeletricidade, da radiotelegrafia e da radiotelefonia [...]”. (FEDERICO, 1982, p. 32). Num desses clubes, a radiodifusão teve início no Brasil, sendo fundada pelos idealistas Edgard Roquette-Pinto e Henry Morize (os autores utilizados na pesquisa afirmam que o nome de Morize é Henry, mas segundo Homero Ferreira, professor na disciplina de radiojornalismo, o correto é Henrique Morize), que de acordo com Federico (1982) anteviram o potencial que o veículo tinha. Então “a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nasceu a 20 de abril de 1923, tendo sido fundada na Academia Brasileira de Ciências da qual os fundadores faziam parte”. (FEDERICO, 1982, p. 35)

Essa emissora, de início com o prefixo PRA-A e, depois, PRA-2, teve como sede inicial a Academia Brasileira de Ciências, o que não é de estranhar uma vez que seus fundadores, Roquete Pinto e Henry Morize, eram homens do mundo científico. (COSTELLA, 2002, p.177)

Depois do Rio de Janeiro, São Paulo não queria ficar para trás e se esforçou para instalar sua rádio. E foi em 30 de novembro de 1923, de acordo com Federico (1982), que surgiu a 'Sociedade Rádio Educadora Paulista', cujos ideais estavam também ligados à educação.

Nessa época, o rádio era bem diferente do que se percebe nos dias de hoje. No seu início, era voltado para as elites e se preocupava com a questão da educação. De acordo com Federico (1982), nessa época era comum os saraus eletrônicos, onde prevaleciam a música erudita, a alta literatura e o discurso científico". (FEDERICO, 1982, p. 38). Outro fator importante, que reforçava seu caráter erudito, era o preço dos equipamentos.

Uma vez que os equipamentos ainda eram caros, a popularidade no rádio não constituiu um elemento que o acompanhou desde a sua implantação no Brasil. Como qualquer meio tecnológico em sua fase inicial, foi um "meio de elite". Os aparelhos receptores eram importados, o que dificultava ainda mais o seu barateamento. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 39)

Além do preço dos equipamentos e a escassez dos mesmos para a compra, outro ponto que dificultava a vida do ouvinte era que, "[...] além da taxa de contribuição à emissora, os ouvintes tinham que preencher formulários, pagar taxas ao Governo e mandar confeccionar planta com esquema do receptor". (FEDERICO, 1982, p. 47)

Mesmo com todas as dificuldades, o rádio ganhava força no país a cada dia e se encaminhava para se tornar o importante meio de comunicação de massa que é hoje. "Por volta de 1925, a Rádio Sociedade já emitia três jornais falados, além do 'Jornal da Manhã', efetivado por Roquette, que comentava as notícias dando um cunho de jornalismo interpretativo." (FEDERICO, 1982, p. 38). Já em 1926, a Rádio Sociedade contava com várias edições do "Jornal Falado", além de comentários sobre várias editorias, de acordo com Federico (1982):

Programas de vários gêneros foram sendo introduzidos, como as transmissões esportivas, principalmente corridas de automóvel e futebol na Educadora e Record de São Paulo, na Rádio Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, onde programas turísticos eram transmitidos diretamente da Gávea. (FEDERICO, 1982, p. 54)

O rádio brasileiro também teve na publicidade sua grande aliada. De acordo com Barbosa Filho (2009), “em 1º de março de 1932, o Decreto nº 21.111 autorizou a inserção publicitária, regulamentando o Decreto nº 20.047, de maio de 1931 – primeiro diploma legal sobre a radiodifusão, surgido nove anos após a implantação do rádio no País.” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 41). Assim, ainda de acordo com o mesmo autor, o Estado passou a ter maior ingerência sobre o serviço de radiodifusão. “O governo definia a radiodifusão como serviço de interesse nacional e de finalidade educativa.” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 41). E esse avanço foi importante para que o rádio brasileiro ganhasse força.

Com a instituição efetiva e marcante da publicidade, as emissoras começaram a ter uma programação mais agressiva, com apelos à massa e foi deflagrado um sistema competitivo, onde valia tudo e onde o poder econômico mais alto vencida (FEDERICO, 1982, p. 58)

Com isso, houve a profissionalização no rádio, que antes era feito a base de improviso e sem recursos. De acordo com Federico (1982), com a inserção da publicidade no rádio, as emissoras que se destacaram junto ao público ouvinte começaram a ter maior ganho financeiro e passaram, então, a investir na profissionalização de uma forma geral.

A programação passou a ter horário certo e, como um todo, começou a ser distribuída de modo racional no tempo. A ampliação de emissões requereu investimentos e contratações de ‘casts’, como então se denominavam as equipes de artistas e produtores. Os programas passaram a ser previamente organizados e redigidos por profissionais atraídos de outras áreas: jornalistas, dramaturgos, publicitários, etc. A escolha musical foi abandonando os altos píncaros das sinfonias e das operas, tão caras à elite, para agradar ao maior número, popularizando-se. (COSTELLA, 2002, p.181)

Com a profissionalização do rádio brasileiro, foi possível que os profissionais provassem ter capacidade de cobrir importantes acontecimentos do país, da região e até mesmo acontecimentos políticos internacionais. O grande teste foi feito na Segunda Guerra, quando os veículos brasileiros, principalmente o rádio, eram os responsáveis por levar as notícias ao ouvinte que necessitava dessas informações. O “Repórter Esso”, talvez seja o mais importante e marcante nessa época. Era um “programa memorável que

também recolhia a todos para junto dos radiorreceptores, não deixando ninguém nas ruas após o toque marcial de fanfarras e clarins que era seu prefixo.” (FEDERICO, 1982, p. 76). De acordo com Jung (2013), nas primeiras décadas do rádio, grandes empresas estrangeiras, que tinham intenção de firmar a imagem no país associavam a marca ou o nome a determinado programa no rádio. O mais importante sem dúvida foi o “Repórter Esso”.

Às 12h55 de 28 de agosto de 1941, fanfarra e clarins, transformados em marca registrada do noticiário, tocaram para a estréia do Repórter Esso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro: Prezado ouvinte, bom dia. Aqui fala o Repórter Esso, testemunha ocular da história, apresentando as últimas notícias da UPI. (JUNG, 2013, p. 31)

O rádio brasileiro, seguindo a ordem de todas as emissoras de rádio do mundo, sofreu com o advento da televisão. Mas, assim como as demais, soube aproveitar-se e investir, como explica Costella (2002), em atender às necessidades de fatias daquele público geral que perdera para a TV. Mas é importante salientar, conforme explica Costella (2002), “em 1970, eram 10 milhões os domicílios brasileiros com rádio, contra cerca de 40 milhões em 1999, o que lhe garante presença em mais de 90% de nossos lares.” (COSTELLA, 2002, p.186)

A primeira emissora de rádio do interior do Brasil, conforme aponta Jung (2013), surgiu em 1925, no Rio Grande do Sul. A Rádio Pelotense nasceu no “estado que se transformaria em pólo importante da radiodifusão – não bastasse ter sido a terra de onde saiu Landell de Moura.” (JUNG, 2013, p. 25)

Em Presidente Prudente chegou mais precisamente no ano de 1938, através de dois amigos.

No ano de 1938, dois amigos, Manoel Bussacos, e o gerente do Banco Sul América, Raul Ignácio Pires, sentiam que a cidade já tinha o porte suficiente para ter sua própria emissora de rádio. Resolveram formar uma sociedade, em que Bussacos entraria com a maior parte dos recursos, e Pires levantaria o restante no banco em que trabalhava. Nascia a Rádio PRI-5, “A Voz do Sertão”, a mais antiga da cidade. (EMUBRA, 2003)

Por ser a primeira da cidade, a Rádio Difusora, conhecida como PRI-5, investia bastante nos seus profissionais. De acordo com a enciclopédia Emubra (2003), a rádio foi responsável por formar nomes de peso na região, como Carlos de Arruda Campos, Flávio Araújo, Geraldo Soller e até mesmo a dupla Nhô Nico e Celestino, que era considerada a maior dupla sertaneja da região na época. A rádio participou, ativamente, de vários processos pelos quais a cidade passou durante os anos.

Outra rádio importante para a cidade é a Rádio Presidente Prudente, que de acordo com o enciclopédia Emubra (2003), foi fundada em 1954, por Hélio Cyrino e os irmãos Platzeck. Ainda sobre a Rádio Presidente Prudente:

Participando de uma concorrência promovida pelo Dentel, a Rádio Presidente Prudente AM foi aquinhoadada com um canal de emissora FM, hoje conhecida como 101 FM, funcionando no mesmo local onde está a emissora mais antiga do grupo. (EMUBRA, 2003)

Pode-se citar ainda, para falar a respeito das rádios prudentinas, a Rádio Piratininga, que foi inaugurada em 1962. De acordo com a enciclopédia Emubra (2003), ela era componente da maior rede de rádios do interior brasileiro e era de propriedade do médico Miguel Leuzi Filho, que depois passou a concessão para um grupo religioso, que também transferiu a concessão para um empresário paranaense, que mudou sua denominação para Rádio Cidade.

A Emubra (2003) também aponta outras rádios importantes, que fizeram parte da história da radiodifusão em Presidente Prudente como a Rádio Diário de Presidente Prudente, que foi fundada na década de 1980, pelo professor Agripino de Oliveira Lima Filho, a rádio Cidade, a Presidente Prudente e a rádio Comercial, que são AM.

Da safra mais recente, pode-se citar a Rádio 91 FM, que foi fundada em 1990, na frequência 106,7 – a 250 watts de potência. Hoje, a rádio é conhecida como 99,9 FM.

A Rádio Difusora, hoje é arrendada para uma rádio evangélica, era competitiva de mercado, empregava muitos profissionais. A Rádio Piratininga que se transformou em Rádio cidade e depois fechou. Rádio Presidente Prudente, uma rádio muito prestigiada com programas de auditório. E a Rádio Comercial. Essas eram as emissoras AM. (FERREIRA apud AGOSTINELLI, 2012, p. 36)

A Rádio Comercial também tem um papel fundamental na história da radiodifusão prudentina, mas por se tratar do objeto de estudo dessa pesquisa, sua história será tratada em capítulo a parte, onde será aprofundada para uma melhor compreensão.

Após apresentar a história do rádio, tanto no mundo, quanto no Brasil e em Presidente Prudente, o próximo capítulo abordará a história da Rádio Comercial, com os fatos mais importantes, os principais funcionários e assuntos de interesse geral.

6 A RÁDIO COMERCIAL

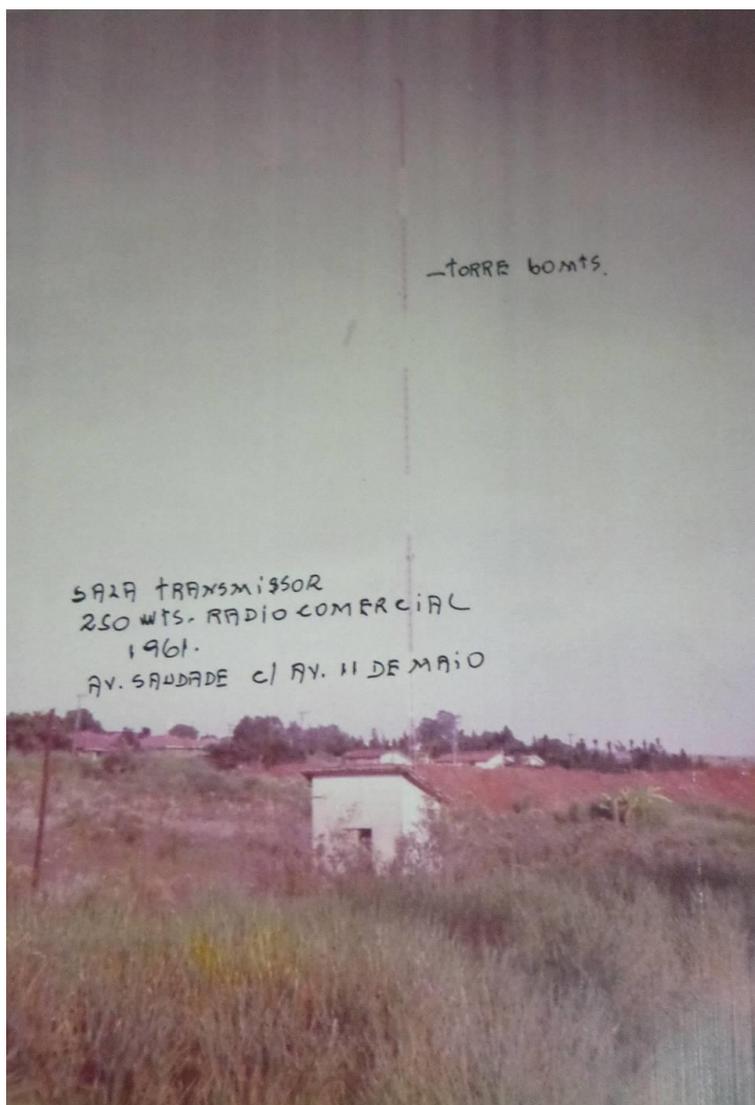
A história da Rádio Comercial AM de Presidente Prudente teve início no ano de 1959, quando os irmãos Arnaldo Agostinho Bussacos e Rubens Bussacos decidiram pela implantação. Eles já conheciam o ofício, passado através do pai deles, Manoel Bussacos, que foi o pioneiro da radiodifusão prudentina. Manoel Bussacos, era, de acordo com o Emubra (2003), gerente do Banco Sul América do Brasil e, juntamente com o amigo Raul Ignácio Pires, fundaram a primeira rádio de Presidente Prudente, a PRI-5, “A Voz do Sertão”. Filhos de um dos fundadores do segmento radiofônico na cidade, os irmãos Bussacos fundaram a Rádio Comercial no dia 13 de agosto de 1959, mas foi no ano seguinte, 1960, que entrou no ar pela primeira vez, no dia 6 de junho, na frequência 1440 KHZ e com uma potência de 250 watts. Sobre o nome, o dono atual, Nilton Mescoloti, que é diretor proprietário conta que não sabe ao certo qual o motivo dela se chamar “Comercial”, mas tem um palpite. “[...] surgiu por causa da Vila Comercial que nós temos em Presidente Prudente [...]” (MESCOLOTI, N., 2013)

A Comercial surgiu com a proposta de ter uma programação variada, que mantém até os dias de hoje. Programas jornalísticos, musicais e de esporte fizeram parte da sua história e continuam fazendo parte do cotidiano do veículo. A Rádio Comercial passou por alguns locais, desde a fundação, até os dias atuais. De acordo com o diretor Mescoloti, N. (2013)

A Rádio Comercial começou mesmo quando foi inaugurada a torre instalada onde hoje é a Avenida da Saudade, esquina com a 11 de Maio. Ali era a torre e já foi feito um aproveitamento e instalaram o próprio estúdio ali mesmo. Então funcionou por alguns meses o estúdio junto com as torres de transmissões, junto com os transmissores. Ficou funcionando ali mais ou menos uns três meses, inclusive eu tive a oportunidade de trabalhar na época ali, fazer jornal falado ali nesses estúdios (MESCOLOTI, N., 2013)

De acordo com o dono atual da rádio, o local era de difícil acesso, cercado por chácaras, e, quando chovia, ficava inundado e havia muita lama.

FIGURA 1 – Primeiro estúdio da Comercial



Fonte: Centro de Memória do Rádio Prudentino

Após esse período, a rádio foi instalada na Rua Barão do Rio Branco, de acordo com Mescoloti, N. De lá, a Comercial foi transferida para a Rua Felício Tarabay e, logo após, passou pela Rua Siqueira Campos, ambas na região central de Presidente Prudente.

A rádio foi instalada no “Calçadão” (Rua Tenente Nicolau Maffei, nº 121, 1º andar) no dia 2 de março de 1979 e contou com a presença do Ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, conforme fotos (ANEXO B).

Em fevereiro de 1988, teve início a construção de novo prédio que iria abrigar as atuais instalações. As obras foram finalizadas em meados de

fevereiro de 1989, mas foi apenas no dia 28 de março de 1989, exatamente às 19h que a Rádio Comercial iniciou as transmissões no novo endereço, onde permanece até hoje: na Avenida Manoel Goulart, nº 291, no centro de Presidente Prudente.

Mudanças na direção também fizeram parte da história da Rádio Comercial. De acordo com o site Emubra (2003)

Os irmãos Bussacos transferiram sua concessão ao prudentino José Rotta, na época presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo. Rotta, por sua vez, passou a sua direção para o seu sobrinho Ernesto Coquemala, que vendeu parte da emissora ao radialista Nilton Mescoloti.

De acordo com Mescoloti, N. (2013) desde que começou na radiodifusão, ainda jovem, o grande sonho da sua vida era se tornar proprietário de uma emissora de rádio. “As emoções que eu tenho é de ter muitos profissionais dedicados, que me ajudaram também. E a continuidade das emoções foi que a minha família, meus filhos, estão dando continuidade ao meu trabalho [...] (MESCOLOTI, N., 2013)

Segundo a Emubra (2003), em 1979, a Rádio Comercial saiu vitoriosa para ganhar a concessão de um canal FM para Presidente Prudente. Em entrevista, Mescoloti, N. (2013) conta que a sociedade com Ernesto Coquemala durou cerca de 12 anos. “Eu e o Ernesto fundamos a FM, a Comercial FM, a Comercial 2 e depois de algum tempo a gente tinha que passar a administração pros (sic) nossos filhos, então resolvemos dividir a sociedade. Ele continuou com a FM e eu continuei com a Comercial AM” (MESCOLOTI, N., 2013) A Comercial 2, que se refere o mesmo autor, atualmente é conhecida como Rádio 98 FM.

A Rádio Comercial passou por várias transformações. Nas fases de mudanças, de acordo com José Cidalino Carrara (2013), percebeu-se que o ouvinte não queria ouvir muito papo, nem grandes discussões, mas estava interessado em receber “bons recados”, boa comunicação, mas com o tempo marcado. Essa nova programação, de acordo com Carrara (2013) era praticamente feita em São Paulo e executada na Rádio Comercial. Isso fez também com que a rádio desse “[...] uma guinada muito grande no seu setor de

jornalismo, por que a programação exigia. Exigia um jornalismo bem atuante, bem mais próximo do povo.” (CARRARA, 2013)

A Rádio Comercial, de acordo com informações de Carrara (2013), sempre foi uma emissora musical. “Eu me lembro, quando começou, ela tinha três comerciais por intervalo, o resto era música. Falava-se muito pouco.” (CARRARA, 2013). Essa é interpretada como a primeira grande fase da Comercial. Já em meados de 1975, houve algumas mudanças, principalmente em relação ao conteúdo. Continuava falando-se pouco, mas estabeleceu-se uma programação mais completa. De acordo com Carrara (2013), as informações eram transmitidas de forma rápida, com notícias curtas. “Então, a grande mudança na Rádio Comercial eu acredito que foi essa: quando ela passou a ter a programação LC, a programação que era praticamente feita em São Paulo e nós executávamos em Presidente Prudente.” (CARRARA, 2013)

Nesse período, houve a grande evolução no jornalismo que era praticado na rádio. Para o radialista Eugênio Wolfgang Bendrath Júnior (2013), o jornalismo que se fazia nessa época era uma cópia do que se fazia nas capitais. O mesmo autor explica que os profissionais juntavam o material de jornal, rádio e televisão e apresentavam todos os dias às sete horas da manhã. Isso fez com que se tornasse semelhante aos dos grandes centros.

Bendrath Júnior (2013) explica que o ponto forte do jornalismo em rádio de Presidente Prudente era o segmento de notícias policiais. Para Ismael Silva (2013), nos primeiros anos, e até os dias de hoje, o que funciona, para dar credibilidade e garantir a boa visibilidade da rádio é a “notícia quente do momento” (SILVA, I., 2013), já que, como diz o mesmo autor, “Isso aí segura a audiência. Porque o ouvinte quer música, mas quer notícia.”

Esse processo de copiar as matérias de outras emissoras da capital, ou até mesmo da televisão, era comum para o rádio na época, já que investia-se pouco em programação local. Para Waltair Gregghi (2013), um dos radialistas que trabalharam na época, tudo sempre foi feito no improvisado. Ele explica que utilizavam máquinas de escrever e até mesmo à mão. Ele diz ainda que a rádio escuta era bastante usada. Ouvia-se as grandes emissoras, para gravar os programas jornalísticos e transcrever as notícias.

Só a partir de maior investimento em profissionais locais para trabalhar no rádio é que esse processo mudou. O jornalismo local passou a ganhar força e apenas as notícias internacionais, ou nacionais é que continuavam a ser “copiadas” de emissoras das capitais e de agências de notícias, ou até mesmo na televisão.

A Rádio Comercial, desde sua fundação, investia em novidades. “Pela primeira vez em Prudente se fazia uma coluna social no rádio. Quem fazia? Era o José Alves da Silva, o Zequinha, junto com a Célia Lacerda, que era esposa do Joaquim Nascimento” (CARRARA, 2013)

Um dos programas mais importantes e que é um marco no jornalismo da Rádio Comercial é o “Jornal das Sete”. Para o diretor proprietário, Mescoloti, N. (2013), o “Jornal das Sete” é importante para a cidade, já que possui muitos ouvintes e sempre mostra a realidade do município. De acordo com Gregghi (2013), que foi um dos primeiros apresentadores do “Jornal das Sete”, juntamente com o jornalista Geraldo Soller, o jornal foi lançado em 1968. Outro radialista que participou do lançamento e apresentou o “Jornal das Sete” foi Carrara (2013). Ele diz que o jornal foi o grande marco da Rádio Comercial e que chegava a dar de 75% à 80% de audiência. Explica que levaram em consideração vários fatores para lançar um jornal no horário das sete horas. Conta ainda que a população começou a levantar mais cedo, já que o mundo estava se modernizando e essas pessoas precisavam de informação. Foi assim que surgiu a ideia de lançar um jornal que atendesse essa parcela da população.

O “Jornal das Sete” permanece até os dias atuais no ar, com a apresentação do radialista Osvaldo Torino. E para Carrara (2013), o Jornal se tornou “o grande despertador da classe trabalhadora de Prudente”. Na opinião de Carrara (2013) a Comercial “tinha o melhor time de jornalismo da região”.

Muitos outros programas fizeram e fazem parte da história da Rádio Comercial.

Alguns nomes foram importantes para esse período e fizeram e continuam fazendo parte da história da Rádio Comercial, como o radialista e jornalista José Vinícius Barbosa da Silveira (2013), que mantém um programa de entrevistas há mais de quatro décadas. Ele conta que o convite foi feito pelo próprio proprietário da emissora. Ele escolheu o horário das 11h30 no domingo,

onde permanece atualmente. Já são 41 anos no ar do programa “Os ouvintes querem ouvi-lo”.

Muitas pessoas importantes foram entrevistadas, como o senador Ulisses Guimarães e os governadores Franco Montoro e Paulo Maluf. De acordo com Barbosa da Silveira (2013), o programa é líder de audiência e, por isso, se mantém até hoje no ar.

Um dos principais gêneros que ganharam força no jornalismo da Rádio Comercial foi o policial. Um dos nomes mais lembrados é o do radialista Laerte Silva (2013). Algumas histórias que marcaram sua vida consequentemente fazem parte da história da rádio.

Recebi o comunicado de um acidente que aconteceu no trevo de Martinópolis e fui rapidamente para lá. Era um acidente que tinha cinco pessoas carbonizadas no interior de uma Brasília, aquele tempo era Brasília, Volkswagem e Brasília, Variante, então tinha cinco pessoas carbonizadas dentro dessa ‘Brasília’ e eu fui lá para fazer a matéria. E chegando lá, lamentavelmente eu vi um carro completamente queimado e as pessoas ainda dentro do veículo, as pessoas já estavam queimadas (SILVA, L., 2013)

Silva, L. (2013) explica que essa história foi muito impactante na sua vida e teve grande repercussão na população, já que no carro havia uma criança, que tinha entre quatro e cinco anos. Silva, L. (2013) conta também que os bordões que ele criou são bastante conhecidos pelas pessoas na rua. Um deles é o “Tomar café de canequinha”, que é utilizado para falar que uma pessoa presa iria tomar o café nas “canequinhas” que eram distribuídas nas prisões antigamente.

Durante um período, a Rádio Comercial também investiu em um programa durante a madrugada. Foi um momento em que a rádio decidiu que estava na hora de ser uma emissora 24 horas. Coube ao radialista Ananias Pinheiro comandar esse programa.

Quando então ouve o meu registro na Rádio Comercial, o senhor Nilton chegou em mim e falou: Ananias eu tenho um desafio pra você. Eu quero transformar a rádio Comercial numa emissora 24 horas, uma empresa atuante. E eu tenho uma proposta pra você, se você quiser: eu sei que você gosta de desafios, então a oportunidade é agora. Eu vou abrir a rádio meia noite e quero que você faça até as quatro horas da manhã. Só que eu quero que você faça esse programa ao vivo, eu não quero que você grave (PINHEIRO, 2013)

Pinheiro (2013) conta que o programa permaneceu durante aproximadamente cinco anos. Diz que foi um período importante, já que não havia nada no rádio durante a madrugada. Então, era uma área que não tinha tanta presença das outras emissoras, conseqüentemente não havia tanta concorrência.

Depois desse período, Pinheiro (2013) conta que foi fazer o programa da manhã. “A audiência da manhã, rádio AM é a qualidade. Porque você mexe com dona de casa.” (PINHEIRO, 2013). Ele permaneceu no programa por 18 anos com vários quadros que marcaram a história de Prudente e foram referências. Um desses quadros, o “Bom dia vovó” marcou a vida de muita gente, de acordo com Pinheiro (2013). As pessoas escreviam cartas para ele, que contava com o apoio de uma floricultura da cidade, que doava um buquê de flores. Um funcionário da rádio ia buscar e levava o buquê para uma pessoa que tinha escrito.

Até hoje eu encontro pessoas que só quando encontram com a gente ela começa a falar: você já esteve na minha casa. Eu não sei o nome da pessoa, não sei onde ela mora mas eu já tive ao lado dela e a mensagem que eu deixei pra ela, isso é que é importante, foi uma mensagem positiva, mensagem de respeito, de amor e carinho. Aliás, esse é um dos itens que a rádio Comercial sempre pregou, o respeito para com seu ouvinte (PINHEIRO, 2013)

Outro ponto fundamental dentro da história da Rádio Comercial é a prestação de serviços. De acordo com Carrara (2013), a Comercial sempre foi uma rádio prestadora de serviços. Conta que havia a dupla, Nhô Nico e Celestino que dava recados para as pessoas que moravam em sítios e fazendas da região, divulgando informações importantes. Esse foi apenas o início desse trabalho que ganhou força e foi se aprimorando. Para Maurício Mescoloti (2013), diretor administrativo, a prestação de serviços é uma marca da rádio e vem desde o início. “Não adianta você ter uma rádio simplesmente para tocar música e fazer aquilo que você quer. A gente tem que atender a população certo? É o nosso papel de colocar o ouvinte no ar, para questionar, para falar.” (MESCOLOTI, M., 2013)

Uma das campanhas mais lembradas pelos entrevistados foi a das latinhas. Numa época em que o tema reciclagem não era tão debatido, a Rádio Comercial decidiu arrecadar o produto. Quando as latas de refrigerantes

passaram a ser produzidas em alumínio, ganhou valor de mercado. Como eram todas jogadas no lixo, a rádio decidiu começar a juntar o produto. Segundo Mescoloti, M. (2013) o dinheiro obtido com venda do produto foi destinado à construção de duas casas populares na Vila Rotária 1 de Presidente Prudente, em parceria com o Rotary Clube Internacional.

Os ouvintes que doavam latinhas ganhavam cupons para concorrer a prêmios durante a programação da Comercial.

Nós trocávamos 25 latinhas por um cupom. Esse cupom concorria a vários prêmios durante a programação. Então, durante o mês os ouvintes vinham na Rádio, deixavam as 24 latinhas 24/25 latinhas, trocavam por um cupom e sempre ao final do mês, nós pegávamos aqueles cupons e fazíamos um sorteio na programação (MESCOLOTI, M., 2013)

FIGURA 2 – Quantidade de latas que foram arrecadadas



Fonte: Centro de Memória do Rádio Prudentino

Em 20 meses de campanha, foram arrecadadas mais de dois milhões de latinhas. As pessoas recebiam os prêmios, que eram geladeiras e jogo de estofado, entre outros.

Outra campanha pioneira da Rádio Comercial foi em relação à dengue, que na época não era tão divulgada, pelo fato de a doença não ser conhecida do grande público. Foi por volta do início dos anos 1980 e mobilizou não só a cidade inteira, mas também todas as rádios AMs de Presidente Prudente, de acordo com Mescoloti, M. (2013)

Nós reunimos numa manhã os principais locutores das rádios, das emissoras do rádio AM, juntos, numa única emissora, onde todas, ao mesmo tempo, faziam a mesma programação e falava durante esse período só sobre a questão do *Aedes Aegypti*. A questão dessa doença terrível que estava afetando: a dengue, e era feita com professores, médicos, pessoas que entendiam do assunto

As crianças também tiveram uma campanha direcionada a elas, para incentivar ir à escola. Com o nome “Bom na escola, bom de bola”, as crianças deveriam ter frequência nas aulas para participar de um campeonato organizado pela rádio. De acordo com Carrara (2013), as crianças dos bairros tinham uma opção de lazer e também uma forma de estimular que fossem à escola.

A “Bolsa de Empregos” também é uma importante prestação de serviços. Das campanhas realizadas pela Comercial, ela se mantém forte até os dias atuais. “Eu me lembro que tinha fila, filas na Rádio Comercial a procura de emprego, a famosa bolsa de empregos é uma prestação de serviços maravilhosa.” (CARRARA, 2013)

Toda essa característica da rádio, como o jornalismo, a prestação de serviços, entre outras, faz parte de um *slogan* que, de acordo com o diretor administrativo, surgiu com a ideia de expressar que a Comercial é uma rádio de vanguarda. O “Sempre na frente” é para que o ouvinte saiba que o que a rádio quer “sempre levar novas ideias em primeiro lugar, além, claro, da notícia. Então, é sempre levar as primeiras ideias, sempre destacar algo de diferente dentro dos nossos concorrentes. Então, sempre estar na frente.” (MESCOLOTI, M., 2013)

De acordo com Mescoloti, M. (2013), a audiência da Rádio Comercial responde muito bem a grande maioria dos programas. Destaca que o conjunto é importante, já que na opinião dele não adianta nada um horário com uma audiência elevada e outro com uma baixa audiência.

A questão da audiência é uma parte muito técnica. A audiência de rádio você mede-se por ouvintes por minuto. Então, hoje a nossa última pesquisa dava em torno de aproximadamente 4 mil à 5 mil ouvintes por minuto. Dentro do perfil de 0 à 100%, creio que o nosso *target* hoje de audiência da Rádio Comercial chega a 62, 65% entre o rádio AM. (MESCOLOTI, M., 2013)

Desde o primeiro momento, os proprietários investiram na questão da melhoria tecnológica, mas na época havia grande dificuldade em relação aos equipamentos utilizados. “A gente tinha que tirar água de pedra, porque equipamento era o que tinha disponível na época. Não é como hoje, que você pega um computador e faz o que você quer dele.” (MESCOLOTI, N., 2013). Explica, ainda, que o que se fazia era justamente improvisar para não perder os eventos que precisavam ser noticiados. Além disso, os equipamentos deveriam ter a manutenção em dia. Segundo Mescoloti, N. (2013), todo equipamento era importado, já que não existia nacional, por isso era necessário fazer a manutenção adequada para que durasse mais tempo. O entrevistado comenta que os equipamentos destinados ao acervo do Centro de Memória do Rádio Prudentino foram conservados e 90% ainda estão em condições de uso.

Seguindo o processo de evolução, a Comercial foi se modernizando, já que, como comenta Mescoloti, M. (2013), as novas tecnologias não param e vão surgindo de uma forma rápida, passando pelo disco de vinil, da cartucheira, da fita para o digital. Sobre os equipamentos da mudança para o digital, Mescoloti, M. (2013) explica que, tanto o processo administrativo, quanto a questão do áudio que vai para o ar é tudo digital.

E todos os equipamentos que ficaram defasados, perderam sua utilidade, ou simplesmente foram substituídos por outros mais modernos tiveram um destino certo: O Centro de Memória do Rádio Prudentino. De acordo com Mescoloti, N. (2013), as novas tecnologias surgiram para somar ao rádio. Eles tiveram que se adaptar aos novos equipamentos, que eram substituídos a cada seis meses. Mescoloti, N. (2013) explica que algumas peças foram doadas ao Museu e Arquivo Histórico Municipal Prefeito Antônio Sandoval Netto, de Presidente Prudente, mas com o tempo pensaram em um local próprio para guardar algumas das peças e foi quando surgiu a ideia de

montar o Centro de Memória do Rádio Prudentino. “A gente tenta armazenar a história do rádio de Presidente Prudente, não é somente da Rádio Comercial, mas é de Presidente Prudente e também da região. Como a gente tinha muitos equipamentos que iam sendo substituídos, eu resolvi guardar” (MESCOLOTI, N., 2013)

O Centro de Memória guarda não só equipamentos das rádios prudentinas, mas também objetos antigos, máquinas fotográficas, telefones celulares, vídeo-games antigos, além de outros objetos que fizeram parte da história da Rádio Comercial, como fitas antigas, com entrevistas históricas, aberturas e vinhetas de programas que já não existem mais. Para Mescoloti, M. (2013) o Centro de Memória é importante porque trata do conhecimento do passado. Ele comenta que para as pessoas, principalmente as crianças não tem muito conhecimento de como eram as coisas antigamente, os objetos antigos. Para ele, essa é uma forma de perpetuar a história.

Um das mais recentes evoluções dentro da Rádio Comercial foi a filiação ao Sistema BandSat/Rede Bandeirantes em 15 de janeiro de 1996. Com isso passou a receber notícias em rede e a transmitir parte da programação da Rádio Bandeirantes via satélite, com som digital.

Essa negociação foi feita em 1996, onde, era o início, o lançamento das principais cadeias de rádio do Brasil pelo, via satélite. Então, nesse período era uma tecnologia recente você pode ter o som de uma rádio do Rio, São Paulo, você recebendo da sua emissora com um som de qualidade via satélite, porque antigamente você só conseguia esse recurso através de linha da Telesp (MESCOLOTI, M., 2013)

Antigamente, o sistema era feito através de linha física pela Telesp. Mescoloti, M. (2013) explica que o formato não era difícil e a rádio deveria instalar uma antena parabólica, um receptor e assim reforçar a sua programação. Ele explica ainda que eles perceberam que as rádios AMs eram bem fortes na questão do esporte, e para consolidar a sua programação nesse sentido, houve a filiação com a Rádio Bandeirantes.

Muitos motivos fazem com que a Rádio Comercial permaneça no ar até o presente momento. Para Mescoloti, M. (2013), o que diferencia a Rádio Comercial é que ela possui além de uma história sólida, a credibilidade de uma marca.

Para que você possa desenvolver essa marca, você tem que ter profissionalismo, então a Rádio Comercial nesse período foi, e é ainda, uma emissora inovadora, procura lançar novos comunicadores, procura colocar novos formatos na área comercial, os patrocinadores ou anunciantes. Não se envolve com política. Então, acredito que a contribuição nossa foi ser uma rádio íntegra. (MESCOLOTI, N., 2013)

A Rádio Comercial possui uma história sólida e atuante, tanto em relação ao jornalismo, quanto pela sua importância para a radiodifusão prudentina. Homero Ferreira (2013), jornalista e professor da disciplina Radiojornalismo na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), explica que essas características fazem da rádio a mais lembrada.

A Rádio Comercial...eu penso assim que ela tem a importância pelo serviço que presta para a cidade de Presidente Prudente, especialmente através do jornalismo, mas também nos programas de entretenimento. A Rádio Comercial é a emissora mais popular de Presidente Prudente, conforme resultados de seguidas pesquisas. É o nome mais lembrado em termos de emissora AM. (FERREIRA, 2013)

Como prova de reconhecimento, a Rádio Comercial já conquistou por quatro vezes seguidas o prêmio *Top Of Mind* Facopp, que consiste em premiar as marcas mais lembradas de Presidente Prudente, baseado em pesquisas de campo. A categoria Rádio AM foi criada em 2010 e desde então a Comercial vem sendo contemplada. A Comercial foi capaz de passar por grandes mudanças para se tornar o veículo que é hoje e se mantém no patamar de uma grande rádio.

O próximo capítulo abordará o tema Radiodocumentário, mostrando o seu conceito e suas características, além da importância.

7 RADIODOCUMENTÁRIO

O Radiodocumentário é um dos produtos da radiodifusão e, assim como os demais, tem sua importância para o veículo. No Brasil, assim como explica Pessoa (2009), não teve tanta força, já que “a programação jornalística brasileira mantém, via de regra, formatos tradicionais que se tornaram referência para a grande maioria das emissoras, tanto AM quanto FM.” (PESSOA, 2009, p. 1). A mesma autora ainda expõe que, por não ter grande empatia do rádio brasileiro, o radiodocumentário possui pouca produção bibliográfica, que trata especificamente de sua produção e poucas pesquisas foram desenvolvidas para o seu uso.

O radiodocumentário pode ser definido como uma forma de aprofundamento e tem como principal objetivo buscar as pessoas que fizeram parte da história que vai ser contada. “O princípio do documentário é, sempre que possível, voltar às fontes, pessoas envolvidas, testemunhas oculares, aos documentos originais, e assim por diante”. (MCLEISH apud AGOSTINELLI, 2012, p. 45)

Um documentário no rádio, assim como explica Mcleish apud Agostinelli (2012), apresenta somente os fatos reais, sempre baseados em evidência documentada. O objetivo principal é informar, mostrar uma história, respeitando-se as evidências da reportagem. Ele garante mais profundidade do que uma reportagem, além de ser mais complexo.

O documentário radiofônico ocupa maior tempo/espço na grade de programação em comparação a reportagem, desta forma é um gênero que ficou praticamente rejeitado pela radiodifusão sonora. Sendo produzido com base em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou sobre um fato relevante, o radiodocumentário inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio, diferente da programação diária, ao vivo. Um documentário radiofônico possui diferentes tratamentos de um tema em diferentes roteiros. Pesquisar seu formato é só um começo das muitas possibilidades que este gênero se permite, principalmente por ser um gênero pouco explorado no rádio. (SOUTO; CAETANO, 2012, p. 13)

O documentário radiofônico, assim como explicam Clemente e Assumpção [s.d.], tem como principal objetivo aprofundar o tema, já que utiliza-se da análise de documentos, entrevista com pessoas importantes, que

conheçam o assunto a fundo, além de especialistas, sempre utilizando efeitos sonoros na edição e no uso de sonoplastia.

Para se fazer um radiodocumentário é necessário um processo trabalhoso.

O radiodocumentário exige uma produção mais acurada, com pesquisa aprofundada, levantamento de dados, apuração com fontes diversas. Mcleish (2001) chega a apontar a necessidade, em algumas situações, do produtor de um radiodocumentário conversar com pelo menos 20 fontes. (PESSOA, 2009, p. 2)

Todo esse processo, ao final, garante um produto que vai muito mais a fundo do que uma reportagem comum ou que outro produto radiofônico.

De acordo com Detoni (2007, p. 3), “os documentários falados surgem no final dos anos 20, por influência dos documentários feitos no cinema. Produtores percebem que o formato poderia tornar o rádio mais interessante e ‘vivo’”. O cinema trabalhava bastante com os documentários, e, sendo assim, a fórmula poderia ser levada também para o rádio.

O documentário radiofônico, ou simplesmente radiodocumentário é um produto do rádio, que conta ainda com uma série de ferramentas para se manter. Ortrivano (1985) define sete categorias dos produtos radiofônicos: flash, edição extraordinária, especial, boletim, jornal, informativo especial e programa de variedades.

O radiodocumentário não se encaixa na definição dos gêneros radiofônicos justamente por não ter tanto apelo no Brasil, mas não deixa de ser importante produto para a radiodifusão. Cada produto faz parte de um grupo maior, que são os formatos radiofônicos. Como explica Vicente [s.d.], os gêneros são modelos que os programas podem assumir dentro da programação de rádio. O mesmo autor divide os gêneros em publicitário ou comercial, o jornalístico ou informativo, o musical, o dramático ou ficcional e o educativo-cultural.

Nesse capítulo, será abordado apenas o gênero jornalístico ou informativo, já que os outros não se encaixam com o objeto de pesquisa. Como explica Vicente [s.d.]:

É aquele em que o rádio busca levar ao ouvinte a informação da forma mais atualizada e abrangente. Embora não estejamos adotando essa posição, vale mencionar que alguns autores preferem dividir esse segmento em gênero jornalístico (onde as notícias seriam mais isentas) e opinativo (onde haveria maior subjetividade [...]). (VICENTE, [s.d.], p 2)

Sobre os formatos desse gênero, existem alguns produtos que podem ser apontados. A Nota, de acordo com Vicente [s.d.], é um informe curto e sintético sobre um fato ou acontecimento. É bem curta, apenas com as principais informações de determinado assunto, ou seja, não se aprofunda no tema, apenas apresenta um resumo.

Outro formato é o boletim, que o autor Vicente [s.d.] explica que, assim como a nota, é curto, mas um pouco maior, que apresenta as notícias mais importantes do dia. Traz um apanhado das principais notícias e destaca, para que o ouvinte fique informado. Ortriwano (1985) explica que normalmente é apresentado a cada 30 minutos ou de hora em hora, com duração que varia entre 3 e 5 minutos.

Um dos principais formatos, que é amplamente utilizado pelas emissoras de rádio é a reportagem. Vicente [s.d.] aponta que são matérias maiores, com mais conteúdo, que vão a fundo em determinado tema. O mesmo autor orienta ainda que “pode incluir entrevistas, externas, opinião do repórter, BG, etc. Poderíamos considerar a reportagem como um formato que combina elementos dos gêneros jornalístico e opinativo. (VICENTE, [s.d.], p 2)

Outro formato, que a maioria das emissoras adota, que é uma das mais importantes é a entrevista, “depoimento dado a um ou mais repórteres tanto em estúdio quanto em externas. É esperada do repórter isenção e objetividade na elaboração das perguntas, bem como na condução da entrevista.” (VICENTE, [s.d.], p 2)

A externa é outro formato utilizado na produção radiofônica e é importante para garantir uma das principais características do rádio, que é a mobilidade. Ela é a:

matéria jornalística feita a partir do local do acontecimento, que não só busca levar ao ouvinte a informação mais recente como também o clima, a ambientação do local onde estão ocorrendo os fatos. Nesse formato, as descrições do repórter, suas impressões sobre o que acontece ao seu redor e os depoimentos que consegue obter assumem grande importância. (VICENTE, [s.d.], p. 2-3)

A crônica também faz parte dos formatos radiofônicos. Piza (2005) define que “[...] na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real.” Vicente (s.d. p.2) explica que “pode ser esportiva, política, de moda, de comportamento, etc. O que o caracteriza é a liberdade do autor em escolher o tema e de expressar suas opiniões pessoais sobre o assunto em questão.” O mesmo autor explica que o que define a crônica é justamente a expressão do autor. Uma crônica nada mais é do que a visão do autor sobre determinado assunto, ou seja, a forma como enxerga um fato, pode ser diferente de outros, então, de certo modo, é um formato mais autoral.

O debate ou mesa redonda é um formato que reúne pessoas e/ou ouvintes para discutir sobre um determinado assunto, muitas vezes polêmico ou conflitante. Vicente [s.d.] explica que reúne pessoas com pontos de vista diferentes para se expressarem, contando com a presença de um mediador.

Sobre o radiojornal, Vicente [s.d.] orienta que reúne outros formatos jornalísticos, que foram citados, como notas, reportagens, crônicas. É um dos mais importantes formatos, por justamente unir outros formatos para que constitua um produto único.

Os programas esportivos são referência no rádio. Ortriwano (1985) aponta que “o rádio esportivo sempre foi muito participante, muito vibrante, gerando polêmicas, um dos setores mais opinativos de toda a programação” (ORTRIWANO, 1985, p 26)

Além daqueles produzidos dentro de formatos jornalísticos tradicionais (como a mesa redonda, o boletim, etc), são classificadas como programas esportivos também as transmissões de eventos, entre as quais se destaca evidentemente a de futebol, com toda a tradição que criou no país. Também são muito características do meio radiofônico as transmissões de corridas de cavalo. (VICENTE, [s.d.], p 2-3)

Por fim, há o documentário radiofônico, que também faz parte do gênero radiojornalístico. Esse formato, como já foi dito, não é tão utilizado na radiofonia brasileira, mas possui grande importância.

Assim como cada produto radiofônico, o radiodocumentário também possui suas características próprias. Detoni (2007) explica que eles podem ser divididos por temas.

Há os radiodocumentários jornalísticos, que:

Ligados a questões e contemporâneas (Meio-ambiente e poluição, racismo, desenvolvimento urbano, lutas indígenas, reforma agrária, educação...) Podem examinar apenas um aspecto desses temas ou tentar, de forma mais ampla, examinar como eles afetam a sociedade. (DETONI, 2007, p.4)

Além disso, os radiodocumentários jornalísticos podem tratar apenas de uma pessoa específica, como explica Detoni (2007, p. 4), e também abordar questões com mais profundidade que o noticiário comum, já que não apenas mostra o que está acontecendo, mas explica e dá ao ouvinte condições de entender sobre determinado tipo de assunto.

Outro tipo de documentário que Detoni (2007) aborda é o histórico, que relembra o passado. Eles podem ser investigativos e reveladores, já que “[...] usam gravações históricas, pesquisa jornalística, entrevista com testemunhas, inclusão de vozes excluídas pela história oficial” (DETONI, 2007, p.4)

Seguindo com os radiodocumentários, chega-se ao cultural, que, de acordo com Detoni (2007, p. 5), são os que tratam de temas de artes em geral, e é permitido um uso maior de música, poesia e drama. São geralmente os que tratam de temas leves e que permitem uma abertura maior em relação a músicas.

O último é o radiodocumentário filosófico ou psicológico que, como explica Detoni (2007, p. 5), trata de temas que não perdem a atualidade, como filosóficos (identidade, crença, existência, amor, vingança), além de psicológicos, como relações interpessoais (familiares, de trabalho, homem e mulher) e do comportamento humano.

Todos esses tipos de radiodocumentários podem ser classificados de acordo com a narrativa que apresentam. Segundo Detoni (2007, p. 5), a narrativa observacional simplesmente narra os fatos, sem provocar reflexões ou críticas, apenas expõe os fatos.

A narrativa conduzida pelo narrador ou repórter é uma outra forma de classificação da narrativa, que se encaixa na divisão dos tipos de

radiodocumentário. Detoni (2007, p. 5) explica que nela o repórter ou o narrador “faz os *links* explicativos, ajudando o programa a desenrolar-se de forma lógica e informativa. O repórter/narrador dá o contexto, dados estatísticos, faz as apresentações”. (DETONI, 2007, p.5)

A última classificação da narrativa é a forma autoral que, como o próprio nome já diz, é onde o repórter/narrador “dá a sua própria visão de determinado acontecimento ou narra a sua própria experiência”. (DETONI, 2007, p.5). Além disso, nesse tipo de classificação, o repórter não fica neutro, já que está dando a sua versão, que pode ou não ser a real.

Todos esses tipos de radiodocumentários têm suas próprias características, mas na prática, todos se baseiam na mesma função: resgatar a história de determinado assunto, utilizando vários recursos, principalmente a VOZ.

No documentário radiofônico, as sonoras como evidência oral podem ser entendidas como testemunho oral das autoridades, transmitido verbalmente de um ponto específico para audiência, isto é, as máquinas sensórias tornara possível a veiculação extensiva a todos os pontos de audiência em tempos/espacos diferentes e simultâneos. [...] Naquilo que é da informação radiofônica: suas formas modelares e seus elementos fixos construtores da sintaxe radiofônica; participam também da reminiscência pessoal quando “específica das experiências de vida de um informante.” E, isto é, quando pontua e tangencia o assunto com os índices testemunhais dos envolvidos. (JOSÉ apud AGOSTINELLI, 2012, p. 46)

Toda a emoção deve ser passada para o ouvinte através da voz. Isso faz com que as sonoras e entrevistas com os personagens tenham um papel fundamental na produção de um radiodocumentário. Tudo deve se encaixar para que o produto final fique de uma forma que o ouvinte sinta-se instigado a continuar a ouvir a história.

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. (NICHOLS apud AGOSTINELLI, 2012, p. 46)

Todos os entrevistados que forem importantes para dar “corpo” ao radiodocumentário devem fazer parte da história do que será pesquisado. Para

contar uma boa história, busca-se personagens que fizeram parte de um acontecimento ou um fato, por isso a escolha dos personagens é tão importante para que o radiodocumentário seja confirmado e tenha veracidade. Alguns pontos também devem ser verificados no momento de montar o documentário radiofônico. Como explica Agostinelli (2012), “para que as vozes sejam identificadas no documentário é necessário que haja apresentação dos entrevistados. Ajuda na compreensão do ouvinte.” (AGOSTINELLI, 2012, p. 45)

Cada entrevista, depoimento ou simples conversa é um importante e valioso material para o radiodocumentário. Ao contrário de um documentário de televisão, por exemplo, o rádio não dispõe de recursos de imagem, por isso cabe ao narrador ou repórter transmitir a emoção para o ouvinte. Sendo assim, as entrevistas devem garantir a parte emocional ao documentário radiofônico.

Um radiodocumentário é feito, basicamente, com a junção de trechos de entrevistas e documentos, que são utilizados para se construir a história que será contada. Normalmente, o radiodocumentário tem uma relação muito forte com a história.

Devido ao fato do produto documentário ter uma forte relação com o mundo histórico: tem como objetivo não só provar algo que aconteceu no passado, mas principalmente trazer conhecimentos e emoção as pessoas que não fizeram parte daquele período que é tratado no documentário. (GALINDO; MARCANI; SANTOS apud AGOSTINELLI, 2012, p.48)

Todas essas características e conceitos fazem do documentário radiofônico um formato único e diferente dos demais gêneros em diversos aspectos, tornando-se atual e importante.

No próximo capítulo, será apresentado o memorial descritivo, que conta como foi produzido e executado esse TCC juntamente com a peça prática, relatando, de forma minuciosa, todo o caminho que o grupo percorreu, desde a escolha do tema, até a edição do radiodocumentário e finalização.

8 MEMORIAL DESCRITIVO

O presente capítulo conta passo a passo da pesquisa e o processo de elaboração da peça prática. No início do ano, dois integrantes do grupo, Névelyn Silva e Wellington Roberto tiveram a ideia de contar a história do rádio prudentino, porém, como o projeto de conclusão de curso ainda era pouco claro aos estudantes, os dois buscaram a orientação do professor de rádio, Homéro Ferreira, que os atendeu durante as férias de verão, no dia 10 de janeiro de 2013 e, explicou como funcionava o projeto e suas especificações.

Durante uma das primeiras aulas do 7º termo, em meados de março, a professora Maria Luisa Hoffmann pediu para que os alunos definissem o tema em que gostariam de trabalhar no TCC. A primeira ideia foi exposta em sala e logo ganhou mais dois adeptos, Kawanny Barros, por já ter familiaridade com o veículo, e Jonathan Santos, por querer explorar a importância que o rádio tem dentro da comunicação na cidade.

Mais tarde, durante as aulas de pesquisa, a professora Maria Luisa Hoffmann alertou sobre o risco do trabalho ficar abrangente e sucinto, já que o tempo era curto para apurar toda a história acerca da radiodifusão prudentina. O grupo, então, optou por escolher uma das rádios de Presidente Prudente. Novamente, o professor Homéro foi procurado para instruir o grupo. Após as discussões, a Rádio Comercial foi escolhida pelos integrantes, pelo valor histórico, por ser a rádio AM de maior audiência na região e também por ser uma das rádios que possui grande acervo de informações sobre o rádio, o que facilitaria e ajudaria e muito nas pesquisas.

No dia 21 de fevereiro foi realizado o contato com o senhor Maurício Mescoloti, diretor da Rádio Comercial, para verificar a possibilidade de se produzir um TCC tendo como objeto de estudo a rádio em questão. Foi marcada uma reunião, na própria rádio. Os alunos Névelyn Silva e o Wellington Roberto explicaram como funcionaria todo o processo de elaboração do trabalho, o porquê da escolha da rádio e qual a importância desse tipo de estudo. Os dois ainda falaram da intenção de deixar uma cópia do radiodocumentário para ser veiculado na programação da Comercial. Ele acatou a ideia e autorizou a realização da pesquisa.

No dia 17 de março, ainda no 7º termo, foi feita a primeira reunião para dar início ao pré-projeto, onde foram definidos a problematização, a justificativa e os objetivos. Desde então, o grupo passou a se reunir toda semana, para discutir e estudar o tema, assim, estaria mais preparado para a 1ª banca de qualificação, que aconteceria no dia 17 de abril.

Após a banca, pequenas alterações foram feitas e ficou decidido que a nossa orientadora seria a professora Lêda Márcia, que possui trajetória importante dentro do meio de comunicação em questão. De início, o grupo teria escolhido o professor Homéro como orientador, devido à sua proximidade com o veículo de pesquisa e, também, pelo auxílio dado desde a escolha do tema, mas por motivos acadêmicos ele não pode orientar o presente trabalho.

No dia 7 de maio, realizou-se a primeira reunião, às 17h, junto com a orientadora, onde foi feita a divisão dos capítulos da pesquisa e, também, foram passados livros e sites de busca que iriam auxiliar todo trabalho. Cada integrante ficaria responsável por um tema e Jonathan Santos seria o redator. Uma das maiores dificuldades foi encontrar livros atualizados sobre o veículo rádio na universidade, o que levou os integrantes a buscá-los fora da cidade, em Londrina – PR.

Após todos os fichamentos serem concluídos, o grupo se reuniu mais uma vez, no dia 29 de julho para auxiliar o redator Jonathan Santos a desenvolver a parte escrita do TCC, pois essa prática resultaria no entendimento de todos os temas e facilitaria a elaboração do projeto.

Para compor a parte escrita os conteúdos foram distribuídos do macro para o micro, foram dadas as características do veículo rádio. O trabalho contou um pouco da história da comunicação, apresentando a história do rádio no mundo, no Brasil e em Presidente Prudente, falou do rádio e da evolução da radiodifusão, do produto radiodocumentário e, por fim, da história da Rádio Comercial.

A cada semana, ao menos um capítulo era escrito. O primeiro entrevistado do projeto foi o jornalista Barbosa da Silveira, considerado uma enciclopédia viva, um dos radialistas mais antigos da Rádio Comercial. Há mais de 40 anos ele está à frente do programa “Os ouvintes querem ouvi-lo”, que tem como característica entrevistar pessoas que tenham histórias interessantes para contar, levando conhecimento aos ouvintes. Ele recebeu Wellington

Roberto e Névelyn Silva na redação do Jornal Imparcial. Na ocasião, publicou uma nota no jornal do dia seguinte, relatando a nossa visita e apresentando a importância do tema da pesquisa, uma atitude que serviu como incentivo a todos os integrantes do grupo.

O primeiro local escolhido para serem coletadas informações foi o Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto. Porém, poucos dados foram encontrados. Somente após a entrevista com o atencioso proprietário da Rádio Comercial, Nilton Mescoloti, é que foram localizados fatos relevantes para a pesquisa, em documentos arquivados no Centro de Memória do Rádio Prudentino, que reúne grande acervo sobre o rádio em Presidente Prudente. Nilton Mescoloti ainda conseguiu expressar, através de suas palavras, o tamanho do orgulho e da gratidão que tem por ter participado de grandes episódios da história da Comercial.

Após reunir uma quantidade importante de informações a respeito de profissionais que passaram pela rádio, o grupo, juntamente com a orientadora e com base nas entrevistas já coletadas, escolheu os demais entrevistados, dentre eles Maurício Mescoloti, diretor da Rádio Comercial, os comunicadores, Ismael Silva, Ananias Pinheiro, Laerte Silva, Bendrath Junior, Irineu dos Santos, Homéro Ferreira, José Cidalino Carrara, Waltair Gregghi e dois ouvintes que acompanham a Comercial desde a sua fundação, Alice de Souza e Lucas de Gois Campos. Para que os entrevistados se sentissem mais a vontade, todos os locais, para a realização das mesmas, foram escolhidos por eles próprios.

Grande parte dos personagens que edificaram a história da rádio concordaram em ceder entrevistas, inclusive José Cidalino Carrara que atualmente mora em Cuiabá, no Mato Grosso. Essa entrevista foi feita por Jonathan Santos, gravada no estúdio da própria Rádio Comercial, através de ligação telefônica, pois a universidade não possui equipamentos para esse tipo de gravação.

Bendraht Júnior foi um pouco resistente. A aluna Kawanny Barros tentou por duas vezes convencê-lo a gravar a entrevista, porém, não conseguiu. A orientadora Lêda Márcia o encontrou por acaso no mercado, uma semana depois e ele alegou motivos de saúde, por isso não colaboraria. Não contente, o integrante Wellington Roberto, saiu do estágio na Facopp e foi até a

casa do jornalista, depois de muita conversa, ele finalmente falou. A conversa durou pouco, mas foi de extrema importância, já que ele é um dos mais antigos que passou pela rádio.

O radialista Osvaldo Torino, um dos principais comunicadores da Rádio Comercial, não se dispôs a colaborar com o grupo. Foi feito, primeiro, um contato via telefone, depois, Jonathan Santos foi até a Rádio Comercial para tentar cativá-lo pessoalmente, ainda assim, a entrevista não foi concedida. Depois de reunir grande parte dos depoimentos, Névelyn Silva ainda entrevistou Homéro Ferreira, no laboratório da Rádio FACOPP.

8.1 A Peça Prática

O espelho da peça prática começou a ser pensado em 03 de setembro e, no dia 13 de setembro o grupo retornou à rádio para iniciar o processo de pesquisa documental, onde, com uma câmera digital *Sony cyber-shot* foram fotografados em média 800 documentos, desde a fundação da rádio. Além dos documentos, foram separadas as fitas mais antigas do acervo que, posteriormente, seriam usadas no radiodocumentário. Esse Centro de Memória foi de extrema importância para que a presente pesquisa pudesse ser realizada, pois todos os documentos estavam muito bem conservados.

Durante um sábado à tarde, dois representantes do grupo, Névelyn Silva e Wellington Roberto, juntamente com Nilton Mescoloti, foram até o Centro de Memória do Rádio resgatar áudios que fizeram parte da história da Rádio Comercial. Foram usados, não somente os rolos de fita, mas também as próprias máquinas que ali estavam. Não foi um trabalho simples, pois há tempos elas não eram utilizadas, o que exigiu muita paciência.

As matérias escolhidas foram: Palestra do fundador de Presidente Prudente Francisco de Paula Goulart, proferida para crianças do ensino primário da cidade em 13 de setembro de 1967; a morte do presidente Tancredo Neves em 22 de abril de 1985; o cinquentenário de Presidente Prudente e a entrevista feita por Barbosa da Silveira com Walter Leme Soares, então prefeito do município, no programa “Os ouvintes querem ouvi-lo”, no ano de 1977. Todas elas de grande relevância para a população.

Enquanto as máquinas reproduziam os rolos de fita, o som era

capturado pelo gravador dos celulares dos dois pesquisadores, para que pudessem ser posteriormente utilizados no trabalho.

Para o radiodocumentário, foram selecionados os principais trechos das entrevistas concedidas por pessoas familiarizadas com o tema central do trabalho. Cada trecho foi inserido de acordo com os textos produzidos pelo grupo que, posteriormente, foram separados em segmentos como: o início da Rádio Comercial, o jornalismo, os programas de variedades, a prestação de serviços à população e a importância da rádio para os profissionais e ouvintes que participaram de sua história.

Durante três dias, o grupo se reuniu na biblioteca da universidade para finalizar o *script* da peça prática. Foi um trabalho árduo. Nesses dias, os alunos chegaram à faculdade às 10 da manhã e foram embora às 22h.

8.2 A Escolha das Músicas

Pensar em músicas que iriam dar ritmo ao documentário não foi simples, ainda mais, quando o assunto reuniu fatos importantes para a história. Os pesquisadores tinham que pensar nisso sem cair na mesmice e atrair também os jovens para ouvir um assunto que muitos podem julgar ultrapassado. O grupo decidiu unir tudo isso e usar o som de músicas estavam sendo executadas atualmente no rádio, justamente para tornar o radiodocumentário atrativo aos jovens, da mesma forma que poderá ser para os mais velhos, que têm uma ligação natural com a história da Comercial. Para o início do documentário radiofônico foi escolhida a canção “*Hurts like heaven*”, da banda britânica “*Coldplay*”, do álbum “*Paradise*”, de 2011. Essa música jovem e atual combinou bem com o tom que os pesquisadores pensaram para começar a apresentação, chamando à atenção de ambas as faixas etárias. Para não atrapalhar durante as falas do trabalho, optou-se por uma versão instrumental da canção. No final do trabalho, os pesquisadores escolheram outra música atual, também na versão instrumental, da banda sueca “*Swedish House Mafia*”, que se chama “*Don’t You Worry Child*”, que foi lançada em 2012, no álbum “*Until Now*”.

No capítulo seguinte, serão apresentados os resultados obtidos durante a pesquisa, nas considerações que os pesquisadores chegaram ao final do trabalho.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação humana pode até não ter uma data certa de início, nem mesmo um autor a quem possa ser atribuído a sua idealização, mas o fato é que ela, desde o início, evoluiu. Prova disso, são os meios de comunicação de massa, que a cada dia, evoluem e fazem parte da história da humanidade.

Dos meios de comunicação de massa, o rádio surgiu com a proposta de ser educativo, mas em alguns países ganhou o caráter de veículo de comunicação de massa.

O rádio foi reinventado e coube aos profissionais da época aprender a lidar com o advento da televisão e torná-lo atrativo, mesmo frente à tão acirrada disputa, que crescia, a ponto de muitos acreditarem que acabaria com o rádio.

Recentemente, o rádio mostrou sua força e capacidade de migrar para outras mídias. Ao contrário da TV, que ameaçou a existência da radiodifusão, a internet tornou-se aliada. As webrádios tornaram-se opção para quem queria trabalhar em rádio, mas ficava impedido pela falta de concessão, por exemplo.

As bases da programação das emissoras AM são programas musicais, além de radiojornalismo e, principalmente, prestação de serviços, o que ainda predomina na grande maioria das emissoras. Nesse segmento, a Rádio Comercial é referência na cidade de Presidente Prudente. Suas principais características foram citadas e explicadas no presente trabalho como resultado da pesquisa, respondendo a situação problema levantada nessa investigação científica.

A Comercial surgiu com a proposta de oferecer informações relevantes à população da cidade de Presidente Prudente. Com jornalismo atuante em importantes coberturas, foi destaque na cidade e na região, até em momentos marcantes para a história do país. Os programas de variedades sempre chamaram a atenção e fizeram sucesso entre os ouvintes. Outro ponto de vital importância exercido pela Comercial é a prestação de serviços. Através dela, várias pessoas tem suas vidas melhoradas. As campanhas que a rádio realiza são lembradas pela sua seriedade e comprometimento. Uma dessas foi

a “Campanha das Latinhas”, que mobilizou toda a cidade numa arrecadação de latas de alumínio. Para se ter uma ideia do tamanho do impacto causado pela campanha, em vinte meses foram arrecadadas mais de 2 milhões de latinhas, sendo o dinheiro, obtido com a venda, revertido para a construção de duas casas populares.

As informações teóricas obtidas durante o processo de pesquisa, somadas aos depoimentos coletados, proporcionaram a elaboração da peça prática que, no presente trabalho, é um radiodocumentário, que possibilitou mostrar a importância que a Rádio Comercial possui dentro da radiodifusão prudentina.

Para alguns, o radiodocumentário encontra espaço em diversas regiões do mundo, mas ainda não se consolidou no Brasil. Outros o consideram como um gênero em extinção no país. Porém, pelas suas características, a forma como é feito, o seu aprofundamento, sua importância histórica, o radiodocumentário se mantém até hoje por suas qualidades. O mérito maior é justamente manter viva a história. Nem toda reportagem tem condições, até mesmo pelo tempo, de se aprofundar em uma história, de verificar todos os pontos, fazê-la interessante ao ouvinte, como ocorre com o radiodocumentário. É um formato que não está em extinção, nem mesmo perdendo sua importância. Prova disso, é a quantidade de documentários radiofônicos que são produzidos todos os anos em trabalhos de conclusão de curso (TCC) nas universidades.

Este TCC auxiliará outros pesquisadores interessados na história do rádio, já que ficará disponível para consulta no acervo de trabalhos acadêmicos na Hemeroteca da FACOPP, podendo ser usado por alunos e pesquisadores. A peça prática também ficará disponibilizada nos arquivos digitais da Web Rádio Facopp.

Por fazer parte da história de Presidente Prudente, a Rádio Comercial contribui para o cenário da radiodifusão prudentina, passando pelas mudanças que a rádio teve até os dias atuais. Sendo assim, o trabalho oferece a oportunidade da sociedade conhecer a história da Comercial, além dos profissionais que por lá passaram.

A conclusão deste TCC é uma realização pessoal para cada membro do grupo, uma vez que puderam adquirir conhecimento prático das

teorias apresentadas em sala de aula ao longo dos quatro anos de curso, além de proporcionar o preparo profissional.

Os objetivos propostos no início da pesquisa foram alcançados com a elaboração do radiodocumentário Radiodifusão prudentina: A história da Rádio Comercial AM, que documentou a trajetória da rádio e sua contribuição para o cenário radiofônico de Presidente Prudente.

REFERÊNCIAS

AGOSTINELLI, Joice, et al. **A história do radiodifusor Carlos Alberto Arruda Campos**. 2012. 187 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.

ARAÚJO, Flávio. **O rádio, o futebol e a vida**. São Paulo: Senac, 2001.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos e os programas em áudio**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BENDRATH JÚNIOR, Wolfgang. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Wellington Roberto, 14 out. 2013.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARITÀ, Enrico. Já estamos no futuro. In: GIOVANNINI, Giovanni (Org.). **Evolução na comunicação do sílex ao silício**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

CARRARA, José Cidalino. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Jonathan Santos, 14 out. 2013.

CASTAGNI, Nicole. Gutemberg: a maravilhosa invenção. In: GIOVANNINI, Giovanni (Org.). **Evolução na comunicação do sílex ao silício**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

CLEMENTE, Loise; ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. **Contando histórias através de radiodocumentários**. Disponível em: <http://www.uepg.br/proex/conex/9/anais/9conex_anais/59.pdf>. Acesso em 18 ago. 2013.

COSTELLA, Antônio F. **Comunicação do grito ao satélite: história dos meios de comunicação**. 5. ed. rev. e atual. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2002.

DETONI, Márcia. **Manual de radiodocumentário**. São Paulo: Mackenzie, 2007. Disponível em: <<<http://www.caduxavier.com.br/mackenzie/arq/4/marcia-detoni-1.pdf>>>. Acesso em 18 ago. 2013.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS - EMUBRA. **A história da comunicação em Presidente Prudente**. 2003. Disponível

em:<<http://www.emubra.net/cidades/pprudente/comunicacao.html>>. Acesso em 15 ago. 2013.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação**: rádio e tv no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERREIRA, Homéro. **Importância da rádio Comercial AM para a radiodifusão prudentina**. Entrevista concedida a Névelyn Silva, 8 out. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIOVANNINI, Bárbara. Assim o homem inventou a comunicação. In: GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação do sílex ao silício**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GREGHI, Waltair. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Kawanny Barros, 15 out. 2013.

HORCADES, Carlos. **A Evolução da escrita**. 2. Ed. SENAC, 2007. Disponível em: <
http://books.google.com.br/books?id=mI_6ZAOKg3MC&printsec=frontcover&dq=historia+da+fala+e+da+escrita&hl=ptBR&sa=X&ei=iviMUv3QL9KkkQfR34H4BQ&ved=0CEsQ6AEwBQ#v=onepage&q=historia%20da%20fala%20e%20da%20escrita&f=false>. Acesso em 20 de nov. 2013.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 4. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

LOMBARDI, Carlo. Do pombo correio ao sistema editorial. In: GIOVANNINI, Giovanni (Org.). **Evolução na comunicação do sílex ao silício**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

MESCOLOTI, Nilton. **Dados sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Névelyn Silva, 12 out. 2013.

MESCOLOTI, Mauricio. **Dados sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Névelyn Silva, 18 out. 2013.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

ORTRIWANO, Gisella Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação de conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PESSOA, Sônia Caldas. Radiodocumentário: gênero em extinção ou lócus privilegiado de aprendizado? In: **E o rádio?**: novos horizontes midiáticos. Orgs. FERRARETO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3504-1.pdf>>. Acesso em 18 ago. de 2013.

PINHEIRO, Ananias. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Wellington Roberto, 15 out. 2013.

PIZA, Daniel. Jornalismo e literatura: dois gêneros separados pela mesma língua. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

SARTORI, Carlos; GRAZZINI, Enrico. O Rádio, um veículo para todas as ocasiões. In: GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação do sílex ao silício**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SILVA, Ismael. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Wellington Roberto, 14 out. 2013.

SILVA, Laerte. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Wellington Roberto, 12 out. 2013.

SILVEIRA, José Vinicius Barbosa da. **Informações sobre a rádio Comercial AM**. Entrevista concedida a Wellington Roberto, 11 out. 2013.

SOUTO, Jéssica Bazzo; CAETANO, Márcia Mariano Raduam. O gênero documentário no rádio. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 14, 2012, Campo Grande. Anais eletrônicos. Campo Grande: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0230-1.pdf>>. Acesso em 15 set. 2013.

SOUZA, Jésus Barbosa de. **Meios de comunicação de massa: jornal, televisão, rádio**. São Paulo: Scipione, 1996.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e formatos radiofônicos**. s/d. Disponível em: <<http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/generoseformatos.pdf>>. Acesso em 02 set. 2013.

ANEXOS

**ANEXO A
ENTREVISTAS**

ENTREVISTA COM NILTON MESCOLOTI

Névelyn Silva: Senhor Nilton Mescoloti como o rádio entrou na sua vida?

Nilton Mescoloti: Bom, primeiro agradeço a presença de vocês, muito simpáticos, tentando contar a minha passagem pelo rádio, meu começo de rádio. Eu vou tentar falar alguma coisa, ver se eu lembro de alguma coisa. Bem o rádio foi, entrou na minha vida, não foi totalmente uma surpresa, eu quando tinha 13-14 anos de idade, eu e mais alguns amigos, a gente ouvia muito rádio, o rádio de Presidente Prudente aquele tempo se pegava muito bem. Aquele tempo era muito fácil sintonizar emissoras de São Paulo, porque havia muito pouca interferência. Hoje é muito difícil, porque há muita interferência de motores, lâmpadas e outras modernidades mais. E a gente ia pra campo de futebol com uma caixa de fósforo na mão, fósforo na mão, o meu amigo comentava e eu transmitia as peladas de várzea que acontecia nos campos, nas vilas de Presidente Prudente e, como a gente gostava, a gente tinha também um time de futebol e sempre mandava notícias para a rádio, a gente mesmo ia levar, datilografava as notícias do nosso time, e um belo dia eu estando na rádio faltou um locutor do horário, e a emissora estava transmitindo um jogo de futebol da cidade de Marília. Quem transmitia era o Flávio Araújo, que também estava começando no rádio naquela época e, como não tinha o locutor do horário, o Flávio Araújo começou a chamar o plantão para dar as informações de plantão e, eu vendo o técnico lá em apuros falei: não, passa pra mim, passa o microfone pra mim que vou conversar com o Flávio e, dando as informações que eu tinha na hora, entrei, dei as informações e até num sai mal né, porquê a gente já tava mais ou menos acostumado a falar na caixa de fósforo. Bom... passou, acabou o futebol, a rádio voltou em horário normal, e eu nessa época trabalhava num escritório de contabilidade próximo a rádio e na segunda feira num horário lá, um funcionário da emissora me procura, falando: olha, (aquele tempo o gerente da rádio era o Carlos Alberto de Arruda Campos)... o Carlos Alberto mandou chamar você na rádio, falei lá vem bronca, vou levar aquela bronca porque eu não tinha autorização pra falar. Em conversa com ele, ele falou: bom sr Nilton Mescoloti tudo bom? Tudo bom, é ontem eu ouvi o senhor falar na minha rádio. Falei: e ai o senhor vai me repreender por isso? Aí eu expliquei pra ele o porquê eu entrei no microfone. Não foi. (fala do Carlos Alberto Arruda Campos) eu vou inclusive te elogiar, gostei muito do que você fez, gostei da sua voz. E nesse mesmo momento ele me fez um convite pra trabalhar na rádio, foi quando eu comecei a trabalhar. Naquela mesma semana já comecei a fazer programa a noite das 22h à 00h, eu saía da escola as 21:30/22h, ia pra rádio e ficava ate meia noite e, num certo tempo, trabalhei, o que a noite, mais ou menos um mês, ai já passei pra durante o dia e durante o dia já comecei a fazer programações, era locutor comercial, locutor de esportes, programa de esportivo, programa jornalístico e foi ai o começo, nunca mais larguei, eu tinha outra profissão, mas já que eu comecei em rádio e era o meu sonho agora o meu sonho vai ser proprietário de rádio e aos poucos eu fui levando...Essa é a resposta da primeira pergunta e já respondi a segunda sua (risos).

Névelyn Silva: O senhor sabe me dizer por que a rádio leva esse nome, Comercial?

Nilton Mescoloti: Olha, eu não há tive, porquê eu era muito amigo também dos fundadores da rádio, Rubens Bussacos e Arnaldo Bussacos irmãos que fundaram, que criaram a rádio Comercial e, eles dois Rubens e o Arnaldo foram filhos também do fundador da rádio Difusora de Presidente Prudente, então eles são filhos também de um radiodifusor. Eu nunca tive essa curiosidade de saber, mas eu acredito que a rádio Comercial surgiu por causa da Vila Comercial que nos temos, nos temos em Presidente Prudente a Vila Comercial, que fica... foi uma vila que nasceu próximo ao centro, um dos primeiros loteamentos de Presidente Prudente após o centro foi a Vila Comercial, Vila Luzo, Jardim Paulistano e por ai foi saindo. Eu acredito que seja por isso ai, por causa da Vila Comercial.

Névelyn Silva: A rádio sempre teve essa localização em que está hoje, ou já foi em outros lugares?

Nilton Mescoloti: Não, já passou por vários lugares, ela começou...o primeiro estúdio foi na Barão, começo da Barão depois passou pra rua Felício Tarabay, depois passou pra Siqueira Campos, quando eu negocieei a compra dela era na Siqueira Campos. Ficamos algum tempo na Siqueira Campos e depois nos construímos, construímos não, aproveitamos um prédio no calçadão em fase de construção e adaptamos, fizemos lá uma instalação bem moderna, uma das mais modernas do estado na época, isso foi em 1978 e, em 1982 nós mudamos pra hoje, onde estamos, na avenida Manoel Goulart.

Névelyn Silva: Quem eram os concorrentes da rádio Comercial?

Nilton Mescoloti: Eu costumo dizer que nos não tínhamos concorrentes, não digo concorrente, assim, porque todos eram amigos, a gente trabalhava pelo futuro do rádio, mas na época tínhamos a rádio Difusora que foi a primeira, depois a rádio Presidente Prudente, depois a rádio Piratininga que já foi tornada perempta, já não existe mais, depois ela mudou o nome para rádio Cidade, depois ela acabou sendo extinta...a rádio...e a rádio Comercial é a quarta, depois veio a rádio Diária, tem outro nome.

Névelyn Silva: Quem eram os comunicadores mais marcantes dessa época?

Nilton Mescoloti: Qual época que você fala? Da instalação da rádio? Isso quando em 1960/1961? Bendorath Júnior, Flávio Araújo, José Guerreiro, José de Alencar o próprio Carlos Alberto e...pausa um pouco... (ele me pede pra pensar um pouco...repeto a pergunta)

Névelyn Silva: Quem eram os comunicadores da época?

Nilton Mescoloti: Bendorath Júnior, Zé de Melo Britto, Geraldo Soller, também Barbosa da Silveira, José Carrara e outros que eu no momento não lembro...

Névelyn Silva: Quais eram os programas mais importantes?

Nilton Mescoloti: A gente já naquela época tinha bastante jornalismo, então acho que o jornal falado que até hoje está no ar, que é o jornal das 7h, um dos programas mais importantes que a rádio teve, inclusive pra cidade também, muito ouvido. Tinha um programa matinal dirigido às donas de casa, também foi um programa muito ouvido e vários outros, mas principalmente radiojornalismo e esportes, já tinha naquela época.

Névelyn Silva: Existiam programas de auditório?

Nilton Mescoloti: Então, na rádio Comercial não tinha programa de auditório, mas logo que eu fiz a primeira mudança da rádio, a primeira reforma, umas grandes adaptações que a gente fez, o estúdio nosso era praticamente um auditório... então toda programação nossa, podia-se considerar como programa de auditório, porque os ouvintes que visitavam a rádio faziam parte, eles interagiam com os locutores, ficava praticamente junto com os locutores participando da nossa programação, então a gente recebia uma media de 1000 visitas por dia naquela época, de pessoal, os ouvintes visitando a rádio já participava e era praticamente um programa de auditório. Então praticamente toda programação da rádio tinha gente, gente que vinha visitar a rádio e já assistia a programação.

Névelyn Silva: A rádio enfrentou algum momento difícil durante a ditadura? Alguma perseguição política?

Nilton Mescoloti: Olha isso daí é sobejamente conhecido né, naquela época era praticamente tudo censurado, assim, especificamente com a rádio Comercial não existiu qualquer tipo de censura, mas a gente tinha...quer dizer, existia a censura baseada na lei, pela lei, mas a rádio nunca foi punida por ter desobedecido à lei, mas foram momentos muito difíceis porque uma musica que você tocava na rádio tinha que ser censurada primeiro, as próprias músicas. Os programas de ao vivo, por exemplo, programa de telefone, que antes dessa censura eram um dos mais importantes da rádio, que tinha participação de ouvintes, foi totalmente proibido, então passamos uns momentos muito difíceis.

Névelyn Silva: Qual era o segredo por antes haver poucos recursos e uma excelente qualidade da rádio, na transmissão?

Nilton Mescoloti: Olha a gente tinha que tirar água de pedra, porque equipamento era o que tinha era disponível na época, não é como hoje que você pega um computador e faz o que você quer dele, com ele. Naquela época a gente ouve histórias de que pra transmitir, por exemplo, um futebol, transmitir uma reportagem externa a gente tinha que ter uma linha telefônica e, muitas vezes a própria linha telefônica era difícil de ser conseguida, então conta-se, eu não participei disso, mas conta-se que teve técnico de som que pegou ate cerca de arame farpado pra poder fazer uma transmissão tentar transmitir para não perder o evento, as vezes não se conseguia a linha de som por telefone. Isso conta-se, está nos anais da historia do rádio que isso aconteceu, e eu acredito, porque isso era muito difícil. Todo equipamento tinha que ser importado, não tinha nacional, você tinha que fazer uma manutenção adequada pra poder esse equipamento durar mais tempo. Inclusive todo equipamento que eu tenho no Centro de Memória da História do Rádio eram equipamentos antigos que foram conservados e 90% deles ainda estão em uso adequado.

Névelyn Silva: Porque o senhor acha que a rádio Comercial se destacou no cenário da radiodifusão prudentina?

Nilton Mescoloti: É o que eu costumo sempre dizer né, se você quer que eu falo rápido, eu falo rápido, trabalho, trabalho e trabalho. Eu tive também a alegria de ter os companheiros, eu não falo funcionários, mas os nossos colaboradores muito bons, todos empenhados em prestar o melhor serviço,

então essa foi a minha sorte também, de ter uma equipe muito boa, inclusive até hoje a gente mantém um trabalho muito bom, dedicado a Presidente Prudente, porque tudo que a gente faz é com visão ao povo da cidade, servir melhor, quanto melhor melhor e é isso aí.

Névelyn Silva: O senhor vê as novas tecnologias como uma ameaça para o rádio?

Nilton Mescoloti: Olha as novas tecnologias só vem somar ao rádio, porque nós temos que se adaptar, hoje, por exemplo, nossos equipamentos já tem que ser tudo moderno, tem que mudar a cada seis meses. Eu tenho equipamento aqui no Centro de Memória que usou apenas seis meses, dessa época da tecnologia moderna de usar só seis meses e já ter que mudar, então é uma constante mudança, então não é uma ameaça, ela vem pra somar, e quem não acompanhar fica pra trás igual ao meu Centro de Memória da Rádio (risos). Mas fica aí pra ser estudado.

Névelyn Silva: Qual a história que mais marcante da rádio Comercial?

Nilton Mescoloti: Olha foi muita coisa em, primeiro foi quando eu consegui adquirir ela, que era o meu sonho. Na inauguração da rádio nos tivemos a presença do ministro das comunicações Quantd de Oliveira e, as emoções que eu tenho é de ter muitos profissionais dedicados, que me ajudaram também. E a continuidade das emoções foi que a minha família, meus filhos estão dando continuidade ao meu trabalho e espero que (chora) continue, é claro que a gente fica ate emocionado né...porque...

Névelyn Silva: O que é a rádio Comercial pra você?

Nilton Mescoloti: Olha a rádio Comercial não é pra mim eu tento dizer que a rádio não é nossa, não é da minha família, eu tento falar isso pros meus colaboradores, que a rádio não é nossa, a rádio é de Presidente Prudente, então é a rádio da cidade e da região, então eles são os donos, inclusive você também, se você quiser, você tem uma parte.

Névelyn Silva: O senhor sabe qual o anunciante mais antigo da Rádio?

Nilton Mescoloti: Bom é fácil, porque inclusive esses dias eu estava vendo o arquivo. Tem vários, hoje o principal que esta no ar, que nunca saiu, nenhum segundo do ar, praticamente é o mais antigo, é a madeireira Liane, que está conosco, pelo menos desde quando eu comprei a rádio que ela continua.

(A partir daqui ele se lembrou de algumas informações. Então repeti algumas perguntas, para que as informações viessem mais completas).

Névelyn Silva: A localização da rádio sempre foi a mesma?

Nilton Mescoloti: A rádio Comercial começou mesmo quando foi inaugurada a torre instalada onde hoje é avenida da Saudade esquina com a 11 de maio, ali era a torre e... já foi feito um aproveitamento e instalaram o próprio estúdio ali mesmo, então funcionou por alguns meses o estúdio junto com as torres de transmissões, junto com os trasmissores, ficou funcionando ali mais ou menos uns três meses, inclusive eu tive a oportunidade de trabalhar na época ali, fazer jornal falado ali, nesses estúdios. A avenida da Saudade era pura terra, quando chovia era lama, as imediações eram chácaras, sítios, e depois, então, foi

transferido o estúdio aqui pro começo da Barão, depois foi pra Felício Tarabay, e quando eu adquiri a rádio já estava na rua Siqueira Campos. Saindo da rua Siqueira Campos nos fomos pro começo do calçadão, na rua Nicolau Maffei, naquele tempo não tinha o calçadão ainda, alguns meses depois que começou a fazer o calçadão e, lá do calçadão passamos aqui pro prédio próprio, na avenida Manoel Goulart, onde estamos até hoje.

Névelyn Silva: O senhor conheceu os irmãos Bussacos?

Nilton Mescoloti: Claro, tivemos um relacionamento muito bom, a gente se conhecia muito, tinha muito boa amizade, e inclusive trabalhei com ele também, no começo do rádio quando eu trabalhei era do Rubens e do Arnaldo e, esse relacionamento foi até a morte dos dois, a gente tinha muito contato, inclusive o Rubens Bussacos foi secretário do ministério das comunicações, foi também um dos responsáveis por trazermos o ministro Quantd de Oliveira, na época o ministro das comunicações, para inaugurar as novas instalações da rádio quando era lá no calçadão.

Névelyn Silva: Junto com o Ernesto Coquemala?

Nilton Mescoloti: Então quando eu comprei a rádio eu comprei do sócio do Ernesto Coquemala que tinha adquirido do Rubens Bussacos, do Rubens e Arnaldo. O Ernesto comprou juntamente com um primo dele, o Eloir Nascimento, e eu comprei a parte do Eloir Nascimento, ficamos sócios durante 12 anos. Eu e o Ernesto fundamos a FM, a Comercial FM, a Comercial 2 e de algum tempo a gente tinha que passar a administração pros filhos então resolvemos dividir a sociedade, ele continuou com a FM e eu continuei com a Comercial AM.

Névelyn Silva: E como foi essa negociação para adquirir a FM?

Nilton Mescoloti: Olha a FM, ela não foi adquirida, nos conseguimos uma concessão e, muitas outras empresas participaram dessa concessão e, nos tivemos o privilégio e a felicidade de ganhar essa concessão.

Névelyn Silva: Como surgiu a idéia de montar um centro de memória do rádio?

Nilton Mescoloti: Olha, esse centro muitos chamam de museu e eu de vez em quando a gente até esquece e chama de museu, mas eu prefiro chamar de centro de memória, porque é realmente um centro de memória que se armazena a história, então, quer dizer, a gente tenta armazenar a história do rádio de Presidente Prudente, não é somente da rádio Comercial, mas é de Presidente Prudente e também da região. Como a gente tinha muitos equipamentos que iam sendo substituídos eu resolvi guardar, fui guardando armazenando, inclusive discos, uma parte nós, antes da gente ter, que a gente não tinha praticamente muito espaço pra guardar esse equipamento e a gente começou a doar e doei esses equipamentos, doei muitos pro museu de Presidente Prudente, inclusive está lá até hoje, mas depois comecei a pensar, falei, bom, ai tentei, arrumei um lugar pra guardar e comecei a guardar já com a idéia de formar esse centro. E assim foi indo, fui substituindo, fui guardando, fui restaurando e hoje esse acervo é para consulta de escolas e do público em geral.

ENTREVISTA COM JOSÉ CIDALINO CARRARA

Jonathan Santos: Quanto tempo o senhor trabalhou aqui na rádio?

Cidalino Carrara: Eu trabalhei por um período de aproximadamente 10 pra 12 anos aí na rádio Comercial, eu comecei em 1963, aí eu sai e fui para uma outras emissoras, aí voltei e fiquei um período grande, de 10 a 12 anos aí, foi um período muito fértil do rádio prudentino.

Jonathan Santos: E quais funções o senhor realizava dentro da rádio seu Cidalino?

Cidalino Carrara: Olha você sabe que o rádio é grande escola né? Na comunicação o rádio é o grande professor. Então no rádio você acaba fazendo tudo. Eu era redator, noticiarista, jornalista, era apresentador, repórter, a gente fazia de tudo, até discotecário a gente..chegamos a fazer, além da apresentação de programas musicais, programas noticiosos né, programas esportivos, tudo isso a gente fez e fez com muito carinho.

Jonathan Santos: E como que começou essa história no rádio seu Cidalino, como o senhor começou a trabalhar no rádio?

Cidalino Carrara: Essa história é ela vem desde eu ainda era seminarista né, a congregação que eu pertencia era voltada para a comunicação, então minha formação em comunicação começou quando eu era seminarista. Daí despertou, eu acho que essa vontade, esse dom que a gente tem de falar, de se comunicar, de escrever, começou ainda no seminário. Aí eu tive uma chance de trabalhar no jornal "Imparcial" e lá eu conheci o Jurandir Gomes e o Jurandir fez um convite para que eu fosse para rádio Presidente Prudente que estava precisando de um redator. Aí eu passei um período na rádio Presidente Prudente como redator e depois também como apresentador. Aí eu fui de vez para a rádio Comercial, a rádio Comercial estava começando, era a terceira emissora de Presidente Prudente, uma emissora que até hoje é ela extremamente simpática, ela sempre foi muito bem recebida perante os ouvintes, então eu fui para a rádio Comercial por volta, em 1963 e lá eu encontrei grandes profissionais que me ensinaram, com que eu aprendi muito né. Fizemos lá, nessa época um jornalismo muito, muito atuante. Nós tínhamos lá na época Joaquim Nascimento, Joaquim Zeferino Nascimento, a gente tinha Mario Ricardo Inocentini, Vicentino, Inocentine aliás, uma plena de pessoas interessadas e depois ao longo da nossa conversa eu posso ir até falando no nome dessas pessoas com que eu trabalhei que engrandecem e engrandeceram o rádio não só prudentino, mas o rádio brasileiro.

Jonathan Santos: Seu Cidalino, durante esse período que o senhor trabalhou aqui na rádio, nesses dois períodos, quais foram as mudanças assim que o senhor percebeu dentro da rádio mesmo?

Cidalino Carrara: A rádio ela sempre foi uma emissora musical, eu me lembro quando ela começou, ela tinha 3 comerciais por intervalo, o resto era música, falava-se muito pouco, e uma segunda, a segunda fase da rádio Comercial, foi a partir de 1975, 74, quando o Nilton Mescolotti assumiu, juntamente com o Ernesto Coquemala Sobrinho de saudosa memória, eles assumiram de vez a a

a Comercial, a rádio Comercial AM e ali houve uma modificação muito grande na sua programação, quando se estabeleceu uma programação da RC, LC, LC, onde é falava-se pouco, dava-se os bons recados, boa comunicação, mas com o tempo marcado. Chegou-se a conclusão de que o ouvinte não quer ouvir muito papo e o rádio também não é um veículo para grandes papos, notícias rápidas, então a grande mudança na rádio Comercial eu acredito que foi essa: quando ela passou a ter a programação LC, né, a programação que era, era praticamente feita em São Paulo e nós executávamos em Presidente Prudente, e mas nessa época também, a Comercial deu uma guinada muito grande no seu setor de jornalismo, por que a programação exigia. Exigia uma, um jornalismo bem atuante, bem mais próximo da da do povo, foi quando nós começamos lançamos o Jornal das Sete, quem que apresentava? Eu e o Nilton Mescoloti. Nós fomos os apresentadores desse jornal por muitos anos até que o Nilton passou a ser o dono né e eu tive a honra de fazer o jornal junto com o dono da emissora, mas depois vieram José de Melo Brito, Waltair Gregui, Pedro Pelosi, que ficaram conosco apresentado o Jornal das Sete, foi assim um informativo que chegava a dar 75 a 80% de audiência, foi o grande marco da rádio Comercial.

Jonathan Santos: Isso foi em que ano seu Cidalino?

Cidalino Carrara: Isso a partir de 75, 74, 75, que ela começou essa nova programação, então é uma programação voltada mesmo para..tinha informação e de música.

Jonathan Santos: Então pode-se dizer que a primeira fase então, igual o senhor falou era uma emissora mais musical e a partir de 75 que ela começou no jornalismo mesmo mais forte.

Cidalino Carrara: Exatamente. Mas na primeira fase é bom destacar..pra .que vocês que estão fazendo jornalismo, comunicação..é bom destacar quando numa iniciativa de Rubens e Arnaldo Bussacos, dois irmãos que fundaram a rádio Comercial, eles implantaram também um rádio moderno, nós tínhamos lá pela primeira vez em Prudente se fazia uma coluna social no rádio, quem fazia? era o José Alves da Silva, o Zequinha junto com a Celia Lacerda, que era esposa do Joaquim Nascimento. Fez-se ali um um já começou a rádio começou bem moderna né, para a época era uma rádio moderna, então ali começou a segunda fase da Comercial que foi também importante.

Jonathan Santos: Seu Cidalino a rádio sempre trabalhou com muitas campanhas, teve a das latinhas, do aedes aegypt, como que era feito esse trabalho, como era realizado?

Cidalino Carrara: Olha, ela sempre se engajou nas grandes campanhas, eu me lembro aqui de uma campanha de de incentivar a criança a escola, nós lançamos o campeonato dente de leite, eu e o Pedro Perlosi, os jogos eram disputados no Corinthinha, “bom na escola, bom de bola”, então ali começou também uma fase da rádio Comercial, com voltada para essas crianças que estavam lá nos bairros, formavam-se então as equipes o nos domingos nós íamos para o Parque São Jorge, hoje aí é o Muffatão, então ali nós organizamos por anos seguidos, o campeonato dente de leite, “bom na escola, bom, bom de bola, bom na escola.

Jonathan Santos: A rádio também desde sempre ela é muito forte na prestação de serviço também né. Como o senhor avalia esse item na história da rádio?

Cidalino Carrara: Olha só, ela sempre foi prestadora de serviço, mas o grande é eu me lembro aqui, numa dupla Nhô Nico e Celestino, eles já faziam também uma prestação de de serviço público, dando aqueles recados para os sítios, para as fazendas, vejam a prestação de serviço: “olha, atenção dona maria, o seu frederico avisa que não pode ir hoje por que o filho continua...continua internado”, veja depois a rádio Comercial nada mais pra cá, também nesse época tinha o Nhô Nico e Celestino mas a rádio começou, lançou pela primeira vez e não sei se ainda continua, bolsa de emprego, ofertas, é eu me lembro que tinha fila, filas na rádio Comercial a procura de emprego, a famosa bolsa de empregos, é uma prestação de serviços maravilhosos que a rádio fazia, além de outras campanha beneficentes ajudando o Lions, Rotary e até a Maçonaria.

Jonathan Santos: Seu Cidalino, deixa eu perguntar uma coisa pro senhor, meio fugindo do assunto, mas qual era a localização da rádio quando o senhor começou a trabalhar aqui e houve alguma mudança?

Cidalino Carrara: Mudou, ela começou na rua Barão, Barão do Rio Branco, número 133, depois ela acabou mudando para a Felycio Tarabai, eu já não estava mais lá, aí ela mudou para a rua Siqueira Campos, quase esquina aí com a Barão do Rio Branco, quase em frente ao antigo, a antiga sede do jornal O Imparcial, depois num trabalho magnífico do Ernesto Coquemala e do Nilton Mescolotti, eles montaram, fizeram umas instalações modernas no calçadão, na Nicolau Maffei, na rua Tenente Nicolau Maffei, agora eu não me lembro o número, mas no começo, quase chegando na avenida Brasil, botou umas instalações modernas e depois ela foi aí para a avenida Manoel Goulart, onde parece que tá até hoje.

Jonathan Santos: Outra coisa também seu Cidalino, é a rádio ela permanece até hoje no ar e por que que o senhor acha, qual o diferencial da rádio pra ela permanecer a tanto tempo no ar?

Cidalino Carrara: Olha, o rádio hoje ele precisa ser meditado, ele precisa ser reestudado, senão ele vai sucumbir. O rádio é um veículo tão importante para a comunicação...brasileiro não vive sem rádio e a rádio Comercial ela se mantém, ela sempre foi uma rádio de vanguarda, ela sempre foi vanguardeira, por isso ela se mantém, mantém uma programação, eu estive aí e acompanhei...visitando o Irineu, meu amigo contemporâneo, visitando o Osvaldo Torino, e aí eu percebi que ela continua, mas é uma persistência até do Maurício, do Maurício Mescolotti que está na direção, a gente vê outras rádios sucumbirem, fechando, mas a Comercial não ela está aí, presente, e isso é fé, confiança, entendeu, é trabalho sério.

Jonathan Santos: Seu Cidalino, partindo para um lado mais pessoal agora, qual é contribuição que a rádio proporcionou na sua vida e na sua carreira como radialista?

Cidalino Carrara: O rádio pra mim foi tudo, se hoje eu sou o que sou, eu não sou nada, mas o rádio me deu tudo, é o rádio me propiciou é um conhecimento de mundo, o rádio me propiciou um conhecimento das pessoas, é através do

rádio que eu me mantenho hoje como jornalista, como professor, como advogado. É o rádio possibilitou isso, por que o rádio ele te obriga, ou você é ou você não é. é proibido patinar em comunicação. Não pode. Então o rádio me prop..não me deixou patinar eu nunca, nunca patinei, não posso patinar, então hoje estou aqui em Cuiabá, graças a Deus fazendo um jornalismo sério aqui na televisão, advogando, dando aula, foi graças todo ao rádio, o rádio que me deu tudo isso.

Jonathan Santos: E a rádio Comercial se o Cidalino, o que ela representa na vida do senhor?

Cidalino Carrara: A rádio Comercial veja você, eu trabalhei em grandes emissoras, mas a rádio Comercial é aquela que marca né, aquela que marcou, por que ali, dentro da rádio, a gente...isso se deve ao desprendimento e acho que a visão do Nilton Mescolotti e do Ernesto, nos deixavam muito a vontade, nos davam liberdade, nós tínhamos liberdade, nós nunca fomos censurados, nós nunca fomos chamados na direção, falou olha você disse isso aqui hoje não podia ter falado, não não, muito pelo contrário, sempre fomos incentivados. então uma radio totalmente independente, pelo menos assim eu penso, e assim eu exerci a minha independência como jornalista, como radiolista dentro da rádio Comercial entendeu? Então a radio Comercial ela representa muita na minha vida.

Jonathan Santos: E se o senhor tivesse que definir a rádio em apenas uma palavra, qual seria se o Cidalino?

Cidalino Carrara: Definir o rádio ou a rádio?

Jonathan Santos: A rádio Comercial em uma palavra

Cidalino Carrara: Agora é...a rádio Comercial. Como que eu...definir a rádio Comercial numa palavra só: espetacular.

Jonathan Santos: Seu Cidalino era isso que eu tinha pra falar, eu queria deixar em aberto agora, pro senhor contar algum fato interessante, alguma coisa que marcou o senhor nesse período que o senhor queira falar.

Cidalino Carrara: Eu...o rádio ele te oferece todo dia, todo dia, todo instante momentos interessantes, mas dentro da rádio Comercial nós vivemos períodos e momentos interessantíssimos, por exemplo é, o momento importante dentro da radio comercial e pra minha vida foi a construção do Prudentão. O na época o prefeito Paulo Constantino, ele disse que ia é lançou a pedra fundamental do Prudentão e disse que o Prudentão seria entregue para os Jogos Abertos do Interior e faltava um algum tempo né. E chegando já próximo dos jogos, faltando 150 dias eu comecei uma campanha, eu dizia assim, no Jornal das Sete: “em Presidente Prudente, 7 horas e 30 minutos, Prudentão uma realidade futura ou uma utopia presente, bom dia”, isso foi foi foi foi, até que os Jogos Abertos chegaram e o Prudentão não ficou pronto, Paulo Constantino ficou magoado comigo, muitas pessoas ficaram magoadas, mas eu sentia, defendia Prudente com unhas e dentes, era, é a minha terra, então foi um fato importante, eu acho que marcou muito, inclusive a presença da rádio Comercial nesse setor, foi uma....outro fator importante foi o campeonato dente de leite que a gente fazia, nós fazíamos também as transmissões da sessões da

câmara municipal, momentos políticos marcantes na vida de Prudente nós vivemos isso.

Jonathan Santos: Quais períodos que o senhor lembra que foi mais forte?

Cidalino Carrara: Período mais forte?

Jonathan Santos: É assim, nesse tipo de transmissão o senhor lembra de algum fato que marcou mais o senhor, que deu mais repercussão na população?

Cidalino Carrara: Ahhh...olha....a própria construção do Prudentão deu muito o que falar, deu muito o que falar, foram assim, sessões e sessões da câmara municipal que a gente acompanhou e enfim eu acho que é isso...eu tenho muita saudade desse tempo, desse tempo né...a rádio Comercial pra vocês terem uma idéia, ela tinha o melhor time de jornalismo da região, e fazíamos coberturas fantásticas, acompanhamos Corinthinha, acompanhamos Prudentina, quando na ainda na chamada divisão especial. um fato marcante, um jogo Prudentina e Palmeiras no Pacaembu, o nosso locutor era Albino Toffano, ele era funcionário do Banco do Brasil e não pode ir, aí fui eu...passei na rádio Bandeirantes pra convidar Joseval Peixoto pra transmitir o jogo pra nós, Pedro Luiz na época autorizou, era diretor da Bandeirantes, e o jogo começou e o Joseval não chegava, eu tive que começar a transmissão do jogo...aquilo me deu um desespero tão grande, mas com 10 minutos o Joseval tava lá passou tudo. Então são momentos importantes na vida da gente e a gente não vai esquecer nunca.

Jonathan Santos: E de programas jornalísticos assim, o que o senhor lembra, que foi mais marcantes de transmissão?

Cidalino Carrara: Ahhhh, o Jornal das Sete. Sempre foi marcante, nós fazíamos transmissão de carnaval, bailes de carnaval, carnaval de rua, mas o importante mesmo, eu acredito que tenha sido o Jornal das Sete que era muito importante, eu acho que ainda é mantido até hoje, eu me lembro que eu apresentava, juntamente com o José de Melo Brito, Nilton Mescolotti, Pedro Pelosi, é Waltair Gregui, e com a participação importante do Laerte Silva, do Ismael Silva e eu quero dizer que eu tive a honra de lançar 3 pessoas. Eu lancei cabo Guedes, que dava as informações da policia rodoviária, o sargento Jorgete, da policia militar que dava as noticias policiais né, e lancei também o Ely Frank, o Ely Frank que hoje tá na Globo, então o Ely foi meu aluno aí na rádio Comercial, um dia chegou pedindo uma chance, eu falei você vai fazer plantão esportivo, ele foi e deslançou graças a Deus.

Jonathan Santos: E qual que foi a idéia do Jornal das Sete, como ele surgiu?

Cidalino Carrara: Necessidade, a gente percebeu que o povo começou a levantar mais cedo. O mundo começou a modernizar e as pessoas começaram a levantar mais cedo e elas precisavam de informação. Não bastava apenas, o mundo estava mudando, não bastava apenas o Nhô Nico e Celestino na rádio Comercial, o Nho Miguel na Difusora dando os recados e falando e fazendo um musical sertanejo. Nós tínhamos um novo universo precisando de informação. Era aquelas pessoas que saiam para o trabalho e não tinham informação. Nós começamos então fazer o Jornal das Sete, que devia começar um pouco mais

cedo, mas as 7 horas talvez já tava bom. começou as 7h e ele se tornou, na verdade, o grande despertador da classe trabalhadora de Prudente.

Jonathan Santos: Seu Cidalino, era isso mesmo que eu tinha pra falar o senhor quer acrescentar alguma coisa?

Cidalino Carrara: Olha, eu elenquei aqui algumas pessoas que me foram caras né. A Lêda Márcia, filha do professor Litholdo, é a Lêda teve, a presença da Lêda Márcia como a voz feminina enriqueceu muito a programação da rádio Comercial. Nós tivemos também uma outra locutora, com uma voz maravilhosa, Mara Neide Cordeiro, é então, a voz feminina começou aí, nós tivemos em outra emissora, na rádio Presidente Prudente a Ivete Pinheiro, mas ela teve uma passagem muito rápida, mas a Neide Cordeiro e a Lêda Márcia marcaram o feminismo na rádio Comercial, destacando também uma presença dos grandes humoristas brasileiros que eu conheci, Hélio Athia, puxa vida, o Helio deixou é marcas muito grandes no rádio, na comunicação de Presidente Prudente, ele fez parte da rádio Comercial. O Manoel de Freitas, o Ciro Martins, Irineu dos Santos...um punhado de gente boa.

Jonathan Santos: Legal, e seu Cidalino, o senhor tem mais alguma coisa a acrescentar?

Cidalino Carrara: Esse trabalho é de escola?

Jonathan Santos: Ele é um trabalho de conclusão de curso

Cidalino Carrara: Que beleza!

Jonathan Santos: A gente vai fazer um radiodocumentário para contar a história da rádio Comercial e a gente tá colhendo depoimentos.

Cidalino Carrara: Eu não sei se para conclusão de curso essa história eu teria, ela vai servir, não é, eu não sei como vai ser a análise...O professor como é que ele vai fazer os parâmetros de pesquisa, essa monografia, mas eu quero deixar muito claro pra vocês, pra vocês estudantes de comunicação. Peguem firme, sejam sempre éticos, sempre éticos e sempre responsáveis, responsáveis com a informação. Do outro lado tem um universo de pessoas esperando informação séria, transmitida com seriedade, com ética, com responsabilidade. O curso de jornalismo é importante, como você passar pelo banco acadêmico é de fundamental importância para você exercer sua profissão, e o rádio ele te dá essa grande chance de você aperfeiçoar esse conhecimento que você está adquirindo no banco escolar. Coloque em prática, sejam jornalistas sérios, capacitados, competentes e acima de tudo éticos, por que nós vivemos uma crise ética no país.

ENTREVISTA COM BENDRATH JÚNIOR

Wellington Roberto: Seu Bendrath como é que era o programa de jornalismo que o senhor apresentava na rádio Comercial?

Bendrath Jr: O jornalismo era semelhante ao que se fazia nos grandes centros, São Paulo, por exemplo, era uma cópia. A gente fazia, tentava fazer, era uma tentativa. A gente juntava o material de rádio, de jornal, de televisão, já

tinha televisão naquela época, e a gente apresentava todo dia às sete horas da manhã. Era o primeiro jornal, tinha boa audiência, naquele tempo tinha boa audiência. Então a gente tinha o material local, o estadual e universal. Esse era. *(pausamos a gravação para o entrevistado se recompor, pois estava com a saúde debilitada)*

De vez em quando a gente entrava também com alguma matéria internacional. Mas tudo isso a gente captava através do círculo vicioso que se surgia em Presidente Prudente, que era a televisão. A televisão então, já trazia alguma coisa e a gente ouvia, assistia muito isso aí, e a gente tinha esse meio de conseguir noticiário nacional e internacional. Antigamente não tinha nada disso, o noticiário era local, o local aqui é policial era o grande forte. Era feito até por um rapaz que trabalhava no jornal o Laerte Silva. Ele fazia a parte policial, e com isso ele se engatinhou e foi indo, e hoje em dia já está trabalhando até em televisão. Então a gente fazia esse material todo e a cobertura das festividades. Festividade nacional e local. Era o sete de setembro em torno geral e o 14 de setembro que era o aniversário da cidade. Então era muito festejado e tal e a gente fazia transmissão do desfile. Ah meu amigo isso era fogo! o papai aqui ficava (risos) sozinho no palanque transmitindo porque o resto caía tudo fora. José Carrara, por exemplo, vou citar o nome dele, ele era um bom colega trabalhava bem e tal mas, ele sempre queria sair. Ele era professor e tinha que no dia sete de setembro ele tinha que ir na escola dele, eu não me lembro era uma cidadezinha aqui perto e ele dizia: eu tenho que ir lá fazer o festejo do sete de setembro na escola e não posso fazer a transmissão contigo. Você vai fazer sozinho. Tudo bem vou fazer. Era um sacrifício. No dia 14 de setembro era a mesma coisa. Não pera aí. No dia 14 de setembro era só de Presidente Prudente, não é nada nacional, sua escola não tem nada a ver. Era duro viu, não era fácil. Você lutava com forças e tal, e, a gente vai acabando. Eu até esqueci de lembrar que eu acabei trabalhando ainda numa emissora que surgiu depois, com a venda, a rádio Comercial vendeu, os direitos da foi vendida para uma igreja protestante no lugar onde tinha a instalação antiga da Comercial. Eu cheguei a trabalhar ali, foi o último trabalho meu. Saí de lá e olha sinceramente, eu saí de lá de cabeça baixa, fui bombardeado, fui trabalhar no jornal O Imparcial, e lá no Imparcial eu encerrei a minha carreira definitivamente por uma série de motivos que eu já te expliquei particularmente. Não quero citar mais porque é desagradável. A minha vista enfraqueceu e tudo isso me levou a encerrar a carreira.

Wellington Roberto: E com que pessoas, com quem o senhor trabalhou na Comercial no tempo que o senhor apresentava esse jornal? Quem eram as pessoas que trabalhavam com o senhor?

Bendrath Jr: Trabalhavam comigo o Laerte Silva, fazia o policial, o Ismael da Silva, de Álvares Machado, ele é bom, como repórter ele é bom. Ele ia mesmo em cima da matéria, e, ele fazia do jeito dele, do jeito dele ele fazia. Foi um bom repórter, para mim ele me ajudou muito, facilitou o meu trabalho, porque senão eu ia ter que fazer tudo eu sozinho, e é duro heim, fazer jornalismo sozinho não é brincadeira. Então tinha o Laerte, tinha o Ismael da Silva, a equipe era essa, uma equipe de minuta. Hoje é completamente diferente não é? Nós temos aí um grande grupo de regionalismo, de noticiário, mas lamentavelmente a televisão tá dando marretada em cima. É ou não é?

ENTREVISTA COM ISMAEL SILVA

Wellington Roberto: Seu Ismael quando o senhor despertou interesse pelo rádio?

Ismael Silva: Eu fui transmitir uma festa da cerveja na cidade de Mirante do Paranapanema, juntamente com Tadashi Kuriki, que era um dos maiores jornalistas de Presidente Prudente, através da rádio Piratininga, antiga rádio Piratininga, e o Jaime Carrijo Cunha, e a partir daquele momento eu passei a adorar o microfone, principalmente fazer reportagem.

Wellington Roberto: Há quanto tempo o senhor já trabalha na rádio Comercial?

Ismael Silva: Desde 1975.

Wellington Roberto: E como surgiu o convite para trabalhar na rádio?

Ismael Silva: Através do proprietário Nilton Mescoloti, essa bandeira também do rádio prudentino. Ele convidou e aquela época a rádio ainda não tinha tido já autorização do ministério das comunicações para o funcionamento. Ele falou: nem vou registrar você, porque nós precisamos primeiro acertar a autorização para o funcionamento da rádio Comercial, que tava meio enrolado. E a partir daquele momento o Nilton Mescoloti, com aquele, um trabalho dinâmico né do rádio prudentino, com sua sabedoria, ele conseguiu montar uma das maiores equipes do rádio prudentino, no setor principalmente de jornalismo.

Wellington Roberto: E o senhor conheceu os fundadores da rádio, os irmãos Bussacos? Como era a relação do senhor com eles? Como foi a fundação da rádio? O que o senhor tem pra contar pra gente.

Ismael Silva: O Bussacos, um homem também que adorava o rádio, e aquela época era difícil montar uma emissora. O custo era elevado. Então a família Bussacos criou aqui, também não podemos esquecer o Ernesto Coquemala Sobrinho, a rádio Comercial. E inclusive o seu Rubens, que também foi assessor do ministro de comunicações, no tempo aí dos militares, ele fez um trabalho muito bom para criar mais uma emissora aqui, AM em Presidente Prudente. Foi um trabalho árduo, o Bussacos inclusive, os dois irmãos, criaram com muita dificuldade essa emissora.

Wellington Roberto: E depois então que o senhor Nilton Mescoloti se juntou na sociedade pra fazer parte da rádio?

Ismael Silva: É exatamente. Aí ele fez uma sociedade com o Ernesto Coquemala Sobrinho, criaram a rádio Comercial e depois veio a comercial FM.

Wellington Roberto: E como era o cenário da radiodifusão prudentina na época, nos primeiros anos da rádio e depois como foi crescendo?

Ismael Silva: Aquele tempo nós tínhamos aí grandes repórteres, apresentadores né? Era o rádio dinâmico, o rádio sempre foi forte. O rádio AM até hoje você vê aí como é forte. Nós tínhamos aqui a rádio Piratininga, a rádio Comercial, a rádio Presidente Prudente e a rádio Difusora. Era uma disputa muito grande e a Comercial sempre ali na frente.

Wellington Roberto: E quais eram os programas mais importantes que existiam na grade da Comercial nos primeiros anos, nos anos até que o senhor entrou na emissora?

Ismael Silva: Nos primeiros anos e até hoje, o jornalismo. O jornalismo sempre atuante, no local com a notícia quente do momento. Então o que hoje segura a grande audiência, inclusive da rádio Comercial é o Osvaldo Torino, esse grande jornalista, que apresenta aí o Jornal das Sete e o Patrulha Comercial. Isso aí segura a audiência. Porque o ouvinte quer música mas, quer notícia.

Wellington Roberto: A prestação de serviço é algo também marcante, com relação a rádio Comercial. Como é que surgiu isso? O senhor pode contar um pouquinho pra gente?

Ismael Silva: Ali também sempre atuante a parte de recepção, ali na recepção, com perda de documentos, procura de empregos, isso funciona muito até hoje no rádio, principalmente na rádio Comercial.

Wellington Roberto: A rádio enfrentou alguma dificuldade, alguma perseguição, até mesmo por um momento de ditadura? O senhor sabe dizer sobre isso?

Ismael Silva: Não, não. Dificuldade de maneira nenhuma. A dificuldade foi só para regularizar a emissora em 1975.

Wellington Roberto: E quais alguns fatos marcantes que o senhor já viveu na rádio? Reportagens, entrevistas que marcaram a carreira do senhor?

Ismael Silva: O que mais marcou na minha carreira foi uma entrevista com o presidente João Figueiredo. Através de um amigo meu, deputado federal de Bauru, eu consegui essa entrevista com o Figueiredo, porque ele era amigo do Figueiredo e era deputado federal naquela época. Isso aí marcou muito a minha carreira.

Wellington Roberto: Em que ano foi essa entrevista?

Ismael Silva: Não, não. Quando ele era presidente da república, não tenho assim. Ele era presidente da república.

Wellington Roberto: E qual a contribuição profissional e também pessoal que a rádio Comercial proporcionou para a vida do senhor?

Ismael Silva: Ah é tudo na minha vida. Tudo. O apoio sempre que o senhor Nilton deu, não só pra mim, para toda equipe da rádio Comercial, foi muito importante, é muito importante até hoje. Porque o Nilton e o Maurício Mescoloti, o filho dele que ta tocando hoje a emissora, é uma família muito dedicada, uma família que sempre está ao lado dos funcionários nos momentos bons e nos momento ruim também. O rádio você sabe, o rádio ele abre porta. Você pode estar certo disso. Você chegou em alguma empresa ou um trabalho que você faça, um trabalho do bem também. A gente vibra aí também com esse trabalho que a rádio Comercial faz, e, foi muito importante na minha vida. Abriu assim um leque na minha vida.

Wellington Roberto: E como surgiu o bordão “e ponto final”?

Ismael Silva: Risos. E ponto final foi uma entrevista que eu estava fazendo no estádio Prudentão, estava jogando aqui Santos e Corinthians, e, eu fiz uma entrevista com o Marcelinho Carioca e depois encerrei e falei: e ponto final. Pegou. E está até hoje aí na TV cidade, e ponto final, na rádio Comercial principalmente o forte é o ponto final. Risos.

Wellington Roberto: Descreva o que é a rádio Comercial para a vida do senhor?

Ismael Silva: É o que eu falei. Tudo na minha vida. Hoje eu levanto por volta das cinco e meia da manhã, para fazer o noticiário para o Jornal das Sete e para o Patrulha. Toma aí um certo tempo da gente, e, o rádio onde você está, está a notícia também. Então é importante isso aí. Hoje em dia com o celular você faz uma entrevista em qualquer ponto do país. Para mim é tudo na minha vida, é o rádio. O rádio me deixa gratificante, me deixa muito tranquilo e principalmente com essa equipe que nós temos aí que é muito unida. A rádio começando logo já de manhã com os apresentadores e também com a rede Bandeirantes de rádio. Isso aí marca. Hoje a rádio Comercial é uma das maiores audiências do rádio prudentino. E é importante eu estou na emissora melhor da cidade, para mim é motivo de muita satisfação, de muita alegria.

Wellington Roberto: O senhor citou essa questão também da Comercial ser filiada a rede Bandeirantes de rádio de São Paulo. Quando isso aconteceu? O senhor lembra? Qual a importância de se juntar a uma rede nacional?

Ismael Silva: Quando foi feito o convênio eu não me lembro. Mas é importante porque, primeiro, com o noticiário do sistema de jornalismo depois vem o futebol que é o forte da rádio Bandeirantes. Então isso é importante para uma emissora do interior ter um convênio com uma emissora como a rádio Bandeirantes.

Wellington Roberto: Obrigado seu Ismael!

Ismael Silva: Um abraço para vocês viu!

ENTREVISTA COM WALTAIR GREGHI

Kawanny Barros: Senhor Waltair, como surgiu o interesse pelo rádio?

Waltair Greghi: Eu acho que é uma coisa que você já nasce com isso. Não é como uma... um outro tipo de profissão. Eu acho que jornalismo, radialismo, enfim, qualquer parte artística que envolve rádio, jornal, televisão, imprensa de uma maneira geral, eu acho que você... é como se você nascesse com aquilo no sangue, no DNA. Porque eu, por exemplo, tenho vários outros cursos, outros tipos de formação e sempre me identifiquei muito mais com o setor radiojornalístico. Tanto que eu trabalhei mais de quarenta anos e estou trabalhando até hoje, não é, utilizando a minha voz e a minha experiência como relação. E posso te garantir que eu aprendi muito mais escrevendo pelo gosto da arte, de aprender a conversar, ter um bom vocabulário, enfim, ter vontade de redigir, de aprender. Eu sempre fui apaixonado pela redação e um apaixonado também, eu me lembro quando era criança, o rádio era tudo na época, né, o rádio AM, não tinha FM, não tinha televisão praticamente, né, (?)

as grandes capitais. Então o rádio AM era tudo. E então quando eu vi um cara falando em rádio, eu falava: meu Deus, eu quero isso. Eu tentava fazer outra coisa, estudei, tive cursos, faculdades, tal, mas o meu negócio era sempre radiojornal. Então eu diria, como já disse pra muita gente que me fez a mesma pergunta: eu acho que eu nasci com essa vontade.

Kawanny Barros: O senhor foi descoberto por quem?

Waltair Gregghi: Olha, em primeiro lugar pela minha própria vontade. Porque eu procurava as emissoras, fazia teste na época, nos anos sessenta, a chamada época de ouro. Não era qualquer pessoa que entrava em rádio não. Era uma guerra de foice, era uma coisa brava. Você tinha que ter em primeiro lugar uma boa voz, porque hoje, sinceramente, a voz não é tudo mais. Mas na época era. Então você tinha que ter boa voz e também, é, capacidade pra desenvolver porque você mexe com a voz. Mas não adianta você ter uma boa voz e não saber moldá-la. Então você tem que com o tempo aprendendo a moldar como se fosse um desenho porque do contrário você jamais terá uma condição essencial pra ter uma voz... a voz você comanda, você nasce com ela. Mas se você não tiver uma maneira de tratá-la, de conservá-la, de domesticá-la, tá certo? Ou seja, gostar da sua voz. Se você não gostar da sua voz faça alguma coisa pra gostar. Eu, por exemplo, eu acho té que tive um trauma quando criança e foi isso que me deu vontade de aprender a conversar. Muitas pessoas diziam: você quando fala parece que tá chorando. E eu aquilo não me derrubou, pelo contrário, me ergueu. A ponto de as pessoas que diziam que hoje eu chorava quem chora são elas.

Kawanny Barros: Antes de trabalhar no rádio, tinha outra profissão?

Waltair Gregghi: Eu, eu fiz como disse pra você, eu fiz vários cursos. Inclusive eu fiz um curso de telegrafia, é eu sou radiotelégrafo também, além de jornalista, radialista, sou formado em faculdades, estudos sociais, educação moral e cívica, tenho curso de inglês. Eu domino o inglês como português praticamente, né. Tanto que em rádio eu sempre fiz programa que eu tocava música, à-la Hélio Ribeiro, talvez você não saiba (e) quem é. Mas foi o maior radialista que o país já teve, né. Ele tocava música em inglês e traduzia para o português. E assim com o italiano para o português, e eu fazia isso também. Eu era apaixonado pelo Hélio Ribeiro. A gente sempre imita alguém, né. Eu procurei imitar um que hoje já não existe mais (rs), mas que muita gente imitou. Mas, eu fiz cursos de telegrafista, me formei. Mas larguei tudo pra continuar, ah, inclusive eu havia passado num concurso público, nunca me esqueço, do INPS, e larguei tudo pra militar no rádio. Não, eu quero é fazer radiojornalismo, meu negócio é esse. Até que eu entrei em rádio bem criança praticamente. Com quinze anos, dezesseis anos eu já era foca em rádio, jornal. Estudava mas eu queria saber fazer rádio. Então eu tentava, fazia teste, pedia pra alguém me ajudar, pedia pra um, pedia pra outro. Eu fui batalhando e até com uma certa facilidade, mesmo porque eu saía por aí, eu mesmo imitando as pessoas, ou seja, eu queria, é, aprimorar, eu achava que eu tinha uma boa voz e eu consegui dessa maneira. Por mim e não desistindo porque se eu desistisse da primeira vez, eu caía fora.

Kawanny Barros: Em quais rádios trabalhou em Presidente Prudente?

Waltair Greghi: Eu acho que em todas, algumas até mais que uma vez, não é. Eu comecei no rádio; comecei antes no jornal, na parte de imprensa, né. Imprensa eu comecei no próprio jornal "O Imparcial" que eu fui revisor nos anos sessenta e depois, então, eu passei a ser redator e em seguida eu entrei na extin..., não, na rádio Comercial AM. Na época não tinha FM, isso era coisa do futuro, é. Em São Paulo as FMs começaram a surgir depois dos anos sessenta, setenta, quase década de setenta, né. Então, eu comecei na rádio Comercial AM quando o rádio AM era tudo. Era Deus no céu e o rádio na terra, né, as informações... e eu, foi uma dificuldade enorme pra entrar lá naquela época, né. Nós tínhamos aqui na época a rádio Comercial, rádio Difusora, rádio Piratininga e rádio Presidente Prudente, todas AMs. Eu trabalhei em todas. Seguidamente, né. Um tempo numa, um tempo noutra. Conforme os convites que a gente ia recebendo, né. Havia uma troca muito grande até porque faltavam funcionários pra essa área.

Kawanny Barros: Como e quando surgiu o convite para trabalhar na rádio Comercial AM?

Waltair Greghi: Olha... como é seu nome mesmo? Kawanny, nome diferente. É, eu... não foi bem um convite. Eu tentei. Eu trabalhava no Imparcial e já estava tentando o rádio. De qualquer maneira eu estava tentando o rádio através de colegas meus que trabalhavam em rádios, porque a gente através do jornal tinha uma certa, uma estreita ligação com as pessoas que trabalhavam em rádio. Então, através dessas pessoas eu também fui me aproximando e tendo mais essa chance, porque naquela época também, apesar da capacidade, existia o q.i "quem indica", né. Mas naquela época o "quem indica" não indicava muito não, era a sua capacidade mesmo. Isso foi... eu comecei; a minha estréia em rádio se deu no dia vinte e três de janeiro de mil e novecentos e sessenta e sete.

Kawanny Barros: Qual foi a sua primeira transmissão pela rádio Comercial?

Waltair Greghi: Eu comecei no rádio já direto no jornalismo. Eu fiz um teste, já tinha feito já há alguns dias antes, passei no teste e comecei a fazer, na época, o que se chamava de "plantão esportivo", né. "Você tem uma voz pra ser um bom plantão." Aquele quando o cara tá transmitindo o jogo, né..." E agora vamos ao plantão esportivo com o fulano de tal", então eu "pá" entrava lá: " em São Paulo, Corinthians: um, Palmeiras: cinco." Eu sou palmeirense só por causa disso. Risos.

Kawanny Barros: Quais os programas apresentava e quais as suas características?

Waltair Greghi: Eu comecei, como eu te disse, fazendo plantão esportivo, mas fiquei pouco tempo nessa área. E se bem que em rádio já fiz de tudo, até já rezei ave maria já. Até isso eu já fiz pra você ter uma idéia. Mas, logo em seguida eu passei a fazer programas musicais. Sempre foi o meu... a minha paixão foi apresentar programas musicais. Então eu sempre... porque hoje, por exemplo, o rádio AM, tanto o AM quanto o FM é, praticamente, eles vivem mais de notícias, né, devido a expansão tecnológica, né. Esse é um assunto assim bem mais avantajado. Mas na época o rádio era tudo. Era dinâmico mesmo e era tudo ao vivo não tinha nada de gravação, internet, de computador, não tinha nada.

Então, eu sempre gostei de mexer com a parte musical. Sempre tive o prazer, inclusive fui agraciado várias vezes com medalhas, né, na época se elegia os melhores do ano no rádio, era uma..uma luta muito grande e eu fui eleito várias vezes como um dos melhores apresentadores de rádio. E depois quando surgiu o FM passei pela rádio Comercial, depois fui pra rádio Piratininga, depois a rádio Piratininga passou a ser rádio Cidade, depois voltei pra rádio Comercial e foi um zigue-zague danado. Risos. Certo? Sempre fui fazendo programas de músicas e a minha grande paixão que eu sempre fiz. E até hoje as pessoas me perguntam "por que eu não faço mais". Porque o tempo já passou e nem dá pra se fazer mais esses programas devido a expansão tecnológica. Eu sempre fazia as chamadas "paradas de sucesso", aquele tipo assim classificação das músicas,né. "Décima primeira, décima segunda classificada da semana, né, e por aí vai. Então eu sempre fazia aqueles programas que indicavam as músicas mais vendidas, mais tocadas da semana, pra isso a gente tinha... no Brasil todas as emissoras... a emissora que não tinha uma parada de sucesso não era rádio e eu sempre tive esse privilégio de ser contratado. Era tirado de uma rádio pra outra pra fazer aquele programa noutra rádio. E eu ia mediante novas condições, melhores condições de trabalho, e sempre mexi com essa parte aí. Mas nunca deixei o jornalismo de lado, tanto que tem um jornal, por exemplo, aqui em Prudente até hoje na rádio Comercial, ele foi lançado em 1968 e está no ar até hoje que chama-se "o Jornal das Sete", e quem lançou esse jornal fui eu. Eu fui o primeiro narrador dele juntamente com meu companheiro Geraldo Soller e outros companheiros da época. Mas eu fui o primeiro apresentador e fui um dos pioneiros desse rádio em Prudente. Depois passei por outros mas sempre através da música eu tinha também, paralelamente , eu era redator. Eu nunca deixei o jornalismo de lado, porque como eu já te disse eu sempre gostei muito de redigir, escrever, acho uma arte que, infelizmente, não é todo mundo que tem.

Kawanny Barros: Quais foram as dificuldades encontradas no início da carreira na rádio?

Waltair Gregghi: As dificuldades é que você tinha que enfrentar verdadeiras feras no rádio, não é? Tanto que muitos locutores de Prudente foram embora para grandes emissoras do país. Eu também tive essa oportunidade, trabalhei um tempo em Londrina- Paraná, também passei por lá. E grandes outros locutores de Prudente foram para grandes centros, é, eu diria pra você que, é, hoje as vozes mais requisitadas do país para comerciais de rádio e de televisão são de elementos da minha época. São pessoas na faixa dos cinquenta, sessenta anos de idade porque eles têm a voz padrão que não se tem mais hoje, infelizmente. Que não se dá muito valor. Então, esses caras hoje estão numa situação bem privilegiada, né. Então, o grande problema que eu tive na época foi enfrentar essas feras, mas eu enfrentei e , não sei se me igualei a elas, mas não tenho do que me queixar não.

Kawanny Barros: Você se inspirou em alguém em suas transmissões?

Waltair Gregghi: Hélio Ribeiro. "Aqui é Hélio Ribeiro, seu correspondente musical".

Hélio Ribeiro para quem não sabe foi considerado o maior locutor de rádio do

país. Ele faleceu, infelizmente, no começo do... acho que 2002, 2003, coisa assim.

Se vocês entrarem no Google, vocês vão achar lá um site que fala sobre o Hélio Ribeiro. Até gostaria que um dia vocês entrassem lá pra saber... lá temo cara falando. Lá tem tudo. Eu sempre me inspirei muito nele, eu fui um macaco de auditório desse cara. E acho que muitos locutores do Brasil, talvez (risos), a grande maioria se inspirou nele. Eu conheci... eu fiz questão de conhecer ele em São Paulo na Jovem Pan, depois na rádio Bandeirantes. Radialista sempre foi... pulava de galho em galho, a gente não parava em um lugar só. Entendeu? Porque recebia melhores convites ou queria, pá, pá, pá. Então isso daí que foi... foi assim que funcionava. Mas eu me inspirei muito em Hélio Ribeiro e não tenho vergonha de falar que imitava o Hélio Ribeiro como muita gente imitava no Brasil inteiro. Mas eu tenho, logicamente, a minha característica normal, claro.

Kawanny Barros: Quanto tempo trabalhou na rádio Comercial?

Waltair Gregghi: Ah, ish, agora tenho que fazer uma continha aqui, mas eu vou tentar esclarecer pra você. De 1967 até hoje já se passaram 45 anos, né, 6, 46 anos. Eu fiquei na rádio Comercial no começo acho que uns 10 ou 15 anos. Não, não, não, não, não! Me desculpe. Eu fiquei logo de cara na rádio Comercial, estreiei em 67..., fiquei dois anos depois eu fui pra rádio Piratininga de Prudente, que hoje nem existe mais, a rádio Piratininga foi fechada. Depois eu voltei pra rádio Comercial, fiquei dois anos na Piratininga, voltei pra rádio Comercial. Depois passado uns tempos foi inaugurada a rádio Comercial 2 FM, que hoje é a 98. Eu fui o primeiro funcionário da 98 também, um dos primeiros funcionários de lá ou o primeiro, né, tive esse prazer. E trabalhei nesse "ar" entre rádio Comercial e Piratininga, eu tive em Londrina, passei pela rádio Difusora e vários outros locais. E até... e deixei o rádio, é, em 2010 quando eu passei a fazer parte de estúdio de gravações pra carros volantes. É uma nova etapa na minha vida até porque eu me aposentei tanto no jornalismo quanto no radialismo. Até porque chega um ponto que já não é mais a minha área, né. Hoje é tudo na base da internet, tudo esse negócio todo, e isso aí eu deixei mais pra molecada, pra turma de hoje. Risos. Eu acho que a minha parte eu já fiz e hoje eu preencho o meu tempo com essas gravações paralelas que eu me sinto muito melhor e muito mais tranquilo. Não tem aquela, aquela obrigação de tá em rádio domingo, feriado, natal, ano novo, que eu cansei de trabalhar nesses dias, né. Hoje eu faço os meus horários.

Kawanny Barros: No período em que você trabalhou na rádio Comercial, já era sob o comando do Nilton Mescoloti?

Waltair Gregghi: Eu trabalhei com ele. Trabalhei com seu Nilton Mescoloti durante muitos anos. Muitos anos trabalhei junto com ele. E ele...comecei trabalhando com o seu Ernesto Coquemala, né, lá na rádio Comercial. Depois trabalhei também com seu Nilton Mescoloti também na rádio Comercial, juntamente com o seu Ernesto Coquemala e com outros dirigentes que agora eu não tô lembrado bem o nome, né, e depois trabalhei com o seu Ernesto Coquemala, houve uma divisão das emissoras, da comercial AM com FM, então eu passei a trabalhar na 98 F...Comercial 2 na época, inaugurou como Comercial 2, muita gente aqui não sabe, mas foi. Depois passou 98, é que não

se usa muito mais o prefixo, né, nas emissoras hoje com o próprio nome. Então, eu passei a trabalhar juntamente com seu Ernesto Coquemala na 98. Então eu deixei a rádio Comercial, mas trabalhei com seu Nilton Mescoloti também, tive o prazer de trabalhar com ele.

Kawanny Barros: Na sua opinião, qual o diferencial da rádio Comercial? Por que ela se destacou?

Waltair Gregghi: Olha, eu... você diz rádio Comercial AM ou FM? A rádio Comercial AM... eu acho o seguinte, no começo todas as rádios de Prudente, na minha opinião, elas brigavam uma com a outra, né. E houve um crescimento, eu acho que o que pesa muito, aqui em Prudente inclusive, hoje a rádio AM, você pode... não sei se você percebeu, mas o rádio AM hoje está, lamento falar, mas em decadência. Não só aqui em Prudente mas no Brasil inteiro, né? Porque é, essas emissoras estão sendo, a maioria delas, ocupadas por emissoras, por igrejas, não é? Estão sendo alugadas, compradas por igrejas que são alugadas ou compradas mesmo por grupos evangélicos. E a rádio Comercial, na minha opinião, ela sempre teve uma linguagem bastante jovem, né, voltada bem, pelo menos no meu tempo, voltada para a juventude, né? Ela sempre teve um comportamento jovem, mas com o passar dos tempos também ela passou a ser uma rádio bastante informativa, dando uma prioridade ao radiojornalismo. O que na minha opinião, hoje, é o grande forte das emissoras de rádio. É o jornalismo. Mas eu acho que a rádio Comercial se destacou exatamente no começo, no tempo que trabalhei, pela sua programação jovem. Depois então é... porque o rádio também tem que se adaptar as condições da evolução dos tempos. Ela passou também a fazer um rádio mais popular, né? Porque tudo é baseado em pesquisa. Então, chegou-se a conclusão que o rádio AM com o advento do FM passou a ser um rádio mais para o povão. Então você tinha que fazer uma programação voltada, exatamente, para o público, para o povão. O que tá acontecendo hoje? O FM também tá tendo que popularizar bastante porque hoje qualquer pessoa tem o radinho AM e tem o FM também. Então, o rádio AM hoje, você observa que ele vive muito mais em função de notícia. Existe um grande parte das emissoras no Brasil que “tocam notícias”, entre aspas, não tocam músicas mais no rádio AM, e até em FM isso já está acontecendo. Então eu acho que a rádio Comercial ela se destacou também, isso não desrespeitando as outras não, eu não tô querendo dizer que a rádio Comercial foi sempre primeiro lugar de audiência não. Eu acho que essa... esses picos de audiência todas as outras emissoras de Prudente tiveram, né? Então, fica assim até um pouco chato porque eu trabalhei praticamente em todas. Então, é, em todas que eu trabalhei eu acho que elas já chegaram a atingir o primeiro lugar de audiência. Mas podiam cair, podiam subir. É mais ou menos por aí.

Kawanny Barros: Qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio trouxe pra você?

Waltair Gregghi: Olha, primeiro lugar é uma escola. Eu sempre digo que não existe uma escola melhor do que o radiojornalismo, onde você aprende a falar, aprende a escrever, aprende a pronunciar bem as palavras, aprende a ter um bom vocabulário, não ter medo de conversar com ninguém, ou seja, você ter segurança pra discutir e conversar qualquer assunto, porque a gente passa ser uma pessoa bem informada até pela profissão da gente. Eu, por exemplo, sou

obrigado até hoje que eu não tô, que eu tô fora do rádio, mas eu tenho ele dentro de mim. Lógico, faz parte do meu sangue, do DNA. Os meus amigos estão todos por aí, e eu canso de ser convidado a voltar, mas já deu, né? Eu acho que já. Não posso dizer o dia de amanhã, mas por enquanto não. Então eu...o rádio te ensina muito e você passa a ser, você passa a ter muitas muitos amigos, inclusive pessoas que eu não conheço mas que me conhece. Se não pela voz, mas pelo nome, e isso pra mim é muito gratificante porque a gente faz parte, eu me considero fazer parte da vida da cidade e isso pra mim é gratificante, porque eu ajudei a resolver muitas coisas, né? A alegrar muita gente, levar divertimento pra muitas pessoas, ajudar a encontrar pessoas perdidas, noticiar, informar, divertir, né? Levar muita emoção também. Então tudo isso pra mim faz parte e eu me considero um dos pioneiros da arte em Presidente Prudente, e me considero também uma das molas propulsoras da cultura radiofônica, jornalística, televisiva da cidade. É isso que o rádio me deu de alegria e a minha contribuição e acho que é a minha contribuição também.

Kawanny Barros: Como você se adaptou as novas tecnologias? Como você disse com o advento da internet o senhor acabou deixando de lado, mais pra juventude. Mas no comecinho, o senhor chegou a lidar com algum tipo de nova tecnologia enquanto ainda exercia a profissão?

Waltair Greghi: Lógico, a internet passou a fazer parte do rádio já desde o final dos anos, né, início do... anos 90 por aí. Porque é o seguinte, esses avanços eles chegam em São Paulo e evidentemente quase que em seguida já está no interior, nas grandes cidades, né? Então, e você tem que se atualizar. Então quando chegou a internet, realmente, os computadores, porque hoje em rádio tudo é computadorizado, como é em todos os serviços tecnológicos. Então, o que acontece, a gente antigamente escrevia tudo na máquina, né? Na máquina de escrever ou na mão mesmo. Era no improviso, era na raça, na gana. Noticiário você tinha que copiar das grandes emissoras através da rádio-escuta porque eles tinham telex. Se não você ligava na rádio no interior e gravava o noticiário de uma rádio Bandeirantes, de uma Difusora, de uma Globo, de qualquer outra emissora que tinha telex, e você gravava e copiava as notícias. Tinha o cara que era... ganhava pra fazer aquilo. Era uma profissão, uma das que foi extinta com o advento da internet e do rádio tecnológico, digamos assim, né? Foram extintas muitas profissões. Hoje um disque-jockey, ele senta ali e faz tudo sozinho. Ele faz o trabalho que eu, na época, quando comecei, eu fazia um programa que tinha que ter pelo menos umas 4, 5 pessoas junto comigo. Tinha o operador de som, tinha o operador de gravação, tinha a menina lá que atendia o telefone. Cinco, seis pessoas pra fazer um programa e eu apresentando. E hoje, um só faz tudo. Então, quando houve essa tecnologia, quando ela chegou, evidentemente, a gente teve que se virar. Que não dá tempo de ficar ensinando ninguém não. Todo mundo teve que aprender a... cada um na sua. Eu por exemplo não sabia nada de computador. Não existia. Como é que eu ia saber? Então eu tive que aprender a redigir, né, que era mais a minha parte. Hoje eu sei fazer as outras coisas porque eu aprendi a fazer em casa nos meus aparelhos, né? Mas em rádio, cada um teve que se virar. Se vira ou cai fora, meu filho. Se não, não vai ter lugar pra você. O português claro é esse: se vire. "Ah, mas eu não sei." Não sabe, vai aprender. E um tinha que perguntar pro outro, o outro pra um e pá e coisa, e a coisa foi se encaminhando. Hoje todo mundo tem que saber quem vai rodar tudo. Você

não roda mais nada. Já era no meu tempo, há três anos atrás quando deixei o rádio em 1910, tudo que você rodava de música é tudo na internet. Você não usava mais... primeiro que eu comecei com 78 rotações, o “discão”, era um disco que se você tacava na cabeça dum matava. Pergunta pro seu Nilton Mescoloti (risos) que você vai ver. Ele vai te falar. Ele tinha estúdio de gravação na época, cansei de gravar com ele. Depois então, passou pro LP, do LP passou pro compacto, né? O compacto eram duas músicas que você tirava no LP, as principais, né? Por isso que existia a parada de sucesso do LP, do compacto. Que era música principal, por exemplo, o Roberto Carlos lançou um LP lá, e um monte de música, 12 músicas, mas a principal era “quero que vá tudo pro inferno”, então ele tirava aquela música e colocava uma outra e ali então ele vendia aquele compacto e depois lançava o LP, e por aí ia. Então, era mais ou menos assim que funcionava. Então, houve, realmente, uma revolução social, tecnológica e ao mesmo tempo social porque muita gente não sabia mexer com o computador. Teve que aprender de um jeito ou do outro. E eu também tive.

Kawanny Barros: Qual a história mais marcante nesses anos de rádio?

Waltair Greghi: Olha, tem muitas histórias, né? Mas é... eu diria pra você o seguinte que a diferença do rádio de ontem pra hoje é tão grande que se a gente fosse contar tudo, nós passaríamos aqui falando a noite, vararia a noite aqui e ia embora. Mas eu vou contar apenas um detalhezinho, porque se eu fosse colocar isso tudo num livro, caberia umas 1000 páginas, né, que eu já estou inclusive escrevendo, né? E espero publicar num futuro não muito longo. Mas uma vez eu e um amigo meu, nós fomos transmitir um jogo de futebol, eu mexia com futebol também, na verdade a gente fazia de tudo, essa que é a verdade, né? Antigamente você fazia de tudo um pouco. Você era narrador de futebol, comentarista, repórter, é, apresentador de programa sertanejo, popular, é, lia jor... jornal era lido na hora ali. A coisa era pesada. E nós fomos transmitir o futebol. Foi eu e Ímer Lombardi, que depois foi trabalhar na rádio Universo de Curitiba, ele transmitiu a copa do mundo de 82 juntamente com o Flávio Araújo que também foi de Prudente, né? Daqui também foi José de Alencar, José Italiano, entendeu? O Ímer inclusive faleceu há alguns anos atrás num acidente em Curitiba foi um dos grandes narradores que saiu de Prudente para um rádio brasileiro. Caso de Flávio Araújo, Joseval Peixoto que também é radialista e apresenta o “Jornal Hoje” na Jovem Pan e na televisão no SBT junto com a Raquel Sherazade, né? Ele é de Prudente. Então, todos esses caras aí, eu trabalhei com esse pessoal. Tive o prazer de trabalhar com esse pessoal. Se não trabalhei com todos, pelo menos eu os conheci ou eram mais ou menos do meu tempo. E uma vez fomos transmitir um jogo, foi no início dos anos 70, ou no meio dos anos 70, e se eu não me lembro bem foi pela rádio Piratininga. Fui eu, o Ímer Lombardi e mais dois companheiros. Então, na época a gente não tinha essa facilidade que se tem hoje em transmissão. Você tem uma linha que vai e uma que vem, uma rádio-escuta, tudo via internet, né? Então essa é uma facilidade muito grande, mas na época não, era via telefone. Era pela Telesp, era uma dificuldade muito grande pra você conectar as linhas. Então as vezes você tinha que correr riscos, principalmente se o tempo não tivesse bom. Às vezes chovia, né, relâmpagos, trovões, caía a ligação. E às vezes você era obrigado a transmitir uma partida de futebol sem saber se aquilo tava chegando aqui. E uma vez fomos transmitir um jogo inteirinho e não foi nada pro ar. Nós

transmitimos um jogo inteirinho e não foi nada pro ar. A gente ligou pra cá no final pra ver como é que ficou a transmissão: “e rapaz, não saiu nada! vocês tão falando aí à toa. Caiu tudo aqui, deu um puta de um toró aqui.” Mas a gente não tinha comunicação. Era muito obsoleto. Então a gente corria esse risco. Quando as transmissões eram aqui na cidade, às vezes, acontecia também, mas você tava aqui perto, era mais fácil de avisar, né? Mas fora, você tinha que correr esse risco e nós corremos. Foi um mico desgraçado, mas isso aí fazia parte da vida radiofônica daquela época.

Kawanny Barros: Descreva a rádio Comercial em uma frase.

Waltair Greggi: Em uma frase? Pra mim, se eu tiver que dizer das minhas boas coisas da vida, eu diria que a rádio Comercial AM e depois a 98 FM, olha que eu tô deixando as outras de lado, que não fizeram tanta importância assim. Tiveram importância mas não tanta. Mas essas duas, realmente, juntamente com a minha família são parte importante e vital na minha vida. Eu disse vital na minha vida.

ENTREVISTA COM BARBOSA DA SILVEIRA

Wellington Roberto: Seu Barbosa como e quando começou a carreira do senhor?

Barbosa da Silveira: Eu sou palistano e eu vim pra Prudente na instalação da FAF, hoje Unesp, em 1959. Vim aqui pra ficar quatro anos, fiquei até 66. Estava me preparando pra ir embora, quando um dia eu fui lá falar com o Soller, Geraldo Soller, que era diretor do Imparcial, gerente do Imparcial. Aí ele disse você não quer me dar uma ajuda aqui, porque ta faltando, saindo muito erro no jornal, aí eu falei, mas eu vou embora. Aí ele falou, mas enquanto você não for embora me ajuda por favor. Eu fui, dia primeiro de outubro de 66. Entrei lá e to aqui até hoje. Aí comecei a trabalhar, trouxe a família, a família não estava aqui né, trouxe a família, aí comecei a trabalhar. Depois eu sempre gostei de fazer rádio, inclusive fiz rapidamente um jornal da rádio Difusora a convite do gerente, o Carlos Alberto de Arruda Campos, já falecido, e por aí eu perguntei para o Mescoloti se podia fazer um programa. Ele disse perfeitamente. Então comecei minha coluna Sociedade em Tópico no jornal no dia 16 de abril de 67, cinco anos depois, no dia 16 de abril de 72 eu comecei o programa Os Ouvintes Querem Ouví-lo. E agora to até hoje, 41 anos de programa.

Wellington Roberto: E em quais rádios o senhor já trabalhou?

Barbosa da Silveira: O rádio que eu trabalho há bastante anos é a Comercial. Eu fiz uma parte de entrevistas na rádio Difusora, como falei agora mesmo, na época do Carlos Alberto, aquilo talvez não fiquei nem um ano. Depois aumentou aqui o serviço e eu saí. Não chegou a um ano. O jornal era de manhã cedo, onze horas da manhã, jornal da rádio, e a noite eu fiz também um programa na Difusora há muitos anos atrás, era tipo aquele jornal, esqueci o nome, já lembro daqui a pouco. E o diretor do jornal pediu pra mim fazer um programa de jornalismo de noite, jornalismo de entrevista, era o Correio da Sorocabana em revista, eu fiz durante acho que um ano. O resto mais foi tudo na Comercial com meu programa.

Wellington Roberto: E para o senhor no caso, como surgiu o convite pra trabalhar na Comercial? O senhor mesmo já chegou para o senhor Nilton Mescoloti querendo fazer o programa, com a intenção de fazer o programa, como é que foi esse início lá na Comercial?

Barbosa da Silveira: Na rádio Comercial o Nilton Mescoloti que me convidou um dia pra fazer um programa. Na época eu já estava aqui no jornal, e ele me convidou pra fazer um programa. E eu falei perfeitamente, vou fazer o programa. Será aos domingos às 11h30 da manhã, ele concordou direitinho e comecei. Já são 41 anos no ar, desde 72, 41 anos no ar, o programa Os Ouvintes Querem Ouvi-lo.

Wellington Roberto: E quais as principais características desse programa? É um programa do quê? De entretenimento, de entrevistas? Do que trataria esse programa que está no ar até os dias de hoje?

Barbosa da Silveira: É um programa de entrevistas. Não tem entretenimento, não tem música, não tem nada. Você vai lá no programa, e eu pergunto desde o dia em que você nasceu, a primeira pergunta é nome, dia, mês, ano, local do nascimento e cursos feitos. Você responde e eu continuo. Eu sei que você é universitário, aí vai pra....., depois tem perguntas de jornal, de esporte, de política, etc, etc. Mas geralmente começa assim, com a pessoa falando o dia que nasceu, uma espécie de mini currículo, depois eu vou embora.

Wellington Roberto: E como era, quando o senhor começou o programa lá na rádio Comercial? Como o senhor avalia a radiodifusão na época em Presidente Prudente? Como era esse cenário em Prudente na época?

Barbosa da Silveira: Olha na época, tinha diversas emissoras, e as duas emissoras que estavam no auge era a Presidente Prudente e a Comercial AM, compreendeu? Eram as que tinham maior audiência, sem disputa, sem nada, a maior audiência. E com meu programa no ar também aumentou a audiência, porque até hoje, o programa está fora do ar, como eu disse, por causa do futebol. O grêmio está jogando às 10h da manhã então eu não vou entrevistar ninguém meio-dia, uma hora, porque não dá certo. E muita gente pergunta você terminou o programa? Falo: não, eu até coloquei uma nota no jornal, falando que vou voltar no dia 25 porque no dia 18 ainda tem futebol, aí eu volto no dia 25 normalmente.

Wellington Roberto: E o que o senhor se lembra assim, quais eram os outros programas que a rádio Comercial tinha na época?

Barbosa da Silveira: Risos. Eu não me lembro. Bom a Comercial tinha o jornal falado de manhã, como tem até hoje, o jornal das onze, que é o Patrulha Comercial do Torino. Tem programa de manhã e de tarde, programa musical, e as vezes a pessoa entrevista também. Os assuntos principais da cidade são de manhã e de tarde. Inclusive tem um rapaz que faz o programa de noite lá. De modo que está assim, de manhã tem o Torino, Torino 11h com o Patrulha Comercial, depois entra outro programa com outro locutor até às quatro horas. Depois entra outro locutor até as seis horas e depois não sei quem é. Até, faz tempo que eu não ouço a rádio a noite. Mas era um rapaz que fazia um programa, um negócio inclusive de automóvel, uma coisa assim há muitos anos. Deve ser ele ainda que está lá, eu não posso confirmar.

Wellington Roberto: Com relação, aos fatos noticiados em Presidente Prudente, desde o início da rádio, se o senhor se lembra, daqueles que foram mais marcantes, que a rádio chegou a noticiar? O senhor lembra dos mais importantes? Que o senhor pontua como mais importantes?

Barbosa da Silveira: Olha a rádio foi fundada em 1960 né? E eu só entrei na rádio em 72. De modo que, eu não sou muito de ouvir rádio né. Eu gosto de ouvir música. Mas é como eu disse pra você a Comercial e a Presidente Prudente disputavam, entre aspas, não havia nenhum; noticiavam as coisas de Prudente, São Paulo e Brasil e eles tinham uma turminha boa lá. Tem os que fazem a matéria, a notícia para o locutor falar, muito bom. De modo que abrangia tudo, principalmente em Presidente Prudente, até hoje, abrange tudo. Pode ter certeza que acontece tanta coisa, tanto de lado bom quanto de ruim, e agora ta muito assalto e tiro, e criança matando família esse negócio todo e a Comercial ta em cima. Tem os repórteres que vão pra rua, pra procurar a notícia, isso continua.

Wellington Roberto: E como o senhor avalia o crescimento da rádio Comercial até os dias de hoje?

Barbosa da Silveira: É a Comercial, graças ao apoio da direção e as pessoas contratadas né, ela sempre, eu repito, disputa o primeiro lugar com a rádio Presidente Prudente, ainda, compreendeu? A Comercial AM. Porque a FM é só música, a Comercial AM continua disputando ali. Às vezes fazem pesquisas e ela está na frente a outra está na frente e assim por diante.

Wellington Roberto: E qual é a contribuição profissional e pessoal que o rádio proporcionou para o senhor?

Barbosa da Silveira: Bom, afinal de contas, o rádio me deu nome também, porque eu com o programa entrevistando personalidades daqui, da região do estado como eu te falei agora mesmo, pessoas que vem aqui eu aproveito pra gravar entrevistar. Você traz aqui por exemplo, um professor importante que vai dar palestra na faculdade e eu conheço que trouxe, eu ligo pra você e pergunto: é você que vai trazer fulano? Marca uma hora para mim gravar, porque é uma pessoa importante, que vai proporcionar uma palestra pra vocês, ou um encontro qualquer. E de modo que, graças aos convidados, o meu programa tem audiência absoluta no horário. Posso falar pra você sem ter medo de errar, das onze e meia ao meio dia e meia tem audiência absoluta. Inclusive tem um rapaz aqui do jornal, que está fazendo rádio também em outra emissora, ele quis fazer um programa as onze e meia. Aí falaram para ele: olha, não faz não que vai perder o horário para mim. (risos). Eu fiquei até feliz. Ele veio falar comigo, é meu colega: olha eu ia fazer um programa às onze e meia da manhã e falaram pra eu não fazer que eu vou perder o horário pra você. Aí eu falei para ele: olha, isso aí é problema seu. (risos)

Wellington Roberto: Seu Barbosa hoje em dia com os avanços das novas tecnologias, desse mercado tecnológico muito avançado, como o senhor avalia as dificuldades que o rádio encontra hoje? Pelo fato do advento dessas grandes tecnologias.

Barbosa da Silveira: É, eu acho que cada direção, cada emissora propõe seguir, melhorar, a situação, melhorar, porque o rádio luta pela audiência, isso

é batata. Então se eles falarem, por exemplo, dizem que a Globo é a que dá mais audiência. Eu quase não assisto a Globo, eu assisto a TV Bandeirantes. Globo eu assisto o Jornal Nacional à noite, que é um jornal bom então. Mas dizem que o povo brasileiro, os prudentinos vivem na Globo porque a Globo é campeã de audiência, não é? As novelas e jornais falados. Então a emissora dá todo o apoio e o que vai acontecendo de melhoria, de tecnologia, eles sempre procuram introduzir. E a Comercial faz isso, graças a direção a Comercial faz isso.

Wellington Roberto: Em uma palavra o que o senhor pode dizer da rádio Comercial?

Barbosa da Silveira: Eu sou suspeito pra falar alguma coisa da Comercial. (risos). A Comercial é uma rádio que me deu muito nome por causa do programa né, desse programa que eu tenho aos domingos. Eu sou defensor dela é claro, porque trabalho lá não é? Eu acho até que ela domina a audiência na cidade, eu sou suspeito para falar, mas eu acho que domina a audiência na cidade.

Wellington Roberto: Só mais uma última pergunta para nós terminarmos. Quais os principais nomes que o senhor já entrevistou no programa do senhor?

Barbosa da Silveira: Olha eu entrevistei figuras preeminentes. Eu posso falar por exemplo, nomes, o Franco Montoro, quem mais? um professor da universidade de Berlim na Alemanha que eu não me lembro o nome lamentavelmente. Também um cineasta francês que esteve em Prudente, aproveitei e gravei uma entrevista com ele. É quem mais? Paulo Maluff, que muita gente gosta outros não gostam, mas ele é audiência. Um que foi presidente da Câmara? Morreu afogado, o avião caiu e morreu. É Ulisses Guimarães. Ulisses Guimarães fez a última entrevista comigo, pois na semana seguinte ele morreu naquele acidente. Nem acharam o corpo dele. Acharam da esposa e de outro casal, o dele não. Sumiu o corpo do Ulisses Guimarães. E são pessoas, que tem também... ele que introduziu analfabeto votar né. E eu falei: deputado, vossa excelência é de alto nível cultural e vai dar voto para analfabeto, ou foi para o senhor ganhar voto? Ele retrucou: não, não é isso tal. Eu falei: eu sou contra, eu acho que o senhor fez uma grande besteira. Ele se ofendeu. Eu disse: é lógico deputado, como o analfabeto vai escolher o camarada? Vai por voto de outro. Uma pessoa que ensine: não vota no fulano. E se o fulano não for bom? Porque quando se é alfabetizado você escolhe. É o que eu faço. Eu procuro escolher o melhor. Aí foi um pega. No ar isso heim, não foi na, foi no ar. O programa tem audiência absoluta por causa desses convidados. Tanto homem como mulher. Deputado já entrevistei, professora de universidade, diretor de faculdade. Já entrevistei o Agripino. Entrevistei o Agripino. Aí eu entrevistei a nora dele, mulher muito inteligente que é mulher do Paulo Lima, moça inteligentíssima, diretora da televisão né? Entrevistei já uma vez ela. Até o Paulo Lima veio buscá-la, depois eu pedi pra ele falar alguma coisa e tal. Não entrevistei o Paulo Lima como vir aqui, sentar e entrevistar. Mas ele veio buscar a esposa e eu pedi para ele falar umas palavras e tal direitinho. E assim vai indo. Graças aos convidados. O meu negócio é só perguntar. Vou perguntando pra cada um. Se eu conheço a pessoa já vou cutucando, se não conheço eu peço para mandar um currículzinho e tal, compreendeu? Porque o programa tem intenção de apresentar você para o

público. O povo não te conhece e quem é esse fulano de tal? Ah seria esse moço, vai se formar em jornalismo. Veja como ele é inteligente! Vê as respostas dele! O povo liga. Pode ser que tenha um que liga só para querer ouvir, mas tem outros que ligam, telefonam para mim: quem é esse cara aí que você entrevistou? Fulano de tal. De onde ele é? De tal lugar. Pô cara bom. O povo observa. Pelo menos cultos observa.

Wellington Roberto: Seu Barbosa com relação ao sinal de transmissão da rádio Comercial, como foi esse crescimento, como se deu até chegar aos dias de hoje?

Barbosa da Silveira: Bom tecnicamente, isso daí já é uma parte técnica, mas vamos fazer o seguinte, eles começaram, os diretores, começaram comprar, adquirir torres, comprar torres, de alto alcance. Antigamente a Comercial não era ouvida nem em Epitácio. Daqui a Epitácio são 90 quilômetros. Agora eles puseram torre com alta capacidade técnica, não sei quantos quilowatts. E agora ela está pegando mais longe. Antigamente ela não chegava nem no rio Paraná. Agora ela tem já vasta região. Eu não posso falar qual a vasta região, mas eu sei perfeitamente que puseram pra 110.000 watts, 115.000 watts, eu não me lembro o número, para dar mais audiência. Porque a rádio, a única rádio que tinha, tem a FM, a FM pega mais longe. E a Difusora também, quando eu estive lá numa certa época, ela tinha uma onda capital, era uma onda nem grande nem média, não sei, ela tinha uma onda que já pegava Mato Grosso lá em cima. E agora, tecnicamente eu não sei explicar, mas eu já recebi cartas da Suécia, que ouvem o programa, já recebi cartas da Espanha e já recebi cartas sempre da Europa, eu acho que não me falhe a memória da Suíça, dizendo que ouvem o programa de manhã. Ouvem o programa às 11h30 da manhã e lá é duas horas da tarde, daqui lá são quatro horas né? O programa lá é duas horas da tarde. Já recebi e guardei, e divulguei e entreguei pra rádio, pra ficar guardado lá nos anais da rádio. Eu acho que agora tá bem, aumentou muito a técnica da torre. A torre ali na estrada pra quem vai pra Raposo Tavares perto da Premix. Tem a Premix e do lado de cá é a rádio, e até hoje a gente chama a chácara do Mescoloti, porque ele é rotariano e então ele faz churrasco, faz num sei o que e tal, fez uma capelinha lá pra turma ir a missa, domingo tem missa. E a torre eu olho lá já vi que a torre tá mais alta, eu não entendo de técnica né, mas aumentou a parte técnica para maior espaço, mais longe. Então a rádio agora ouve em Epitácio. Vai em Epitácio liga que você pega a Comercial, antigamente não pegava.

ENTREVISTA COM LAERTE SILVA

Wellington Roberto: Laerte como surgiu o interesse pelo rádio?

Laerte Silva: Na época que eu iniciei no rádio, eu trabalhava no jornal Imparcial no período noturno, naquele tempo tinha as paginações, tinha linotipo, o jornal era feito na base do chumbo, não era feito nas modernidades dos dias de hoje. Aí de repente, o jornal Imparcial era na rua Siqueira Campos e a rádio Comercial era na frente num prédio vizinho, e nas horas de folga, eu trabalhava à noite no jornal, mas durante o dia nas horas de folga eu sempre freqüentava a rádio Comercial, para ir lá ver os locutores, conversar com eles,

ouvi os programas, e, me surgiu a oportunidade de eu sentar ao lado do Bendrath Júnior, pessoa que eu respeito muito, uma voz muito bonita, uma capacidade no rádio em todos os sentidos, e ele me deu a chance de sentar do lado dele num programa que era feito na hora do almoço, o nome do programa era Musical Para o Seu Almoço. Ali rodava aqueles discos de vinil, aqueles bolachão né. Lonplay e, rodava billivogan, reiconif, era um programa assim musical só com orquestras. E eu fiquei ao lado dele, de repente, ele pediu para que eu desse a hora certa, na hora do intervalo eu falava a hora, e eu fui me interessando, gostei, e dali eu passei a trabalhar também no setor esportivo. Trabalhei com vários locutores, narradores de futebol que se destacaram no Brasil a fora, aí eu já entrei no rádio naquela época eu já tava fazendo concurso na policia, já havia ingressado na polícia civil, aí eu escolhi a área policial, escolhi ser repórter policial, e já comecei naquela época e juntei com futebol. Fiz futebol muitos anos, acompanhei o Corinthians de Presidente Prudente, acompanhei campeonato brasileiro, campeonato nacional, como repórter esportivo e depois trabalhei como comentarista de esporte também, e foi essa vivencia que foi passando e passando e por aí já se vão quase cinqüenta anos. Eu fiquei somente na rádio Comercial, entrei e dali não saí, entrei praticamente com 19 anos quando eu iniciei, tô com 66, por aí você e os colegas podem perceber que foi uma vida dedicada ao rádio. Comecei praticamente com 19, 20 anos, estou com 66. Gosto do rádio, adoro o rádio, eu acho que o rádio é um veículo de comunicação muito dinâmico, muito forte, porque ele informa o fato na hora em que o fato acontece, diferente dos outros órgãos de comunicação, a televisão que tem que filmar, depois editar pra ir para o ar, o jornal escrito tem que copilar dados, depois montar a matéria, imprimir, o rádio ele é rápido, é na hora, é dinâmico, é no momento. Então é isso, comecei com pouca idade, ou eu já to a bem adulto e já tenho aí em suma-se uma experiência grande em todos os setores do rádio.

Wellington Roberto: E quando você começou quem eram os proprietários ou o proprietário da rádio? Como era essa convivência com ele?

Laerte Silva: Proprietário era o Nilton Mescoloti, uma pessoa que eu respeito muito, tenho uma admiração muito grande, um grande patrão, patrão assim entre aspas, não era patrão, era amigo e é amigo até hoje. Uma pessoa que eu sempre me relacionei muito bem e com ele também era proprietário, fazia parte da emissora, o Ernesto Coquemala Sobrinho, que hoje é falecido, também uma grande pessoa, trabalhamos juntos ali eu subordinados a eles durante muitos anos, depois o Ernesto Coquemala saiu da sociedade da rádio Comercial, foi pra comercial FM, ficou Nilton Mescoloti. Foi o início da rádio Comercial com Nilton Mescoloti, uma pessoa que a gente admira muito, que é batalhador, um apaixonado pelo rádio, fez tudo, fez tudo pela rádio Comercial. Se a rádio Comercial é hoje uma rádio potente, uma rádio que tem audiência, uma rádio que tem um grupo de funcionários homogêneo, graças a essa estrutura que foi dada pelo Nilton Mescoloti, que realmente além de patrão, ele sempre foi um apaixonado pelo rádio. Procurava sempre se atualizar, sempre modernizar, sempre dando chance para o funcionário, sempre dando oportunidade para que o funcionário pudesse desenvolver o seu trabalho dentro da emissora. Portanto foi aí, foi com Ernesto Coquemala Sobrinho, Nilton Mescoloti o início de tudo dentro da rádio Comercial.

Wellington Roberto: A rádio Comercial é também conhecida pelas suas campanhas, e por campanhas que foram famosas que ela realizou. Quais as mais importantes na sua opinião?

Laerte Silva: A campanha que, bom, são várias as campanhas que a emissora faz até hoje, mas eu me recordo que uma campanha que marcou muito foi a campanha das latinhas. Campanha das latinhas a rádio, não me recordo o número exato, arrecadou aí uma jamanta praticamente lotada de latinhas pra serem vendidas e o dinheiro revertido a uma associação carente da cidade. A campanha das latinhas pra mim foi um dos maiores sucessos da rádio Comercial, entre outras né, campanhas dia dos pais, das mães, dia das crianças, campanha envolvendo o comércio, envolvendo a indústria, mas essa campanha da latinha me recordo que inclusive no museu da rádio tem foto até hoje e você vê aquelaimensidão de lata tudo que foi arrecadado e depois de vendido tudo aquele lote, o dinheiro revertido para associações carentes da cidade. A campanha da latinha eu considero a que mais marcou como campanha dentro da rádio Comercial.

Wellington Roberto: E quais as coberturas ou qual foi a cobertura que mais te marcou, seja ela policial, esportiva ou geral que você já fez até hoje na rádio?

Laerte Silva: Ah foram várias durante esses anos de trabalho, foram muitas matérias assim que marcaram tanto dentro do setor policial, como o setor esportivo, também o setor sertanejo, que eu tenho também um programa sertanejo no rádio, Sertanejão do Laerte Silva, das seis da manhã às nove horas todos os domingos, então foram várias que marcaram, mas eu vou citar uma que a gente não esquece. Eu tava fazendo uma matéria policial e recebi o comunicado de um acidente que aconteceu no trevo de Martinópolis e fui rapidamente pra lá, era um acidente que tinha cinco pessoas carbonizadas no interior de uma Brasília, aquele tempo era Brasília, Volkswagen e Brasília, variante, então tinha cinco pessoas carbonizadas dentro dessa Brasília e eu fui lá pra fazer a matéria. E chegando lá lamentavelmente eu vi um carro completamente queimado e as pessoas ainda dentro do veículo, as pessoas já estavam queimadas. Aí conforme eu fui copilando os dados pra fazer a matéria eu tomei conhecimento que era uma família que morava no sítio e, que ia até Martinópolis para levar uma pessoa, um parente, pra tomar o ônibus em Martinópolis e de Martinópolis ia pra São Paulo. E essa família foi toda dentro de uma Brasília, aí essa pessoa que ia viajar tomou o ônibus e a família passou na casa de parentes em Martinópolis e na hora de ir embora tinha uma criança, uma criança aí de quatro anos, cinco anos, e, queriam deixar essa criança na casa da vó em Martinópolis, ou a criança queria ficar na casa da vó pra dormir lá e no outro dia os pais irem buscá-la. Mas os pais disseram que a criança tinha que embora e saíram com essa Brasília a criança e restante da família e mais quatro pessoas, e no trevo de Martinópolis o motorista, o chefe da casa, talvez por uma displicência, negligência, imprudência, ele cruzou a rodovia Assis Chateaubriand e a Brasília foi colida por um caminhão, como ele tinha abastecido o carro com gasolina naquele momento, o carro explodiu, pegou fogo e os corpos estavam todos carbonizados dentro do veículo e, eu percebi, você sabe que o corpo quando ele é carbonizado ele diminui, diminui, porque queima gordura, queima tudo, fica praticamente pele e osso, fica um torrão para que a pessoa possa entender melhor, fica um torrão. E eu vi dentro do veículo vários torrões, entre aspas, dentro do carro, e atrás um torrão pequeno

que seria essa criança de quatro anos. E eu percebi, ainda perguntei para o bombeiro quantas pessoas tinham no carro, se era daquela forma que ficava depois de ficar carbonizado e ele estava me explicando e disse que atrás era uma criança que estava dormindo no banco traseiro da Brasília. Mas acontece que além daquele torrão, entre aspas, daquela criança, tinha um outro torrão bem menor do lado dessa criança, e eu perguntei o que era e o bombeiro disse que era o cachorrinho, um cachorrinho que a criança, um cachorrinho assim não é de pelúcia não, é um ser animal vivo que a criança levava pra todo lado, e no momento daquele acidente a criança tava dormindo em cima daquele cãozinho de estimação, que era o brinquedo vivo da criança. Então aquela cena me emocionou muito, até hoje quando eu vou fazer uma matéria em que vejo acidente que envolve criança me comovo e eu me reporto até aquela data lembrando desse fato triste. Foram vários os fatos, muita gente morta, morto a tiro, a facada, atropelada, morto de todo tipo, de todo tipo, então, foi cena que realmente marcou foi dentro da polícia. Dentro do esporte que eu posso falar? Posso falar que foram vários os momentos de alegrias que a gente viveu narrando futebol, fazendo cobertura, de jogos grandes, de Santos, Corinthians, São Paulo, Palmeiras, jogos assim que motivavam o torcedor, e, no mundo sertanejo eu posso dizer que eu tive várias emoções também, já apresentei vários cantores, várias duplas famosas, e para o repórter sempre é motivo de júbilo, motivo de alegria e satisfação quando a gente faz um trabalho e que envolve pessoa famosa, porque aí a gente se sente, entre aspas, famoso também. Portanto foram várias, várias as emoções vividas, vários momentos difíceis que a gente passou dentro da polícia, dentro do futebol, dentro do mundo sertanejo, mas essa da criança com o cachorrinho no colo realmente ficou marcada indelevelmente na memória da gente, que dificilmente a gente vai esquecer.

Wellington Roberto: Hoje as suas matérias policiais elas entram no Jornal das Sete, no Patrulha Comercial e também no Comercial Acontece. Qual a importância de se noticiar essas matérias, de se exercer o jornalismo?

Laerte Silva: O jornalismo é importante, a gente faz porque realmente gosta. O jornalismo é praticamente como se diz, é uma cachaca, depois que você toma a primeira aí não para mais a vida inteira. O jornalismo está dentro da gente, o repórter pode ser em qualquer setor, ele tem que ser bastante dinâmico, bastante responsável, bastante atuante, e procurar fazer sempre da melhor forma possível. E essas matérias policiais que eu faço, eu faço especificamente para esses programas, que são programas de jornalismo, mas eu faço também outras participações dentro de outros programas, não somente e especificamente de jornalismo caso do Jornal das Sete, do Patrulha Comercial, do Comercial Acontece, eu entro também durante toda a programação. Porque eu acho que o ouvinte, aquele que está com o radinho ligado ele tem que estar bem informado, e o repórter ele tem que estar bem informado, ele tem que procurar as fontes, ele tem que deixar as pessoas, os informantes, os contatos pra que a hora que o fato aconteça ele possa levar para o rádio de uma forma dinâmica, de uma forma expressiva, de uma forma real, de uma forma verdadeira e não de uma forma fantasiosa como a gente ouve algumas pessoas, alguns colegas no dia-a-dia. A gente tem que passar a notícia, passar o fato como realmente o fato aconteceu. E eu primo pelos detalhes, eu sou muito detalhista na notícia, eu quando vou noticiar um fato eu não sei passar a

informação superficialmente, eu vou nos detalhes, porque são os detalhes que prendem a atenção do ouvinte. E o ouvinte sabe quando o repórter é detalhista o ouvinte sabe quando o repórter foi na fonte buscar a notícia, copilar os dados, ele sabe, ele sabe a notícia quando o repórter pegou na esquina ou pegou num boteco ou pegou alguém comentando e jogou no rádio. Por isso que a fonte é muito importante, a fonte é que vai dar a força maior na matéria, e, principalmente matéria policial que envolve nomes de pessoas. Então você não pode jogar no ar uma matéria pela metade aí ou sem copilar os dados devidamente que de repente você está envolvendo família e de repente você pode arcar com a responsabilidade até de responder um processo na justiça, através da lei de imprensa e pode até ser penalizado. Então você tem que ter muita responsabilidade na hora em que for passar uma notícia e principalmente quando envolve nomes de pessoas, porque a notícia depois que você deu a notícia no rádio e se você der a notícia de forma errônea ou de forma errada, você pode falar duzentas vezes depois que a que vai ficar marcada é a primeira. Quer dizer, a primeira paulada é a paulada que dói. Você pode dar outras, mas a mais doída sempre é a primeira. Então eu acho que o repórter tem que ser consciente, responsável, e tem que ir na fonte, tem que ir na fonte e debulhar a espiga de milho, você tem que debulhar, você não pode levar a espiga pela metade, você tem que debulhar grão por grão, pra depois você poder dar a notícia. Aí sim você vai adquirir o quê? A credibilidade do ouvinte, o ouvinte vai passar a acreditar no repórter, porque ele sabe que aquilo que ele está falando é uma realidade, a notícia tem veracidade, não é uma notícia fantasiosa, notícia falsa. Portanto não é só chegar no microfone aí, ou fazer um curso de quatro, cinco meses e sair no rádio aí abrindo microfone e falando o que acha que deve falar, porque quem fala aquilo que não deve ouvir também aquilo que não quer. Então a responsabilidade, eu primo por isso, tanto é que em todo esse tempo de trabalho, até hoje, eu nunca fui chamado no fórum, eu nunca fui processado por ter caluniado alguém, por ter dado uma notícia errada, não só no rádio mas também na televisão, muito mais de quinze anos de TV Cabo, mais de quatro anos de TV Bandeirantes, sempre com programa de jornalismo e eu nunca abracei um processo. Porquê? Porque a gente procura fazer e fazer bem feito. E é isso que o ouvinte quer, é isso que o telespectador quer também.

Wellington Roberto: Como surgiram os bordões que são marcas registradas sua como o “café de canequinha”? Como é que surgiu isso?

Laerte Silva: O café de canequinha, já carrego esse café de canequinha há quase 50 anos comigo, é um bordão que marcou. Quando você fala em matéria policial aqui em Prudente, você fala em café de canequinha, a gente passa nas ruas as pessoas falam: ô Laerte, faz um gesto assim com o dedo como se fosse a canequinha de café. Surgiu porque naquela época nesse prédio que nós estamos gravando agora, aqui era uma cadeia, era uma cadeia pública, não tinha as penitenciárias, essas cadeias grandes na região, então a cadeia era nesse prédio, prédio da delegacia seccional, aqui no centro na rua Doutor Gurgel. Então nessa época os presos eles tomavam o café de canequinha, eram umas canecas que eram distribuídas nas celas e eles bebiam o café de canequinha. Então me surgiu assim de repente de eu dizer: fulano foi preso, desceu as escadarias, são várias escadas para chegar até nas celas, na época agora não é mais, mas eram várias escadas, desceu as

escadarias e foi beber o tradicional, que ficou, foi bem antigo, o tradicional café de canequinha e lá onde a coruja dorme e o vento encosta o cisco, ou seja, lá no fundão eu imaginei assim, essa cadeia era um corredor, era um fundão realmente, um fundão, uma escuridão, um lugar fúnebre, um lugar ermo, fundo. Imagina uma cadeia que cabia 60 presos tinha 150, 170, era um amontoado de pessoas. Então por mais que o setor de limpeza zelasse pela limpeza o corredor sempre era sujo, sempre tinha folhas lá para fundo, sempre o vento tocava folhas para fundo. Então eu observando assim eu imaginei e criei e marcou. Desceu as escadarias, foi beber o tradicional café de canequinha lá onde a coruja dorme, onde a coruja dorme? É onde o preso dorme, lá no fundão. Lá onde a coruja dorme e o vento encosta o cisco, ou seja, lá no fundão, o que é o fundão? Fundão do cadeião, fundão daquele corredor enorme que tinha aí, os presos tudo grudado nas grades, tudo gritando, reclamando, falando, xingando, fazendo coisa que não devia fazer. Então essa marca ela é antiga porque realmente foi um bordão criado e vivenciado ali no dia-a-dia. E eu vou te contar uma história e pra quem tá acompanhando também essa reportagem, da importância daquilo que se fala no rádio. Porque você forma opiniões através do rádio, você mexe com a cabeça das pessoas. Já que você tocou no assunto do café de canequinha, teve um fato que marcou também dentro da polícia, delegado de polícia que era o doutor José Odir Canheti, e veio aqui uma senhora com uma menina, uma menina que tinha problemas, tinha um certo grau de deficiência, e, essa menina começou esse grau de deficiência aumentar e a menina com problema, e imaginando coisas, e essa menina começou dar um trabalho pra mãe. Hoje ela tá moça eu encontro na rua tá moçona, mas na época ela começou dar problema teve até que passar por psicólogo, fazer um tratamento e era difícil do psicólogo descobrir, tirar da menina aqueles problemas que ela tava vivendo ali. No final, pasmem os senhores, a menina ouvia o meu programa, o meu noticiário, e ela ouvia falar no café de canequinha, café de canequinha, café de canequinha, e ela por ser problemática ela botou aquele café de canequinha na cabeça, e não sei o que ela imaginou que seria o tal café de canequinha, pra ver como é perigoso o rádio. É perigoso pra quem faz o rádio. Aí a psicóloga descobriu que ela queria tomar, provar o tal café de canequinha. Aí a mãe trouxe a menina aqui, menina problemática eu repito, e falou: Laerte, tratamento psicológico, é minha filha, a psicóloga falou se você consegue explicar pra ela, mostrar, ou fazer com que ela experimente o tal café de canequinha que você fala no rádio. Aí foi até uma cena que marcou, foi emocionante, eu pedi permissão pro delegado doutor José Odir Canheti, ele permitiu, aí eu entrei numa das celas, não naquela cela da pesada, uma cela mais leve, com aqueles presos que a gente conversava muito ali, conversei com eles, expliquei o problema da menina e nós marcamos uma reunião dentro da cela, junto com os presos, eu, a mãe e a menina. Aí levamos bolo, levamos refrigerante, fizemos uma roda de presos dentro do xadrez, dentro da cela mesmo, fizemos uma roda todo mundo sentado ali bonitinho, bolo, guaraná, e tal, tal, e, o, café de canequinha. Aí levamos a menina, a mãe, a menina sentou, conversou com os presos, comeu bolo, tomou refrigerante, tomou o café de canequinha, bateu papo, foi uma festa, uma festa ali junto com os presos. E a menina lá dentro participando junto com a gente. E depois de alguns dias a mãe veio me agradecer e falou que a criança era outra, que já tinha mudado. Ela tinha colocado o tal café de canequinha na cabeça e aquele negócio foi atrapalhando a menina, e a menina

queria e não sabia como pedir, não sabia se ela podia entrar numa cela pra tomar o café de canequinha. Então essa marca é uma marca que ficou e que eu passo pra quem tá ouvindo essa matéria agora, cuidado, cuidado com o rádio, cuidado que você forma opinião. De repente você tá invadindo a privacidade de um lar, tá lá um casal dormindo na sua cama, um casal, e você tá lá junto com o casal. Na intimidade do lar, através do rádio levando a informação, o entretenimento, a música, a orientação, então, por isso que eu acho fundamental que aqueles que já estão que se aprimorem e aqueles que ainda não estão que vão iniciar a carreira, que preste muita atenção, porque o veículo de comunicação que é o rádio é um veículo muito forte e tem que ser respeitado pelas pessoas que fazem esse rádio.

Wellington Roberto: Laerte qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio Comercial te proporcionou?

Laerte Silva: Tudo. Tudo na vida, tudo. Até hoje ela me proporciona. Me proporcionou a oportunidade pra que eu ficasse conhecido, me proporcionou a condição financeira pra que eu criasse meus filhos, pra que eu constituísse a minha família, pra que eu arcasse com as minhas despesas e me deu também a oportunidade de eu fazer aquilo que eu realmente gosto, que é fazer o rádio. Foi uma oportunidade, tanto é que eu abracei e não saí mais, fiquei na rádio até hoje, quase 50 anos de emissora, numa emissora só. Essa rádio, hoje, se a minha família é uma paixão a rádio Comercial também é. Eu tenho a rádio Comercial no meu coração. Falo isso aí em tom aberto, entendeu? Não tenho receio de dizer, porque a rádio Comercial é minha segunda família. Porque é onde eu estou no dia-a-dia, eu estou no sábado, to no feriado, eu estou no domingo, eu estou no período noturno entrando com matérias, com reportagens, então, a gente formou uma família, uma equipe homogenia, uma equipe formada por profissionais competentes, e o que é mais importante é que a rádio acreditou na gente. A rádio depositou credibilidade no trabalho da gente, pra que a gente pudesse ficar conhecido, pra que a gente pudesse desempenhar essa função de jornalismo dentro de uma emissora e pra que a gente se unisse também à comunidade, a coletividade. Hoje, aqui em Prudente e na região, quando você fala o nome da gente todo mundo conhece, até crianças. Hoje eu me recordo que crianças que iam na emissora quando a gente tava começando, hoje já estão todos adultos, são todos adultos, e que acompanharam o rádio durante todo esse tempo. E é bonito quando você passa na rua e uma pessoa já amadurecida vira e fala pra você assim: nossa você é o café de canequinha né? Eu era criança e escutava você falar, minha mãe falava, meu pai falava, e hoje você já está bem adulto e eu adulto também, e nós continuamos com o café de canequinha. Então a rádio me proporcionou tudo isso. Eu só tenho a agradecer a direção da rádio, os diretores anteriores, o João Mauricio Mescoloti, a Rosa, que são diretores atuais, eu só tenho a agradecer, nunca tive problemas dentro da emissora em todo esse tempo, sempre me relacionei muito bem com os colegas, nunca tive inimizades, nunca tive problema nenhum com qualquer colega que seja, trabalhei com inúmeros, inúmeros jornalistas, inclusive jornalistas famosos que passaram por Prudente e que foram brilhar em outras emissoras por esse Brasil a fora. Então, a rádio Comercial foi tudo, ela proporcionou assim uma oportunidade pra que a gente pudesse desenvolver algo que tava dentro do ego da gente. O ego seria escolher essa profissão de estar na comunicação,

passando a informação para o público ouvinte. Então, rádio Comercial faz parte da minha vida, tenho a minha família e a minha segunda família é a minha rádio, eu só agradeço a Deus por ter me dado essa oportunidade.

Wellington Roberto: E qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?

Laerte Silva: Muito grande, muito grande, hoje, é uma das emissoras de maior audiência aqui em Presidente Prudente, é como eu disse, pela credibilidade, pelo trabalho sério, trabalho responsável. A comunidade toda, a comunidade toda ganhou não só com a rádio Comercial, mas com todos os veículos de comunicação da cidade, mormente a rádio, a rádio Comercial que sempre foi uma liderança, sempre procurando levar informação na hora certa, na hora em que o fato acontece, levar a informação, levar a orientação pra família, levar o entretenimento, é uma rádio séria, uma rádio de credibilidade. Então aquilo que o ouvinte está acompanhando quer seja na sua casa, no seu local de trabalho ou no seu veículo, se ele está com o rádio ligado na rádio Comercial pode crer que ele só tem a ganhar, ele só tem a ganhar. No setor da comunicação eu tenho certeza que ele tá bem informado.

Wellington Roberto: Obrigado Laerte pela entrevista!

Laerte Silva: Eu que agradeço por ter me escolhido, muito obrigado! Um grande abraço a todos que estão acompanhando essa entrevista.

ENTREVISTA COM ANANIAS PINHEIRO

Wellington Roberto: Ananias durante quanto tempo você trabalhou lá na rádio Comercial?

Ananias Pinheiro: Olha eu comecei na rádio Comercial no ano de 1984, 85. Foi então quando houve, tínhamos um programa né, aos domingos, que era o programa Retrospectiva Policial, que naquela época era apresentado pelo já falecido sargento Guedes, e eu fazia parte daquela equipe. Então como houve, não aconteceria mais o programa, não sei porque motivo, aí o senhor Nilton Mescoloti me convidou para poder fazer parte da equipe da rádio Comercial. Então foi a partir daquela época 1984, 85 por aí. Foi nessa época que então eu passei a ser registrado oficialmente na emissora.

Wellington Roberto: E como o senhor conheceu Nilton Mescoloti?

Ananias Pinheiro: O senhor Nilton foi uma pessoa, foi não, é. É uma pessoa que representou muito na minha vida de esposo, de pai, marido, de gente, porque eu aprendi muito com ele. E muitas das minhas coisas que eu tenho até hoje eu devo a ele. Pela sua simplicidade, pela humildade que é, e pelo profissional que é o senhor Nilton Mescoloti. Eu tenho assim um grande respeito por ele, foi um grande ser humano, foi ele que me convidou, foi ele que me colocou no rádio, ele que me ouviu, ele que me fez desafios e que eu consegui vencer todos os desafios. Então, essa pessoa é Nilton Mescoloti.

Wellington Roberto: E quais programas você apresentou na rádio Comercial durante todo esse tempo que trabalhou lá?

Ananias Pinheiro: Quando então ouve o meu registro na rádio Comercial, o senhor Nilton chegou em mim e falou: Ananias eu tenho um desafio pra você. Eu quero transformar a rádio Comercial numa emissora 24 horas, uma empresa atuante. E eu tenho uma proposta pra você, se você quiser, eu sei que você gosta de desafios então a oportunidade é agora. Eu vou abrir a rádio meia noite e quero que você faça até as quatro horas da manhã. Só que eu quero que você faça esse programa ao vivo, eu não quero que você grave. Me fez uma proposta financeira razoável, até então mais do que eu já ganhava, e me proporcionou diversas condições que eu achei interessante. Mas o que eu mais queria mesmo, na realidade, era o registro de radialista, que até então eu não tinha ainda. E o primeiro registro para assim solidificar a minha profissão de radialista. Fui em casa conversei com a minha esposa, falei: bem, é um desafio, eu acho que a gente tem que vencer esse desafio. Fui lá e aceitei. Fiquei na madrugada fazendo programa ao vivo durante quase que cinco anos. Não perdi uma noite sequer. E eu falo para você foi a época que eu mais ganhei dinheiro em rádio, foi fazendo programa de madrugada. Porque ninguém dava valor. Ninguém, hoje em Prudente você vê, nossa cidade tem 220.000, 230.000 habitantes, contando com a região, você não tem um programa a noite. Se você quiser ouvir alguma coisa você tem que estar ouvindo aquelas rádios de fora. Rádio de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, rádio que não tem nada a ver com a gente. Olha, se Deus o livre guarde, qualquer coisa acontecer na madrugada aqui ninguém fica sabendo. Ninguém fica sabendo. E a função do rádio é informar. Não é você envelopar, ou pegar sinal de satélite por aí e colocar na rede. Isso você desclassifica o profissional, você não gera nenhum tipo de emprego e a rádio fica nessa situação que vocês estão vendo hoje aí. A rádio que entre aspas vai capengando, essa que é a verdade.

Wellington Roberto: E qual era o conteúdo que era apresentado nesse programa da madrugada? Eram variedades, jornalismo?

Ananias Pinheiro: A madrugada ela oferece principalmente um dos itens, que quando eu montei o programa é companhia. Você tem que ser companheiro da pessoa que está em casa. Porque? Porque ela está praticamente inativa, eu digo a pessoa que está em casa. Ou ela está deitada na sua cama, sentada num sofá, numa cadeira, então ela tá parada. Então ela precisa de entretenimento. A pessoa que tá trabalhando, por exemplo, como panificadora, lanchonete, hospitais, elas estão em ação, em atividade, ela precisa ouvir rápido. Então você coloca notícias, eu fazia notícias em 30 segundos, 20 segundos. Música, eu anunciava música três, quatro vezes, a próxima música eu anunciava três, quatro vezes para a pessoa se preparar para ouvir. E principalmente variedades. E uma das coisas que me fez, entre aspas, explodir no horário da madrugada foi deixar as pessoas falarem. Elas querem fazer amizade, elas querem ser companheira, elas querem conversar com as pessoas, sabe? É uma coisa interessante, e ainda eu digo para você com toda certeza, existe muita gente sozinha. E o nosso programa naquela época, ele foi assim de um papel fundamental para isso. Eu consegui fazer coisas maravilhosas dentro daquele horário.

Wellington Roberto: E depois da madrugada para o Programa da Manhã. Como é que foi essa experiência do Programa da Manhã?

Ananias Pinheiro: Foi, aquilo que eu falei para você do senhor Nilton. O senhor Nilton ele tem uma visão, visão de desafio, visão de desbravar, de ter novos caminhos. Ele falou: esse rapaz, ele conseguia fazer isso na madrugada ele vai fazer durante a manhã. O desafio da manhã foi, olha, foi um terror pra mim. Um terror porque era uma audiência que eu não conhecia. E era uma audiência de qualidade. A audiência da manhã, rádio AM é a qualidade. Porque você mexe com dona-de-casa. Dona-de-casa requer respeito, dona-de-casa ela requer muita fé, muita fé, ela requer muita amizade, muito companheirismo e isso acontecia muito dentro do nosso programa, tanto é que eu fiquei fazendo esse programa 18 anos. Dezoito anos sendo assim, eu não gosto de dizer que eu fui liderança, isso pra mim não importa, o importante é que eu fiz um trabalho, o importante é que eu proporcionei pra cidade coisas boas como Bom Dia Vovó, a História da Minha Vida, eu apresentei muitos anos o Comercial Bate a Sua Porta, coisa que hoje não existe, né? Infelizmente essas coisas, o rádio acabou, de você ir até o ouvinte. Hoje você não vai até o ouvinte, você simplesmente joga e deixa o ouvinte captar. Mensagens positivas, negativas, infelizmente hoje nem sempre são mensagens positivas né?

Wellington Roberto: Você citou alguns dos quadros, podemos dizer assim, que entravam dentro do Programa da Manhã, um deles o Bom Dia Vovó. Como é que funcionava isso? Como era a experiência de lidar com as pessoas mais idosas?

Ananias Pinheiro: Esse foi um desafio que eu carrego até hoje. Muitas das minhas coisas que eu faço do dia-a-dia como pai, como chefe de família, como esposo, foi ter aprendido, ter respeito por essas pessoas no passado. Então se eu tiver passando em qualquer lugar e eu vejo uma pessoa de idade você pode ter certeza que eu vou parar, vou ouvi-la, vou escutar, eu vou ajudar, eu vou tá sempre pronto a ajudar esse tipo de pessoa. Porque eu já tô chegando no limite dela, eu me preparei pra chegar na idade deles. Eles não se prepararam, eles não tiveram assim uma preparação, não tiveram uma acolhida da própria comunidade ou mesmo da própria família, eles não fizeram isso. A família não dava muita atenção. Hoje sim. E eu comecei, esse Bom Dia Vovó as pessoas escreviam carta pra mim e eu, no início era o Fábio Mendes, um grande parceiro que até hoje continua na rádio Comercial, é um grande parceiro nosso. Durante muitos anos ele ia, pegava ônibus, passava na Pruden Flora pegava um buquê de flores. a Pruden Flora ficou com Ananias Pinheiro na rádio Comercial durante 18 anos, todos os dias do ano eles davam um buquê de flor. O Fábio passava lá, pegava o buquê de flor e ia na casa da Vovó. Todos os dias. Foi assim. Até hoje, até hoje eu encontro pessoas que só quando encontram com a gente ela começa a falar: você já esteve na minha casa. Eu não sei o nome da pessoa, não sei onde ela mora mas eu já tive ao lado dela e a mensagem que eu deixei pra ela, isso é que é importante, foi uma mensagem positiva, mensagem de respeito, de amor e carinho. Aliás, esse é um dos itens que a rádio Comercial sempre pregou, o respeito para com seu ouvinte. E eu digo assim, eu tenho a honra de dizer, eu fiz parte daquela casa durante tantos anos, mas muitos anos mesmo.

Wellington Roberto: A rádio Comercial também ela fez várias campanhas né? E uma delas foi a campanha da latinha e também a campanha contra o Aedes

Aegypt, que ela se uniu com as outras rádios de Prudente. Você já estava na rádio nessa época? Como é que foi essas campanhas?

Ananias Pinheiro: Uma das campanhas que chamou mais a atenção foi a campanha das latinhas. Ela, o seu Nilton como eu já te disse, ele tem uma visão muito ampla, e o seu Nilton tem uma coisa que eu acho muito bacana naquela pessoa, que ele sempre tem parceiros. E o parceiro dele na época era o pessoal do Rotary. Então eles pegavam esse, fazia, pegava essas, acho que era a cada, me parece se não me recordo a cada 20 latinha a pessoa ganhava um cupom, e esse cupom ela concorria um monte de prêmio, a gente fazia aqueles sorteios, era muito bacana. Eu cheguei ver uma carreta de latinhas, sendo mandada pra São Paulo. E todo esse dinheiro, toda essa verba foi tudo pro pessoal do Rotary. Isso a gente nunca divulgou. Falava simplesmente que era um apoio junto ao Rotary. Agora você imagina uma carreta de latinha. Isso foi feito dentro da rádio Comercial e eu falo que eu tive a honra de participar desse projeto também. Muito bom, muito bom, fantástico. Aliás, latinha que hoje sustenta muita família por aí.

Wellington Roberto: Também tinha bastante promoções né? Dentro do próprio programa da manhã também existiam várias promoções. Como é que era a participação dos ouvintes com as promoções?

Ananias Pinheiro: É aquilo que eu te falei, nós fazíamos com que a pessoa fizesse parte da nossa família, a família da rádio Comercial. E automaticamente também nós fazíamos parte da família deles. Então nós estávamos sempre juntos, sempre juntos. Então se de repente eu pegasse o microfone e dissesse assim: olha minha gente eu to precisando de uma cadeira de rodas pra uma senhora que mora na rua tal, em poucos minutos, em poucos segundos, nós conseguíamos a cadeira, ou de uma forma ou de outra. Isso foi muitos anos, mas muitos anos, mas muuuitos anos. Eu me lembro um caso que me chocou muito. Nós tínhamos uma criança com um problema no coração que precisava fazer uma cirurgia em Curitiba. Como é que eu ia mandar pai, mãe, a criança e mais um profissional da saúde pra Curitiba? Aonde é que essas pessoas iriam ficar lá? Abri o microfone, falei gente to precisando disso. Você conta aquilo que você ta vivendo, que é uma verdade, que é uma realidade. Ao meu lado tava o padre José. Padre José falou assim: não, não, não, não se preocupa não, se preocupa não porque ele vai ficar lá na nossa comunidade. Nós temos um espaço onde ele vai ficar lá. A criança ficou 15 dias. Hoje a criança já é um adulto, é chefe de família. Isso dá muita alegria claro.

Wellington Roberto: E quais os principais nomes que você entrevistou ao longo da carreira na rádio Comercial?

Ananias Pinheiro: Ah tem um nome que me chamou muito a atenção, mas muita atenção, eu não esqueço, olha já se fazem tantos anos. Eu tive a honra de entrevistar um cara chamado Paulo Maluf. Mas, o Paulo Maluf, ele me chamou muito a atenção, não pelo fato dele ser político, falar bem, mas pelo jeito dele ser. Quando eu abri o microfone e disse: nós estamos aqui ao lado do deputado Paulo Maluf, deputado bom dia, que o senhor seja bem-vindo a nossa cidade, seja bem-vindo a nossa rádio Comercial. Aí ele olhou pra mim e falou: seu Ananias como é que ta dona Maria de Lourdes? E falou o nome da minha esposa. To sabendo que a Gislene ta muito bem na escola. Gislene é minha filha mais velha. Dê um forte abraço na Fabiana. Fabiana era

pequeninha naquela época. Então ele me cativou por essa, esse estino que ele tem de político, de gravar as coisas. Lógico que alguém passou pra ele todos esses detalhes, mas ele fez isso ao vivo, e isso me deixou gratificado, porque falou da minha família. E tudo que a gente faz é voltado pra família. Então quando alguém fala da sua família você se sente feliz, se sente honrado, posso até te dizer. Acho que o Paulo Maluf foi um cara assim que me chamou muito a atenção. Além de cantores, porque cantores é assim, os cantores eles chegam falam mas eles tem benefício próprio, eles sempre querem ganhar, eles não te deixam nada, nada. Eles só falam: ó to vou fazer tal coisa, tô aqui, abraçando, abraçando, mas o Paulo não, ele falou da minha família e isso me deixou muito feliz.

Wellington Roberto: E qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio Comercial proporcionou pra você?

Ananias Pinheiro: Nossaaa senhora, a rádio Comercial ela vixiiii. Vou te contar um fato que aconteceu, porque quando você, quando eu, quando eu, em 81 me casei com a Lourdes, eu vou completar agora 34 anos de casado, nós tínhamos um, eu montei digamos assim um programa de vida, tá? Coisas que os meus pais não fizeram pra mim no passado, eu prometi pra mim mesmo que iria fazer para os meus filhos. Então isso foi uma proposta que fiz quando casei, eu e a Lourdes lá em Maringá, falei: bem, todos os nossos filhos eles vão ser formados em qualquer curso que eles vão escolher. Médico, advogado, o que eles quiserem eles vão formar. Nós não vamos pagar aluguel, nós vamos comprar uma casa, nós não vamos pagar aluguel. E isso enrolou-se muito tempo, muito tempo e sempre naquela batalha, sempre naquela briga, desafios, desafios, quando chegou uma hora eu já tinha comprado terreno tava começando a construir, mas não tinha como terminar porque você não consegue manter família, você não consegue manter construção e manter aluguel e eu ainda tinha a prestação do terreno. Então a situação financeira era terror. Muito terror, complicado. Falei e agora? Aí cheguei no seu Nilton, isso me alegra muito falar essa história, já falei essa história pessoalmente a ele, falei: seu Nilton ta acontecendo assim, assim, assim, assim, ele falou, Ananias tem uma coisa que você faz que é lutar e você consegue tudo aquilo que você quer, tudo aquilo que você almeja você vai, você consegue. Só que eu também tenho limite, naquela oportunidade o seu Nilton estava construindo a rádio Comercial aonde o prédio é hoje, que é prédio próprio, antes a rádio era no calçadão. Ele também tinha a sua situação financeira bem complicada por causa da construção. Ele falou: então vou fazer pra você isso daqui. Ele preencheu dois cheques pra mim pré-datados e falou: tá aqui ó, termina sua casa. Eu falei: mas como é que eu vou terminar minha casa com dois cheque pré-datado seu Nilton? Ele falou: inclusive vou descontar das suas férias, vou descontar do seu 13º, vai ficar uns três anos sem receber nada, mas tá aqui o cheque. Falei: mas e agora? Mas eu tinha o cheque do seu Nilton Mescoloti. Uma pessoa de nome, de caráter, uma pessoa séria, uma pessoa honesta, eu tinha o símbolo da rádio Comercial no meu cheque. E ali eu fiz dinheiro. Fiz dinheiro, paguei meus pedreiros, paguei minha casa, mudei na minha, ta certo que eu mudei ainda sem rebocar, mas mudei e hoje minha casa tem 300 e tantos metros quadrados. Tá tudo pago. E tudo começou do trabalho feito pelo seu Nilton. Então por isso que eu tenho um respeito muito grande pela rádio Comercial. Não foi simplesmente um emprego, porque tem locais que você

trabalha que é um emprego. Não, ali foi a minha casa. E pelos convites que eu já recebi, ela ainda será minha casa com toda certeza, porque é uma casa de amigos. Eu sempre digo a eles: a rádio Comercial é uma casa de amigos. É só você perguntar, por exemplo, quanto tempo de rádio tem Osvaldo Torino. Tem mais de 30 anos. Entendeu?

Wellington Roberto: Defina então a rádio Comercial em uma frase.

Ananias Pinheiro: Família. Família com toda certeza, família. Ta certo que existe como em toda família diferenças, discussões, atritos, mas existe aquele respeito. Respeito. Por exemplo até hoje a rádio Comercial continua fazendo suas campanhas de final de ano. Todos anos a rádio Comercial faz a sua campanha de final de ano. Pode não ser prêmios valiosíssimos, mas são prêmios que vai de encontro ao ouvinte da rádio Comercial, que é humilde, que é simples, mas que é família.

ENTREVISTA COM MAURÍCIO MESCOLOTI

Névelyn Silva: Sr. Maurício como é que surgiu o interesse em trabalhar aqui na rádio Comercial?

Maurício Mescoloti: O interesse surgiu desde criança né, quando eu via o meu pai vindo pra rádio né. É de uma forma, assim, vendo ele trabalhar, vendo o que ele fazia e, também eu sempre gostei de ouvir rádio. Na minha fase quando criança a gente não tinha, principalmente os programas esportivos a gente não tinha condições de ver, não passava os jogos do rádio pela televisão, então foi a onde eu comecei a me envolver, comecei a gostar do rádio né e também com esse envolvimento junto com meu pai né, na rádio, trabalhando na rádio, fazendo um tudo, um pouco de tudo, então ai eu comecei desde criança, junto com ele, e ai fui me apaixonando pelo rádio.

Névelyn Silva: Em que ano que você se tornou proprietário da rádio Comercial?

Maurício Mescoloti: Mas antes de ser, antes da gente assumir a direção aqui na rádio a gente passou por um período assim de adaptações e conhecimentos, desde os 13 anos de idade, quando a gente passou a ter um... uma função mais fixa né, com um horário a cumprir, e ai nós passamos, eu passei, por basicamente todos, todas as repartições da rádio, os cargos, então nós fomos, eu fui aprendendo aos pouquinhos né, um pouco de tudo, até eu ter a condição de assumir a direção né, lá pelos 25 anos de idade né, então dos 13 aos 25 foi muito aprendizado, foi conhecendo todos os setores né, e porque rádio no interior o dirigente de rádio, radiodifusor, ele tem que aprender um pouco de tudo.

Névelyn Silva: Você lembra o ano?

Maurício Mescoloti: Ah eu comecei... eu comecei no rádio...eu tinha mais ou menos em, a partir de 78, 79 né, que eu comecei a me envolver mais né. E ai foi 79, 80, 81, 82, 83, e ai não parou mais.

Névelyn Silva: O que você destacaria sobre as contribuições da rádio Comercial para o setor radiofônico de Prudente?

Maurício Mescoloti: Contribuição, eu acredito... primeiro uma, nós conseguimos nesses 63 anos de rádio desenvolver uma marca, rádio Comercial, para que você possa desenvolver essa marca, você tem que ter profissionalismo né, então a rádio Comercial nesse período foi, e é ainda uma emissora inovadora, procura lançar novos comunicadores, procura colocar novos formatos na área comercial, os patrocinadores ou anunciantes, não se envolvemos com política, então acredito que a contribuição nossa foi ser uma rádio integra, certo? Principalmente com responsabilidade dentro da sua programação, dentro do jornalismo, saber ouvir sempre as duas partes, as partes interessadas, a parte que esta sendo acusada, a resposta do outro lado, colocar o ouvinte pra poder falar, pra poder se defender de algo que as vezes nem os órgãos competentes, os órgãos públicos podem dar essa oportunidade. Então acho que a contribuição da rádio Comercial é essa, é uma rádio que nós procuramos fazer o nosso papel de uma forma profissional, de uma forma bem feita e com qualidade.

Névelyn Silva: Você sabe me dizer a média de audiência da rádio hoje?

Maurício Mescoloti: A questão da audiência é uma parte muito técnica, a audiência de rádio você mede-se por ouvintes por minuto, então hoje a nossa última pesquisa dava em torno de aproximadamente 4.000 a 5.000 ouvintes por minuto, dentro do perfil do 0 a 100% creio que o nosso target hoje de audiência da rádio Comercial chega a 62/65% entre o rádio AM.

Névelyn Silva: Qual que é o programa de maior audiência? Que dá mais retorno pra rádio?

Maurício Mescoloti: Eu acho que todos os programas dão retorno pra rádio Comercial, certo? É claro que tem uns programas que você atinge mais público pela quantidade de ouvintes né. Então destacamos principalmente os programas de jornalismo da rádio, desde o Bandsat né, o Jornal Primeira Hora, o Osvaldo Torino apresentando o Jornal das Sete, o Patrulha. Na parte da manhã também o Programa da Manhã com o Miguel, então, eu acredito que seja o conjunto, porque não adianta você fazer rádio, hoje, ter um super programa de audiência num horário e o resto da programação não ter audiência. Então a preocupação é essa, você ter um perfil de conquistar um maior número de ouvintes em todos os horários. Então essa é nossa preocupação, é o que nós procuramos sempre fazer.

Névelyn Silva: Por que o slogan “sempre na frente”?

Maurício Mescoloti: “Sempre na frente”, a ideia principal era uma rádio de vanguarda certo? Lançar algo sempre na frente, por exemplo... por exemplo é...colocar um... por exemplo, que nem nós lançamos, quando nós lançamos esse slogan por exemplo, nós tínhamos um telefone 0800, onde o ouvinte ligava no 0800 participava da programação. Então é sempre levar novas ideias em primeiro lugar, além, claro, da notícia né, então é sempre estar na frente, sempre levar as primeiras ideias, sempre destacar algo de diferente dentro dos nossos concorrentes, então sempre estar na frente, sempre trazer coisas novas. Esse é o nosso slogan né, a ideia foi essa.

Névelyn Silva: Por que você acredita que o programa de prestação de serviços é tão forte dentro da rádio Comercial?

Maurício Mescoloti: Ah isso aí é uma marca que vem desde 1970, sabe? É... nós achamos que temos que fazer isso né, a prestação de serviços, por que não adianta você ter uma rádio simplesmente para tocar música e fazer aquilo que você quer, a gente tem que atender a população certo? É o nosso papel de colocar o ouvinte no ar, pra questionar, pra falar. Se você perdeu um documento não custa nada a gente anunciar. Então se você precisa encontrar principalmente uma pessoa em Prudente, você sendo de fora, um parente. Então a prestação de serviço é uma tendência, tanto que também as TVs também estão fazendo isso né, essa prestação de serviço. Então eu acho que é uma marca nossa que vem de muito tempo, muito tempo, anunciar a bolsa de empregos, então é uma coisa assim, é um formato que acrescenta na nossa programação.

Névelyn Silva: A questão das grandes promoções, qual foi a que mobilizou mais gente a participar?

Maurício Mescoloti: Geralmente as promoções de natal e dia das mães são muito, muito fortes. Eu acredito que são duas promoções, que todos os anos passam a crescer um pouco, cada vez mais né, então, é claro, quanto mais prêmios você tem a oferecer, mais tem o interesse também né, tem o interesse e, o interessante é que o ouvinte, ele já fica esperando isso aí, ele já fica esperando e, a nossa forma de promoção é única né, então realmente é por carta, o pessoal gosta de escrever, manda, então é interessante.

Névelyn Silva: A gente viu algumas fotos sobre a arrecadação de latinhas que aconteceu, como que funcionou essa promoção? Como que o público participava dela?

Maurício Mescoloti: Essa promoção ela teve um recado muito bom, aí que tá o detalhe que reforça nosso slogan “sempre na frente”, se você perceber a questão da reciclagem não é uma coisa assim tão antiga e essa promoção das latinhas, de reciclar latinhas, já tem mais de 10 anos, 15 anos né. Foi justamente no começo da mudança, onde os refrigerantes pararam de ser produzidos em lata e passaram a ser alumínio e o alumínio na época passou a ter o valor de mercado e, todo mundo jogava fora, foi quando começou né, a ter esse interesse. Vamos fazer uma campanha, arrecadar esse produto né, esse produto que o pessoal joga fora, vamos arrecadar, vender e fazer algo com esse dinheiro em termos assim de uma doação pra alguma entidade, alguma coisa que a renda disso daí traga um benefício pra a população. Então como é que funcionava? Nós trocávamos 25 latinhas por um cupom, esse cupom concorria a vários prêmios durante a programação, então, durante o mês os ouvintes vinham na rádio, deixavam as 24 latinhas, 24/25 latinhas, trocavam por um cupom e sempre no final do mês, nós pegávamos aqueles cupons e fazíamos um sorteio na programação. Então cada mês, ó promoção das latinhas, esse mês vamos dar uma geladeira, vamos dar uma televisão, vamos dar um jogo de estofado, então, a pessoa vinha, trazia e, ganhava o cupom e aí a gente fazia o sorteio.

Névelyn Silva: Teve uma que foi do Aedes Aegypti também...

Maurício Mescoloti: Essa campanha da promoção do *Aedes Aegypti* foi logo no começo dos anos 80, 84, alguma coisa assim e que realmente *Aedes Aegypti*, a dengue era uma coisa assim, muito nova e, realmente tava pegando muita gente de surpresa. Então fizemos um pool com todas as rádios AM de Prudente, acho que mais as rádios AM, então nós reunimos numa manhã os principais locutores das rádios, das emissoras do rádio AM, juntos, numa única emissora, onde todas, ao mesmo tempo, faziam a mesma programação e, falava durante esse período só sobre aquela questão do *Aedes Aegypti*, a questão dessa doença terrível que estava afetando, a dengue e, era feita com professores, médicos, pessoas que entendiam do assunto, então acho que mobilizou a cidade inteira. Você saía, mudava a estação de uma rádio pra outra, era o mesmo assunto, passava pra outra, era o mesmo assunto, então, foi reunido os principais comunicadores de todas as rádios num único programa, pra um único objetivo que era divulgar a questão do problema da dengue em Presidente Prudente, que realmente estava se alastrando, estava ficando muito preocupante e pouca gente tinha o conhecimento desse mosquito. Então, foi um marco realmente no rádio em Prudente.

Névelyn Silva: Outro marco foi a filiação com a rede Bandeirantes, como foi feita essa negociação?

Maurício Mescoloti: Essa negociação foi feita em 1995, onde, era o início, o lançamento das principais cadeias de rádio do Brasil pelo, via satélite, então, nesse período era uma tecnologia recente você poder ter o som de uma rádio do Rio, São Paulo você recebendo da sua emissora com um som de qualidade via satélite porque antigamente você só conseguia esse recurso, através de linha da Telesp, linha física, que antigamente era Telesp, linha física, então você não tinha pelo satélite. Então com isso deu, nos ficamos assim, então, tendo. Não é um formato difícil, você vai ter que colocar uma parabólica, um receptor, e você vai reforçar a sua programação, então a gente sentia que o rádio AM nessa época também era forte na parte esportiva e quem não tinha esse sistema via satélite tinha muita dificuldade de você fazer uma cadeia, participar de uma cadeia com as ar de São Paulo porque o custo era caro, então veio essa ideia da gente estar junto com a rede Bandeirantes de rádio, é uma marca forte, de credibilidade, a rádio Bandeirantes é uma rádio conhecida no Brasil inteiro, de excelentes profissionais, então, surgiu essa parceria pra fortalecer mais a nossa programação, então tá dando certo e continuamos com eles desde 1995.

Névelyn Silva: Como a rádio se adaptou as novas tecnologias?

Maurício Mescoloti: Não é que se adaptou, as novas tecnologias não param, elas continuam cada vez mais né, foi um passo assim, que facilitou muito pra nos né, você sair do disco de vinil, da cartucheira, da fita, pro digital né, foi extraordinário isso daí, que quando se fala digital são varias coisas que envolvem quando se fala no digital, então é desde o gravador do repórter digital, a música que está lá no ar é digital né, então todo processo de, tanto administrativo, a questão do áudio que vai pro ar, tudo digital, realmente foi uma mudança transformadora muito grande e continua até hoje, porque hoje se você for acompanhar tudo que sai, tudo que é lançado, quer dizer, você não tem como, é muito complicado, então e muitas coisas vão acontecer depois disso daí, então vai vir o transmissor digital, depois vai vir, muitas coisas que

ainda vão acontecer, então acho que foi fundamental, facilitou, nos ajudou. Realmente é uma coisa que não tem volta e veio pra ficar mesmo.

Névelyn Silva: Vocês têm um pouco desse acervo aqui no Centro de Memória do Rádio, qual a importância que você vê nele para o setor radiofônico em Prudente?

Maurício Mescoloti: Ah eu acho que todo centro de memória é importante porque é história né, é história que tá ali, é onde quem não tem o conhecimento do que foi o passado, você passa a ter né, toda a transformação do que era antes e do que é hoje, então eu acho que isso aí fortalece muito, principalmente pra aquelas crianças que às vezes nunca viram um disco de vinil, que nunca viram um telefone celular antigo, então acho que são coisas assim que vai se perpetuar aí enquanto a gente tiver forças pra manter esse projeto, então são coisas assim que muita gente às vezes não imaginava como era e vem aí. Nossa era assim! É história propriamente dita de quem fez a história no rádio, de quem trabalhou, quem nasceu junto com o rádio, quem era quem na época tal, então é uma forma de fazer parte da história da cidade também.

Névelyn Silva: Descreva rádio Comercial em uma frase.

Maurício Mescoloti: A rádio Comercial numa frase eu poderia dizer assim, é a rádio que... é a rádio que faz a diferença poderia dizer assim sabe, a rádio que faz a diferença sabe, eu acho que faz a diferença, sabe não quis dizer que é a melhor, mas eu acho que em cada ponto faz a diferença, na preocupação de fazer algo cada vez melhor e cada vez mais profissional.

Névelyn Silva: Tem algum fato que te marcou dentro da rádio Comercial?

Maurício Mescoloti: Um fato muito interessante foi o dia 11 de setembro de 2001, foi, coincidentemente no dia do ataque as torres gêmeas nos Estados Unidos, mas esse fato não foi uma questão por causa que o mundo inteiro estava divulgando a questão do ataque das torres gêmeas, mas foi um debate que teve ao vivo, no nosso programa Patrulha Comercial com Osvaldo Torino e o prefeito Agripino Lima, então o prefeito Agripino Lima com toda aquele jeito de ser né, de ser imponente, de achar que as coisas tinham que ser do jeito dele e, esse debate realmente foi caloroso né, as duas partes né, então né foi uma coisa muito diferente né, esse debate né, que durou mais de meia hora, um início, assim, muito nervoso entre as duas partes, mas não ataques pessoais, assim, mas eu acho que a democracia né, não é porque você não está no seu território que você tem que achar que as coisas tem que ser do seu jeito né, mas foi muito assim, sabe nesse 11 de setembro a cidade acho parou pra ouvir porque eu acho que até então nenhum comunicador tinha, não é questão de desafiado, mas falado no mesmo tom que o professor Agripino, prefeito na época, então foi falado no mesmo tom que ele falou, que ele falava, então foi um dia assim que vai marcar para a história do rádio em Prudente, 11 de setembro de 2001.

ENTREVISTA COM HOMÉRO FERREIRA

Névelyn Silva: Professor qual a importância da rádio Comercial AM para o setor radiofônico em Presidente Prudente?

Homéro Ferreira: A rádio Comercial eu penso assim que ela tem a importância pelo serviço que presta para a cidade de Presidente Prudente, especialmente através do jornalismo, mas também nos programas de entretenimento. A rádio Comercial é a emissora mais popular de Presidente Prudente conforme resultados de seguidas pesquisas, é o nome mais lembrado em termos de emissora a AM conforme o Top of Mind, se não me falha a memória é acho que é a quarta vez que a rádio Comercial é a mais lembrada, e tudo isso não é por acaso, eu penso que o ponto de partida dessa história de sucesso da rádio Comercial está na figura do seu diretor, proprietário, fundador, Nilton Mescoloti. o senhor Nilton Mescoloti é uma figura nobre para todos nós profissionais que militamos no rádio em Presidente Prudente e, também, nas figuras dos seus principais comunicadores, até pela longevidade dos programas, você pega o Barbosa da Silveira com Os Ouvintes Querem Ouvi-lo, mais de 40 anos no ar, aos domingos sempre entrevistando uma personalidade que dá uma aula através do rádio sobre o assunto em que atua, você tem o Jornal das Sete da Rádio Comercial, um dos mais tradicionais noticiosos de todo o interior do estado de São Paulo e possivelmente o mais tradicional de Presidente Prudente, você tem o Patrulha Comercial que, imagino eu, já são mais de vinte anos sendo apresentado também por um único comunicador, no caso dos Ouvintes Querem Ouvi-lo é o jornalista Barbosa da Silveira, no caso do Patrulha Comercial é o radialista Osvaldo Torino tá? Um profissional que passou pela área do entretenimento e por outros experimentos, veio da cidade de Andradina, passou por algumas outras emissoras, mas efetivamente fez e faz historia na Rádio Comercial de Presidente Prudente, possivelmente tendo, eu falo possivelmente porque eu não tenho uma informação de uma pesquisa que confirme isso, mas pela sensibilidade, pelo olhar, pelos comentários, ele faz do programa Patrulha Comercial o programa mais ouvido do jornalismo de Presidente Prudente, ai você tem tantos outros profissionais em horários diferentes. Hoje pela manhã tem o Miguel Francisco, mas historicamente você teve sempre bons comunicadores na Rádio Comercial, inclusive a professora Lêda Márcia junto com José Cidalino Carrara que hoje está radicado em Cuiabá no Mato Grosso, entendeu? Uma dupla dinâmica, uma dupla perfeita, uma dupla muito preparada e que alimentava com informações a manhã dos prudentinos, um programa de altíssimo nível, tantos outros profissionais passaram por lá e hoje a manhã é confiada à Miguel Francisco, mas de tal forma que a programação se desenvolve durante todo o dia, e outra figura histórica também que mais ou menos há uns vinte anos faz o programa "Olá Motorista", que é apresentado sempre as noites que não tem transmissão esportiva, então eu penso que por tudo isso e por algumas figuras importantes que passaram pela rádio Comercial, a rádio Comercial é muito importante para a história de Presidente Prudente e com mais um detalhe, é uma das poucas emissoras de rádio que mantém um centro de memória, com um número grandiosíssimo de equipamentos mostrando a evolução e o avanço tecnológico tá? Que é muito importante para o estudo em rádio, inclusive pra nós aqui, que trabalhamos na faculdade de comunicação, na disciplina de rádio.

Névelyn Silva: Professor, se fosse para o senhor descrever a rádio Comercial em uma frase, que frase o senhor escolheria?

Homéro Ferreira: A mais ouvida da cidade tá. Quer ver outros fatos importantes Névelyn, que acho que convém ser citados, uma coisa que me impactou muito, sempre que eu me lembro de mobilização social em prol de alguma coisa e de pessoas, principalmente pobres, eu me lembro da rádio Comercial. Prudente tem um bairro que chama Vila Rotaria, são casas construídas pelo Rotary Club de Presidente Prudente, dessas casas, duas foram construídas com a ajuda da rádio Comercial, com recursos, sabe de que forma? Arrecadando essas latinhas de alumínio, mas arrecadou uma quantidade tão grande, mas tão grande, isso atesta também a audiência da Radio Comercial, o prestígio, a credibilidade, o respeito, que foi possível com os recursos advindo dessas latinhas construir duas casas. Do ponto de vista dos comunicadores eu penso que o principal revelado, ou produzido, ou lapidado pela Rádio Comercial foi o Lombardi Júnior, Lombardi Júnior, um professor que lecionava na escola Senai de Presidente Prudente, veio de um município da região e eu sempre faço confusão se é Flora Rica, Flórida Paulista, mas tenho a impressão que é Flórida, na Alta Paulista, ele veio pra Presidente Prudente de narrador esportivo, segundo conta a história, foi pra São Paulo, mas ficou pouco tempo, surgiu a oportunidade de trabalhar em Curitiba e ele foi pra Curitiba, aqui ele era conhecido como Himer Lombardi, em função de que lá na rádio Clube do Paraná, AB2, a rádio Gol do Brasil, ele virou Lombardi Júnior e fez tamanho sucesso, mas tamanho sucesso, que ele contribuiu para que os clubes paranaenses tivessem o futebol visto em todo Brasil, de lá ele foi presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do Brasil, gravou uma campanha nacional para que melhorassem as transmissões tanto de rádio e de televisão e melhorasse também as verbas publicitárias. Ele dizendo que os profissionais de comunicação deveriam valorizar mais os produtos que vendiam, quer dizer, as transmissões, no caso do esporte, se tiver uma transmissão que vale ouro o seu preço pra venda de publicidade também vale ouro e se você faz algo esculhambado, digamos assim, que valha lata, o seu preço pra venda de publicidade também vai valer lata, entendeu? Então essa foi a tese que ele pregou percorrendo o Brasil. Pela B2 do Brasil, ele cobriu algumas copas do mundo, a rádio Comercial foi parceira da rádio Clube paranaense nessas transmissões de copa do mundo, porque exatamente o Lombardi tava à frente. Então eu penso que isso é um fato muito importante na história da rádio Comercial.

Névelyn Silva: O senhor falou de campanha, eu me lembrei, teve uma época em que juntaram-se todas as rádios, foi um pool pra falar sobre a dengue, a questão da dengue que era atual pra época. O senhor chegou a participar?

Homéro Ferreira: Não, eu não participei, mas em alguns pool's de rádio históricos em Presidente Prudente, eu vou citar e eu vou dar um exemplo específico foi nos jogos regionais realizados na cidade de Marília, por sinal, quando Marília completou cinquenta anos de emancipação e naquela ocasião a rádio Comercial, a rádio Difusora, a rádio Piratininga, a rádio Presidente Prudente, elas apresentavam três boletins diário em conjunto, informando aos familiares e aos esportistas de uma forma em geral o que estava acontecendo com a delegação de Presidente Prudente nos jogos classificatórios pra maior

competição poliesportiva da América Latina, que são os jogos abertos do interior, então esses boletins ocorriam pela manhã, ocorriam na hora do almoço e ocorriam ou no final da tarde ou propriamente no começo da noite, quem nos conduzia era o Antônio Figueiredo Feitosa e eu me lembro disso porque eu fui repórter destacado pra essa cobertura conjunta das quatro emissoras de rádio AM que existiam em Presidente Prudente.

ENTREVISTA COM O OUVINTE LUCAS DE GOIS CAMPOS

Jonathan Santos: Lucas, primeiro eu queria perguntar a quanto tempo você escuta a rádio Comercial?

Lucas Campos: Praticamente desde o começo da rádio, início dos anos 60, eu sempre acompanhei os programas, é tanto os jornalísticos, como da área de entretenimento.

Jonathan Santos: E tem algum programa que foi importante pra você, que te marcou de alguma forma?

Lucas Campos: Durante muito tempo o programa do Waltair Gregghi, que trazia músicas atuais do tempo. Era até uma vanguarda que trazia música nacional e internacional e que ao longo da noite sempre transmitia e deixava a gente atualizado com as músicas mais tocadas do mundo todo no tempo que era mais difícil a comunicação. Então o rádio era o maior meio de transmissão de conhecimento e sempre acompanhei a rádio Comercial e o programa do Waltair Gregghi.

Jonathan Santos: E a rádio se mantém a muito tempo no ar, você acha que tem algum diferencial assim na rádio que faz ela estar a tanto tempo no mercado?

Lucas Campos: Pela qualidade da cobertura. Então sempre ela, acompanhou as mudanças e sempre manteve os ouvintes atualizados. Então foi importante exatamente aí, o que ela continua apresentando é exatamente esse tipo de informação que traz o ouvinte é tá conectado, mesmo com atualmente é muito mais fácil você ter informação e rádio sempre manteve essa tradição de fazer o ouvinte é tá por dentro de tudo.

Jonathan Santos: E Lucas, é a rádio ela teve alguma importância assim na sua vida que você lembra, como pessoa, e na história de Prudente também?

Lucas Campos: Pela qualidade da informação dela. Ela nos deixou atualizados dentro dos acontecimentos contemporâneos e sempre quando tinha interesse de ouvir, de saber alguma coisa sempre tava conectado na rádio pra tá por dentro dos assuntos tanto da cidade, como do resto do mundo.

Jonathan Santos: E você tem alguma história assim, um fato que você lembra que foi noticiado pela rádio, que te marcou, alguma cobertura que eles fizeram?

Lucas Campos: São tantos, tanto tempo que eu não tenho hoje de lembrança um fato marcante. Mas o destaque é a quantidade, a continuidade da prestação de serviço. A rádio que primou sempre pra dar informação, pra trazer o seu ouvinte as informações mais atuais, mais importantes do momento.

Jonathan Santos: E se você fosse definir, por exemplo, a rádio em uma palavra. Você como ouvinte, qual palavra seria?

Lucas Campos: A rádio atuante. Ela sempre teve presente. Nunca se omitiu de tá por dentro dos assuntos, dos fatos. Uma rádio atuante que faz com que a gente seja fiel a acompanhar tanto os programas jornalísticos, como os programas de entretenimento.

ENTREVISTA COM A OUVINTE ALICE DE SOUZA

Wellington Roberto: Dona Alice quantos anos a senhora escuta a rádio Comercial AM?

Alice de Souza: Tem 48 ano que eu escuto a Comercial. Eu gosto muito da Comercial. A Comercial é uma rádio que todo mundo ouve ela, e gosta dela porque ela é uma rádio que só fala a verdade, e, aqui na minha casa eu, meu esposo, seu João, eles conhecem muito a gente, porque faz muitos anos que eu gosto de todos lá.

Wellington Roberto: E quais programas a senhora mais gosta de ouvir da rádio Comercial?

Alice de Souza: Olha eu gosto mais do jornal. Aí logo cedo eu escuto o Fábio, ele começa das seis às sete, aí vem o Oswaldo. Gosto muito do programa do Oswaldo Torino. O Oswaldo Torino aqui em casa todos é especial, mas ele é mais, porque ele só fala a verdade e a gente gosta dele a muito tempo. É que ele não é velho não (risos), quem é velha sou eu. Mas ele é muitos ano que ele tá aqui, eu gosto muito dele, eu conheci até a mãe dele. Então, aí vem o, agora acho que é Miguel Francisco. Eu não conheço ele mas quero conhecer, gosto muito do programa dele. Aí depois vem o programa do Laerte. Nossa! Gosto muito do programa do Laerte. Laerte é como fosse um irmão meu. Ele é muito especial, ele também só fala a verdade, ele não mente. O Laerte Silva é uma pessoa muito importante pra rádio Comercial. E aí tem uma baianinha que eu não lembro o nome dela. Luci Castro. Ela é muito especial também, eu quero conhecer ela. Ajunta ela o Oswaldo e o Cláudio Moreno, eles fala muita piadinha que eu gosto quando eles dá risada. Eles são muito especial. A Comercial tá em primeiro lugar pra os ouvintes ouvir ela porque, ela é muito. Tem seu Nilton, gosto muito dele. Tem o filho, Maurício, uma pessoa muito boa, muito bacana, gosto muito dele. Olha gosto até da menina, da esposa do seu Nilton, gosto de todo mundo aí. Ismael Silva. Ai como é que chama aquele outro? Ele é só do jornal. Eu esqueço o nome dele. Você acabou de falar que ele é jornalista. Ele é assim com o Agripino. Ismael Silva. Gosto muito dele também. Aí depois tem outra que é Regina Santos. Gosto muito dela também. Não conheço ela, quero conhecer ela porque eu admiro muito ela. Aí depois vem o Miguel, Miguel Francisco de tarde que eu gosto muito também do programa dele. Aí vem de noite Fábio Mendes, de tardezinha. Olha mais é eu e meu marido João, nós gosta muito da Comercial, porque como a Comercial aqui não tem uma. Eu ouço ela a muito tempo e sem ela eu não vivo porque me faz muita falta, ajuda a gente. Ainda tenho até vontade de ir lá um dia e

abraçar todo mundo que nem eu abraçava antigamente. Hoje em dia eu ando com as perna meia fraca, mas tem uma pessoa que diz que o dia que eu for lá ele vem me cata cá embaixo na escada e me levar nos braços (risos).

Wellington Roberto: Dona Alice e na opinião da senhora, qual que é a importância da rádio Comercial pra cidade de Presidente Prudente?

Alice de Souza: A importância é porque ela é uma rádio muito antiga, fala muito a verdade, todo mundo gosta, e, que nem ela não tem nenhuma. Ela é a melhor rádio que tem aqui em Prudente e na região. Muito importante. E eu fico muito feliz de dar uma entrevista pra ela, pra você, pra ela, porque merece. Muito bom. E gosto de todos aí, mando um abraço pra todos viu, que me conhece, que conhece dona Alice do jardim Brasília.

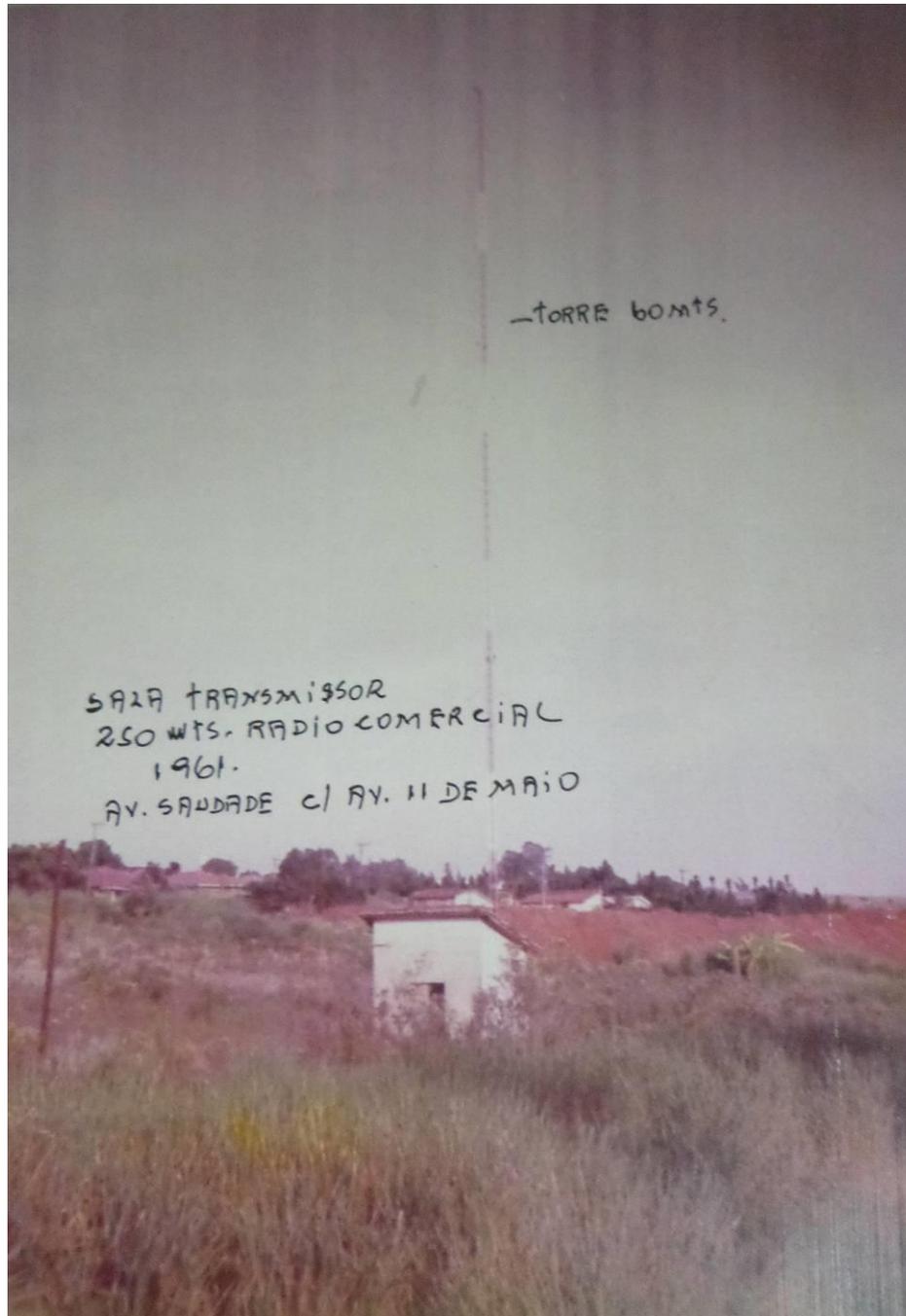
Wellington Roberto: Dona Alice obrigado pela entrevista viu?

Alice de Souza: De nada. Eu que agradeço de você ter vindo fazer entrevista comigo, porque já te conheço também há muito tempo. Você é uma pessoa muito especial também. Eles receberam lá uma pessoa especial que é você. Deus abençoe a todos ta bom.

ANEXO B
FOTOS



**ATUAL PRÉDIO DA RÁDIO COMERCIAL AM LOCALIZADO NA AV.
MANOEL GOULART, Nº 291, 1º ANDAR**



PRIMEIRO ESTÚDIO, TORRE E TRANSMISSOR DA RÁDIO COMERCIAL AM EM 1961. ATUALMENTE CRUZAMENTO DAS AVENIDAS 11 DE MAIO E SAUDADE



**INAUGURAÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA RÁDIO COMERCIAL AM EM 1979
NA RUA MAJOR TENENTE NICOLAU MAFFEI COM A PRESENÇA DO
MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES EUCLIDES QUANTD DE OLIVEIRA**



PROPRIETÁRIO NILTON MESCOLOTI HOMENAGEIA MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES EDUARDO OLIVEIRA DURANTE A INAUGURAÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA RÁDIO COMERCIAL EM 1979

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS
DIRETORIA DE TELÉGRAFOS

LICENÇA PARA ESTABELECIMENTO DE ESTAÇÃO RADIODIFUSORA

De acôrdo com as disposições do Artº 22 do Regulamento dos Serviços de Radiocomunicação, é concedida a presente Licença a RÁDIO COMERCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE LTDA

para operação de uma estação de radiodifusão, dentro das especificações seguintes:

Denominação autorizada RÁDIO COMERCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE LTDA

Local do Estúdio principal RUA. BARÃO DO RIO BRANCO, Nº 133, PRESIDENTE PRUDENTE-SP

Local do Estúdio auxiliar

Local do Transmissor e Antena AVENIDA DA SAUDADE S/N

Longitude e Latitude da Antena

Forma e dimensões da Antena VERTICAL, METÁLICA

Altura da Antena e corrente na base 45 METROS - 1,5 AMP. RF

Diretividade do lóbulo principal 000

Tipo de Emissão 10A3

Máxima frequência de modulação 5.000 HZ

Frequência 1.440 KHz

Indicativo de chamada ZR-238

Potência diurna 100 WATTS

Potência noturna

Horário de funcionamento (hora local) 05:00 às 24:00

Transmissor empregado DY-TDF003-2

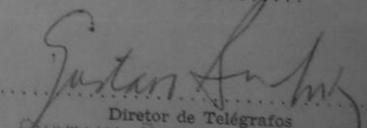
Desvio máximo permitido 20 Hz

Data da inauguração 12.10.60

Equipamentos auxiliares autorizados ---

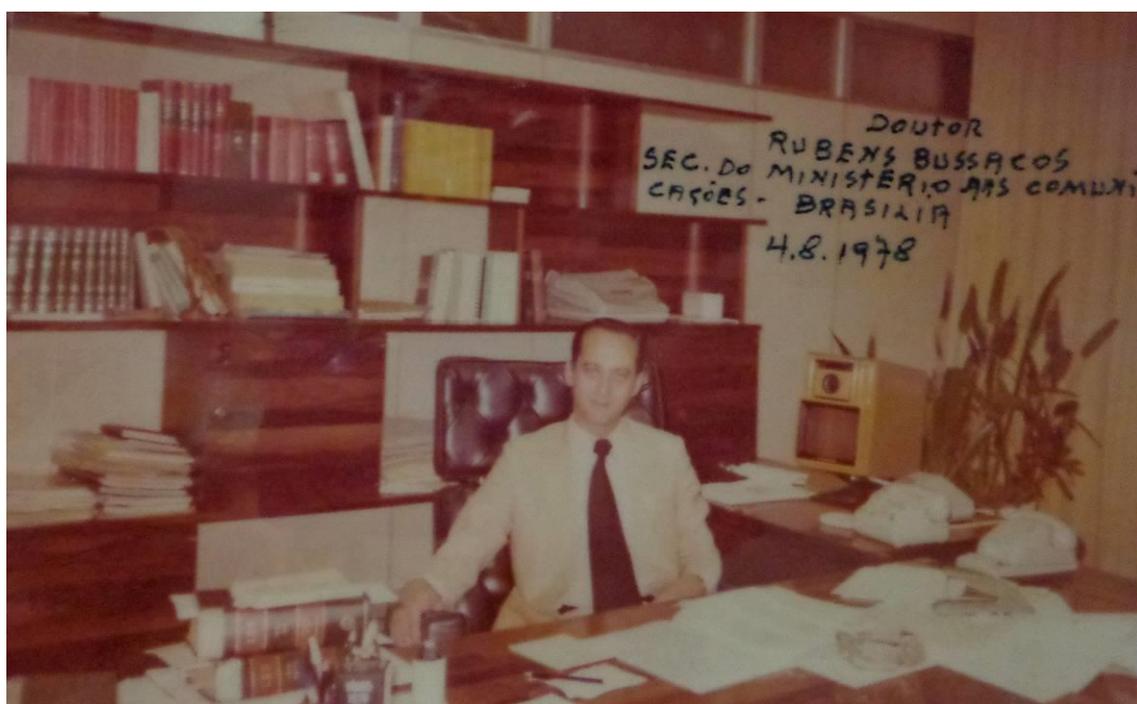
Rio de Janeiro, em 13 de FEVEREIRO de 19 62


Chefe da Seção de Radiocomunicações


Diretor de Telégrafos
GUSTAVO BANDEIRA DE MELLO

Proc. 58.851/60

**LICENÇA DE FUNCIONAMENTO DE ESTAÇÃO RADIODIFUSORA
CONCEDIDO EM 13/02/1962**



RUBENS BUSSACOS FUNDADOR DA RÁDIO COMERCIAL AM



**NILTON MESCOLOTI E ERNESTO COQUEMALA SOBRINHO
PROPRIETÁRIOS DA RÁDIO COMERCIAL**



CAMPANHA DESENVOLVIDA PELA RÁDIO COMERCIAL QUE ARRECADOU MAIS DE 2 MILHÕES DE LATAS EM 20 MESES



CAMPANHA DE DOAÇÕES DE ROUPAS E ALIMENTOS QUE FORAM ENVIADOS AO NORDESTE, CONTOU COM O APOIO DA POPULAÇÃO

ANEXO C
AUTORIZAÇÃO DA PROFESSORA MÁRCIA DETONI PARA USO DE
MANUAL DE RADIODOCUMENTÁRIO

Outlook | Novo Responder | Excluir Arquivar Lixo Eletrônico | Limpar | ...

Pesquise email

Pastas

Caixa de Entrada

Lixo 9

Rascunhos 1

Enviados

Excluídos 4

Nova pasta

Visualizações r...

Documentos

Fotos

Sinalizadas

Nova categoria

Wellington Roberto 02/10/2013 Ações

Para: marcia.detoni@mackenzie.br, marcia.detoni@usp.br, marcia.detoni@gmail.com

De: **Wellington Roberto** (o_wellingtonroberto@hotmail.com)

Enviada: quarta-feira, 2 de outubro de 2013 16:11:44

Para: marcia.detoni@mackenzie.br (marcia.detoni@mackenzie.br); marcia.detoni@usp.br (marcia.detoni@usp.br); marcia.detoni@gmail.com (marcia.detoni@gmail.com)

Olá professora Márcia!

Meu nome é Wellington Roberto e curso o 8º termo de jornalismo pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) em Presidente Prudente, interior de São Paulo. Eu, juntamente com mais três amigos, estamos elaborando nosso trabalho de conclusão de curso sobre a história de uma rádio AM aqui da cidade, e nossa peça prática será produzir um radiodocumentário sobre a história dessa rádio. Porém temos encontrado muita dificuldade em conseguir material, conceitos concretos sobre tal gênero, até mesmo na própria faculdade. Vimos o manual de radiodocumentário produzido pela senhora e encontramos nele conceitos que são importantes e interessantes e que nos auxiliaria muito na pesquisa. É um material muito rico e com idéias aprofundadas sobre o tema radiodocumentário. Por isso venho pedir por favor a sua autorização para que possamos utilizar o manual produzido pela senhora em nossa pesquisa, pois será de grande contribuição acadêmica e até mesmo profissional. Abaixo deixo meus dados e dos demais membros do grupo seguido das informações da pesquisa.

Pesquisadores:
Jonathan Aparecido dos Santos
Kawanny Cristiny de Oliveira Barros
Névelyn Aniely da Silva
Wellington Roberto dos Santos Silva

Pesquisa: RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM
Orientadora: Ms. Lêda Márcia Litholdo
Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho de Presidente Prudente

Desde já muito obrigado!

Wellington Roberto

Outlook |  Novo Responder |  Excluir Arquivar Lixo Eletrônico |  Limpar  ... 

Pesquise email 

Pastas 

Caixa de Entrada

Lixo 9

Rascunhos 1

Enviados

Excluídos 4

Nova pasta

Visualizações r...

Documentos

Fotos

 **Marcia Detoni** (marcia.detoni@gmail.com) [Adicionar aos contatos](#) 03/10/2013  [Ações](#) 

Para: Wellington Roberto 

De: **Marcia Detoni** (marcia.detoni@gmail.com)
Enviada: quinta-feira, 3 de outubro de 2013 00:29:59
Para: Wellington Roberto (o_wellingtonroberto@hotmail.com)

Oi Wellington,

Eu fiz o material como nota de aula, às pressas, e não coloquei normas de ABNT nem referências bibliográficas. Então pedi aos alunos que só usassem para as aulas. Mas não adiantou...rsrs! Apareceu na Internet antes mesmo de eu poder redigir um bom texto a respeito. Mas, se vocês acharam o material útil, podem utiliza-lo.

Um grande abraço e muito sucesso no trabalho!

Márcia

ANEXO D
NOTAS NA IMPRENSA

O IMPARCIAL

Presidente Prudente e região, TERÇA-FEIRA, 26 de novembro de 2013

Credibilidade é o que conta

Assine

Login

PLANTÃO
ESPORTE
ESPECIAL
EDITORIAL
CULTURA
CLASSIFICADOS

REGIÃO
PRUDENTE

Anuncie no site
Anuncie no jornal
História
Contato

BUSCAR

[O Imparcial](#) > [Blogs](#) > [Blog do Barbosa](#) > 15-08-2013

15 de agosto de 2013 às 08h21 - [Blog do Barbosa](#)

15-08-2013

Trabalho

Estiveram no jornal terça-feira, os universitários Névelyn Aniely da Silva e Wellington Roberto dos Santos Silva, solicitando dados da Rádio Comercial AM, para o Trabalho de Conclusão de Curso, em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação Social da Unoeste, o tema: "A História da Rádio Comercial AM", cuja orientadora é a professora Leda Márcia Litholdo, que foi num período, nossa colega de trabalho no jornal. Esperamos ter correspondido com o que solicitaram os dois universitários. Fazem parte do grupo os estudantes Kawanny Barros e Jonathan Santos.

Blog do Barbosa

veja tudo sobre >

21-11-2013

6c / caderno2 / QUINTA-FEIRA, 15 de agosto de 2013

SOCIEDADE



O IMPARCIAL

EM TÓPICOS

Por **Barbosa da Silveira**

TRABALHO

Estiveram no jornal terça-feira, os universitários Névelyn Aniely da Silva e Wellington Roberto dos Santos Silva, solicitando dados da Rádio Comercial AM, para o Trabalho de Conclusão de Curso, em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação Social da Unoeste, o tema: "A História da Rádio Comercial AM", cuja orientadora é a professora Leda Márcia Litholdo, que foi num período, nossa colega de trabalho no jornal. Esperamos ter correspondido com o que solicitaram os dois universitários. Fazem parte do grupo os estudantes Kawanny Barros e Jonathan Santos.

APÊNDICES

APÊNDICE A
SCRIPT DO RADIODOCUMENTÁRIO

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 01

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

TEMPO TOTAL: 20'00''

.....

- Abertura (Chiado de rádio mudando de estação)
- Vinheta da Rádio Comercial
- Sobe Som (Música: *Hurts Like Heaven, Coldplay* – Instrumental)

A RÁDIO COMERCIAL AM FAZ PARTE DA HISTÓRIA DE PRESIDENTE PRUDENTE HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO E DESDE SEMPRE ESTÁ NO COTIDIANO DAS PESSOAS.

COM UM JORNALISMO ATUANTE, UMA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EFICAZ E PROGRAMAS DE VARIEDADES QUE DIVERTEM OS OUVINTES, A TRAJETÓRIA DA RÁDIO SE UNE A HISTÓRIA DA PRÓPRIA CIDADE.

ESSA BIOGRAFIA VOCÊ ACOMPANHA AGORA NESSE RADIODOCUMENTÁRIO.

ESTÁ NO AR: RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM.

- Sobe Som
- Vinheta: O INÍCIO

A RÁDIO COMERCIAL AM FOI FUNDADA EM TREZE DE AGOSTO DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NOVE, PELOS IRMÃOS ARNALDO E RUBENS BUSSACOS.

MAS A PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA SÓ ENTRARIA NO AR QUASE UM ANO DEPOIS, NO DIA SEIS DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E SESSENTA.

MAIS TARDE OS IRMÃOS BUSSACOS TRANSFERIRAM SUA CONCESSÃO À JOSÉ ROTTA, QUE PASSOU A DIREÇÃO AO SOBRINHO, ERNESTO COQUEMALA, QUE VENDEU PARTE DA EMISSORA AO RADIALISTA NILTON MESCOLOTI.

SOBRE O COMEÇO, NILTON MESCOLOTI AFIRMA:

Presidente Prudente, 16/10/2013

LAUDA 02

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM
.....

Sonora: Nilton Mescoloti**Tempo: 20”****Deixa: uns três meses**

DEPOIS DESSE PERÍODO, O ESTÚDIO DA RÁDIO PASSOU PELAS RUAS BARÃO DO RIO BRANCO E FELICIO TARABAY, ALÉM DA RUA SIQUEIRA CAMPOS ATÉ SER ADQUIRIDA NOVAS E MODERNAS INSTALAÇÕES NA RUA TENENTE NICOLAU MAFFEI, O CALÇADÃO, NO DIA DOIS DE MARÇO DE MIL NOVESCENTOS E SETENTA E NOVE.

NA INAUGURAÇÃO, ESTEVE PRESENTE O MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA.

O CENÁRIO DA RADIODIFUSÃO EM PRUDENTE SE CONSOLIDAVA A CADA DIA E A RÁDIO COMERCIAL JÁ SE DESTACAVA.

ISMAEL SILVA CONTA

Sonora: Ismael Silva**Tempo: 13”****Deixa: sempre ali na frente**

DEPOIS DE DEZ ANOS NO CALÇADÃO, A COMERCIAL MUDOU NOVAMENTE DE ENDEREÇO E NO DIA VINTE E OITO DE MARÇO DE MIL NOVESCENTOS E OITENTA E NOVE, EXATAMENTE ÀS DEZENOVE HORAS, INICIOU SUAS TRANSMISSÕES NA AVENIDA MANOEL GOULART, NÚMERO DUZENTOS E NOVENTA E UM, ONDE PERMANECE ATÉ HOJE.

NESSE PERÍODO HOUVE UMA MUDANÇA IMPORTANTE NA HISTÓRIA DA COMERCIAL.

NILTON E ERNESTO CONQUISTARAM A CONCESSÃO DE UMA EMISSORA FM E DEPOIS DE ALGUM TEMPO DECIDIRAM DESFAZER A SOCIEDADE.

Sonora: Nilton Mescoloti**Tempo: 23”****Deixa: com a Comercial AM**

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 03

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

EXPLICA: SOBRE A ORIGEM DO NOME DA RÁDIO, NILTON MESCOLOTI

Sonora: Nilton Mescoloti
Tempo: 15”
Deixa: de Presidente Prudente

- Sobe Som
- Vinheta: JORNALISMO

O JORNALISMO É UM DOS PONTOS FORTES DA RÁDIO COMERCIAL. EM CINQUENTA E QUATRO ANOS DE HISTÓRIA, A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO SEMPRE FOI SUA REFERÊNCIA.

BENDRATH JÚNIOR EXPLICA QUE NO INÍCIO, O JEITO DE PRODUZIR ERA DIFERENTE DOS DIAS ATUAIS.

Sonora: Bendrath Júnior
Tempo: 18”
Deixa: tinha boa audiência

MUITOS RADIALISTAS QUE PASSARAM PELA RÁDIO CONTRIBUÍRAM PARA QUE O JORNALISMO SE TORNASSE SINÔNIMO DE CREDIBILIDADE.

JOSÉ CIDALINO CARRARA FOI UM DOS PROFISSIONAIS QUE TIVERAM ESSA EXPERIÊNCIA

Sonora: José Carrara
Tempo: 20”

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 04

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

Deixa: muito atuante

A RÁDIO COMERCIAL SEMPRE SE PREOCUPOU COM A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO QUE É LEVADA ATÉ O OUVINTE.

DESDE AS PRIMEIRAS TRANSMISSÕES, A RÁDIO PROCURA APRESENTAR OS FATOS PREZANDO PELA IMPARCIALIDADE.

LAERTE SILVA, REPÓRTER POLICIAL DA EMISSORA, COLOCA EM PRÁTICA ESSA CONDUTA DA RÁDIO HÁ QUASE CINQUENTA ANOS.

Sonora: Laerte Silva

Tempo: 38”

Deixa: ele sabe

OS PROGRAMAS DE JORNALISMO DA COMERCIAL SÃO REFERÊNCIA DENTRO DA COMUNICAÇÃO.

PATRULHA COMERCIAL, COMERCIAL ACONTECE E JORNAL DAS SETE SÃO TRADICIONALMENTE AS FONTES DE INFORMAÇÃO DOS PRUDENTINOS.

DENTRE ESSES, SE DESTACA O JORNAL DAS SETE, APRESENTADO ATUALMENTE PELO RADIALISTA OSVALDO TORINO.

JOSÉ CIDALINO CARRARA EXPLICA QUE O JORNAL SURTIU POR NECESSIDADE.

Sonora: José Carrara

Tempo: 25”

Deixa: trabalhadora de Prudente

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 05

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

A RÁDIO PARTICIPA DE COBERTURAS DE IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA CIDADE.

EM CATORZE DE SETEMBRO DE MIL NOVESCENTOS E SESENTA E SETE, POR EXEMPLO, A COMERCIAL COBRIU O DESFILE DO ANIVERSÁRIO DE CINQUENTA ANOS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Sonora: Gravação cobertura do desfile
Tempo: 13”
Deixa: de Presidente Prudente

O NOTICIÁRIO NACIONAL TAMBÉM TEM ESPAÇO DENTRO DA PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO.

FATOS QUE MARCARAM O PAÍS TAMBÉM CAUSARAM COMOÇÃO E FORAM REPERCUTIDOS NA CIDADE.

A MORTE DO PRESIDENTE TANCREDO NEVES FOI UM DESSES ACONTECIMENTOS.

Sonora: Gravação – Morte Tancredo
Tempo: 1’13”
Deixa: Tancredo Neves

- Vinheta: VARIEDADES

ALÉM DE INFORMAR, A RÁDIO COMERCIAL TAMBÉM LEVA COMPANHIA E ENTRETENIMENTO AOS SEUS OUVINTES.

Presidente Prudente, 16/10/2013

LAUDA 06

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

DURANTE TODO O DIA, OS PROGRAMAS DE VARIEDADES DA EMISSORA PROPORCIONAM DIVERSÃO, BOA MÚSICA E CULTURA.

PROGRAMAS COMO ALVORADA SERTANEJA, PROGRAMA DA MANHÃ, MÚSICA DA GENTE, PROGRAMA DA TARDE, COMERCIAL SERTANEJO, PROGRAMA DA NOITE, ALÉM DE OS OUVINTES QUEREM OUVÍ-LO SÃO AS OPÇÕES QUE A COMERCIAL OFERECE.

O PROGRAMA DA MANHÃ É UM DOS CAMPEÕES DE AUDIÊNCIA. VÁRIOS QUADROS COMO A HISTÓRIA DA MINHA VIDA, COMERCIAL BATE A SUA PORTA, FIZERAM HISTÓRIA.

UM DOS QUADROS MAIS MARCANTES FOI O BOM DIA VOVÓ. ANANIAS PINHEIRO, QUE APRESENTOU O PROGRAMA DA MANHÃ POR DEZOITO ANOS CONTA COMO ERA A EMOÇÃO DE PARTICIPAR DO QUADRO.

Sonora: Ananias Pinheiro

Tempo: 41”

Deixa: sempre pregou

OUTRO PROGRAMA DE DESTAQUE, QUE É PIONEIRO NA COMERCIAL E SE MANTÉM A QUARENTA E UM ANOS NO AR É OS OUVINTES QUEREM OUVÍ-LO, APRESENTADO PELO JORNALISTA JOSÉ VINICIUS BARBOSA DA SILVEIRA.

LÍDER DE AUDIÊNCIA AOS DOMINGOS, BARBOSA DA SILVEIRA EXPLICA QUE O FORMATO DO PROGRAMA NUNCA FOI MUDADO.

Sonora: Barbosa da Silveira

Tempo: 12”

Deixa: eu continuo

OS OUVINTES QUEREM OUVÍ-LO RECEBE PESSOAS QUE TENHAM HISTÓRIAS INTERESSANTES PARA CONTAR.

NO ANO DE MIL NOVESCENTOS E SETENTA E SETE UM DOS CONVIDADOS FOI O ENTÃO PREFEITO, WALTER LEMES SOARES.

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 07

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

Sonora: Gravação entrevista Walter Lemes
Tempo: 35”
Deixa: programa de governo

- Vinheta: PRESTAÇÃO SERVIÇOS

SE O JORNALISMO E OS PROGRAMAS DE VARIEDADE SÃO IMPORTANTES PARA A RÁDIO, A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS É UMA MARCA REGISTRADA DA COMERCIAL.

MAURÍCIO MESCOLOTI, DIRETOR ADMINISTRATIVO DA EMISSORA GARANTE QUE ESSE É UM PAPEL IMPORTANTE.

Sonora: Maurício Mescoloti
Tempo: 19”
Deixa: pra falar

UMA DAS PRESTAÇÕES DE SERVIÇOS LANÇADAS PELA RÁDIO E QUE SE MANTÉM ATÉ HOJE É A BOLSA DE EMPREGOS, ONDE AS PESSOAS VÃO EM BUSCA DAS OPÇÕES DE VAGAS DE EMPREGO.

JOSÉ CIDALINO CARRARA CONTA COMO ERA A PROCURA PELO SERVIÇO NA ÉPOCA EM QUE TRABALHOU NA RÁDIO.

Sonora: José Carrara
Tempo: 12”
Deixa: que a rádio fazia

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 08

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

PREOCUPADA COM O AVANÇO DA DENGUE NO INÍCIO DA DÉCADA DE OITENTA, A RÁDIO COMERCIAL IDEALIZOU UM DIA DE ORIENTAÇÃO AOS PRUDENTINOS.

ATRAVÉS DE UMA PARCERIA COM AS OUTRAS EMISSORAS AM DE PRUDENTE, ELES LEVARAM INFORMAÇÃO SOBRE OS CUIDADOS A SEREM TOMADOS CONTRA A DOENÇA.

Sonora: Maurício Mescoloti
Tempo: 48”
Deixa: entendiam do assunto

AS CAMPANHAS TAMBÉM FIZERAM PARTE DA HISTÓRIA DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS NA RÁDIO COMERCIAL. A DE MAIOR REPERCUSÃO FOI A CAMPANHA DAS LATINHAS.

ATRAVÉS DE UMA PARCERIA COM O ROTARY CLUBE DA CIDADE, A EMISSORA PROMOVEU A ARRECADAÇÃO DE LATAS DE ALUMÍNIO, QUE POSTERIORMENTE FORAM VENDIDAS E O DINHEIRO UTILIZADO PARA A CONSTRUÇÃO DE DUAS CASAS NA VILA ROTARIA EM PRUDENTE.

Sonora: Maurício Mescoloti
Tempo: 44”
Deixa: duas casas

Sonora: Laerte Silva
Tempo: 11”
Deixa: lotada de latinhas

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 09

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

Sonora: Ananias Pinheiro

Tempo: 16”

Deixa: muito bom, fantástico

EM VINTE MESES DE CAMPANHA, MAIS DE DOIS MILHÕES DE LATINHAS FORAM ARRECADADAS.

ESSA GRANDE QUANTIDADE DE LATAS REFORÇA O QUANTO A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS É FORTE NA RÁDIO COMERCIAL.

TODO O SUCESSO DAS CAMPANHAS SE DÁ PELA CONFIANÇA E CONTRIBUIÇÃO DO OUVINTE.

Sonora: Ananias Pinheiro

Tempo: 12”

Deixa: ou de outra

- Sobe Som

RESUMIR CINQUENTA E QUATRO ANOS DE HISTÓRIA EM ALGUNS MINUTOS NÃO É FÁCIL, MAS NESSE CURTO PERÍODO, VOCÊ PODE CONHECER UM POUCO DOS EPISÓDIOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DA RÁDIO MAIS LEMBRADA PELOS PRUDENTINOS.

E MOTIVOS NÃO FALTARAM PARA QUE ELA SE TORNASSE UMA DAS LÍDERES DE AUDIÊNCIA NA REGIÃO.

O TRABALHO SÉRIO, RESPONSÁVEL E ATUANTE, É UMA MARCA DO COMPROMISSO COM O OUVINTE.

A RÁDIO COMERCIAL É IMPORTANTE NÃO SÓ PARA A RADIOFUSÃO PRUDENTINA, MAS TAMBÉM PARA A VIDA DAS PESSOAS QUE AJUDARAM A CONSTRUIR ESSA HISTÓRIA DE SUCESSO.

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 10

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

PARA CADA PERSONAGEM QUE FEZ PARTE DESSA TRAJETÓRIA, A RÁDIO TEM UM SIGNIFICADO ÚNICO E ESPECIAL. MAIS DO QUE UMA EMISSORA A RÁDIO COMERCIAL É:

Sonora Ismael Silva
Tempo: 3"
Deixa: tudo

Sonora Barbosa da Silveira
Tempo: 4"
Deixa: muito nome

Sonora: Ananias Pinheiro
Tempo: 4"
Deixa: toda certeza família

Sonora: Laerte Silva
Tempo: 11"
Deixa: no meu coração

Sonora: José Carrara
Tempo: 3"
Deixa: espetacular

Sonora: Maurício Mescoloti
Tempo: 21"
Deixa: mais profissional

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 11

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

Sonora: Waltair Greggi
Tempo: 7”
Deixa: minha vida

Sonora: Nilton Mescoloti
Tempo: 31”
Deixa: até emocionado

NÃO FORAM APENAS OS PROFISSIONAIS QUE TIVERAM SUAS VIDAS MARCADAS PELA RÁDIO.

OS OUVINTES FIÉIS TAMBÉM TEM GRANDE CONSIDERAÇÃO E CONFIANÇA NA RÁDIO COMERCIAL.

DONA ALICE DE SOUZA E LUCAS CAMPOS DESCREVEM ESSA ADMIRAÇÃO.

Sonora: Lucas Campos
Tempo: 10”
Deixa: de entretenimento

Sonora: Alice de Souza
Tempo: 8”
Deixa: ajuda a gente

- Sobe Som (Música: “Don’t Worry Child” – Swedish House Mafia, Instrumental)

VOCE ACABOU DE OUVIR O RADIODOCUMENTÁRIO RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM.

APRESENTAÇÃO: KAWANNY BARROS E WELLINGTON ROBERTO.

Presidente Prudente, 16/10/2013 LAUDA 12

RADIODIFUSÃO PRUDENTINA: A HISTÓRIA DA RÁDIO COMERCIAL AM

PRODUÇÃO: JONATHAN SANTOS, KAWANNY BARROS,
NÉVELYN SILVA E WELLINGTON ROBERTO.

COM OS TRABALHOS TÉCNICOS DE JESLEY ALMEIDA E
ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA LEDA MÁRCIA LITHOLDO.

GRAVADO NO ESTÚDIO DE PRODUÇÃO RADIOFÔNICA DA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNOESTE EM OUTUBRO DE
2013.

PRA VOCÊ QUE NOS ACOMPANHOU ATÉ AQUI O NOSSO
MUITO OBRIGADO E ATÉ A PRÓXIMA.

APÊNDICE B
PAUTAS DAS ENTREVISTAS

PAUTA NILTON MESCOLOTI

Retranca: Nilton/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o proprietário da Rádio Comercial Nilton Mescoloti para obter informações relevantes que resgatem a história da rádio.

Roteiro: Data: 12/10/2013

Horário: 14h

Local: Centro de Memória do Rádio Prudentino/ Rádio Comercial
Av. Manoel Goulart, 291

Dados: Atual Proprietário da Comercial. Foi locutor aos quinze anos de idade na Rádio Difusora até ser transferido para a Rádio Anhanguera de Goiânia, em 1957. Lá, ele permaneceu apenas dois anos e acabou por retornar à PRI-5 em 1959. No ano seguinte, ingressou na Rádio Presidente Prudente, a 2ª emissora de Amplitude Modulada (AM), onde permaneceu até 1966.

Em 1967, Nilton Mescoloti implantou seu Estúdio de Gravações, com uma produtora de comerciais para as emissoras de Rádio, que vigorou até 1971, quando passou a funcionar junto à Rádio Comercial/AM.

Em sociedade com Ernesto Coquemala Sobrinho, assumiu o controle acionário da Emissora, a terceira a ser instalada em Pres. Prudente, e no ano de 1982 os dois implaram a Rádio Comercial 2/FM (98 FM). Em 1985 passou a se dedicar também ao ramo de autopeças, e em 1996 transferiu a direção da Emissora, ao seu filho Maurício Mescoloti.

Nilton criou um Centro de Memória do Rádio, que fica instalado dentro da Comercial, O Acervo histórico e cultural é mais um centro de referência que a rádio coloca à disposição de todos os pesquisadores, estudantes e demais pessoas interessadas.

Sugestões de perguntas:

Quando a história da Rádio Comercial começou e como ela entrou em sua vida?

Por que a Rádio leva esse nome?

Descreva como era a radiodifusão na época em que o senhor adquiriu a rádio?

Quais rádios faziam parte da radiodifusão prudentina?

Existiam conflitos entre as emissoras?

Quem eram os comunicadores da época?

Quais eram os programas mais importantes?

Tem alguma história marcante envolvendo a rádio?

O que destacaria sobre as contribuições da Comercial para o setor radiofônico em Prudente?

Qual era o segredo por antes haver poucos recursos e uma excelente qualidade de programação?

Houve influências ou perseguições políticas envolvendo a rádio?
Você vê as novas tecnologias como uma ameaça? Como a rádio se adaptou a elas?
Descreva o que é a Rádio Comercial pra você

PAUTA CIDADALINO CARRARA

Retranca: Carrara/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o radialista José Cidalino Carrara, que trabalhou na Rádio Comercial por muitos anos e que tem importantes contribuições para a pesquisa.

Roteiro: Data: 12/10/2013

Horário: 17h

Local: Na Rádio Comercial, Av. Manoel Goulart, 291, por meio de telefone, já que o entrevistado mora em Cuiabá, no Mato Grosso.

Dados: Jornalista, advogado, cerimonialista, educador e escritor. Formado em Letras, Direito, Jornalismo e Pedagogia. Atuou como Mestre de Cerimônias e secretário de Comunicação da Prefeitura Municipal de Cuiabá, Assessor do Cerimonial da UNIC - Universidade de Cuiabá, da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso e por treze anos foi assessor mestre do Cerimonial do Governo do Estado de Mato Grosso. Professor na UNIC e no IVE - Instituto Varzeagrandense de Educação. É o fundador da Faculdade de Jornalismo no IVE, Diretor de Jornalismo e apresentador de programas na Rede Mundial de Rádio e TV. Possui diversos títulos honoríficos, dentre eles o de Cidadão Mato-grossense, outorgado pela Assembléia Legislativa do Estado; Medalha do Mérito do Poder Judiciário, outorgada pelo Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso; Medalha de Comunicação, conferida pelo Instituto Latino Americano de Educação e Comunicação e Medalha do Mérito Marechal Rondon. Como escritor e jornalista tem vasta obra, da qual destacamos os livros “Conflito entre o Poder Judiciário e a Imprensa”, “Cerimonial e Cerimônias – Manual Prático”. É membro da Academia Mato-Grossense de Letras, cadeira nº 9.

Sugestões de perguntas:

Quando a história da Rádio Comercial começou e como ela entrou em sua vida?

Por que a Rádio leva esse nome?

Descreva como era a radiodifusão na época em que o senhor adquiriu a rádio?

Quais rádios faziam parte da radiodifusão prudentina?

Existiam conflitos entre as emissoras?

Quem eram os comunicadores da época?

Quais eram os programas mais importantes?

Tem alguma história marcante envolvendo a rádio?
 O que destacaria sobre as contribuições da Comercial para o setor radiofônico em Prudente?
 Qual era o segredo por antes haver poucos recursos e uma excelente qualidade de programação?
 Houve influências ou perseguições políticas envolvendo a rádio?
 Você vê as novas tecnologias como uma ameaça? Como a rádio se adaptou a elas?
 Descreva o que é a Rádio Comercial pra você

PAUTA BENDRATH JÚNIOR

Retranca: Bendrath/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o radialista Bendrat Júnior para obter informações sobre a rádio Comercial.

Roteiro: Data: 14/10/2013
 Horário: 13h
 Local: rua Bela, nº 201 (casa do entrevistado)

Dados: Wolfgang Eugênio Bendrat Júnior, ou simplesmente Bendrat Júnior foi um dos primeiros radialistas da Comercial a apresentar os jornais e a fazer coberturas. Trabalhou por um bom tempo na emissora e se aposentou no jornal O Imparcial.

Sugestões de perguntas:

Como surgiu o convite para trabalhar na rádio Comercial?
 Como eram produzidos os radiojornais na época em que trabalhava na Comercial?
 Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?
 Quantos anos trabalhou na rádio?
 Quais os fatos mais marcantes que noticiou?

PAUTA ISMAEL SILVA

Retranca: Ismael/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o repórter Ismael Silva para obter informações sobre a rádio Comercial.

Roteiro: Data: 14/10/2013
 Horário: 8h30
 Local: Reitoria da Unoeste, campus I

Dados: Ismael Silva trabalha como repórter na rádio Comercial há 38 anos. Suas reportagens estão presentes em todos os jornais que a emissora possui ao longo da programação. Ismael tem um bordão que caracteriza o término de suas reportagens que é o “e ponto final”. Além de atuar como repórter, Ismael apresenta um programa de entrevistas na TV Cidade de Prudente.

Sugestões de perguntas:

Como surgiu o convite para trabalhar na rádio Comercial?
 Conheceu os fundadores da rádio? Como era sua relação com eles?
 Qual a importância da Comercial ser filiada à rádio Bandeirantes de São Paulo?
 Como surgiu o bordão “e ponto final”?
 Qual foi a cobertura mais marcante realizada?
 Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?
 Qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio te trouxe?

PAUTA WALTAIR GREGHI

Retranca: Greghi / Comercial

Proposta/ Encaminhamento: A entrevista com o radialista Waltair Greghi tem como objetivo obter informações relevantes e importantes da história da Rádio Comercial Am para que estas possam ser utilizadas em nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Roteiro: Data:15/10/2013
 Horário: 17h00
 Local: Frans Café (Prudenshopping)

Dados: Há 54 anos a Rádio Comercial Am e sempre procurou levar ao ouvintes um jornalismo atuante e isso fez com que a rádio se tornasse uma das referências da radiodifusão prudentina e da região. Durante toda sua existência, passaram pela Comercial inúmeros profissionais que contribuíram para os diversos segmentos que a rádio possui. Um dos radialistas e personagem dessa trajetória é Waltair Greghi que trabalhou por muitos anos na emissora e que participou de programas de sucesso como o “Jornal das Sete”. Nessa entrevista, Waltair irá contar como foi sua trajetória na Rádio Comercial e toda a história da emissora.

PAUTA BARBOSA DA SILVEIRA

Retranca: Barbosa/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o jornalista José Vinicius Barbosa da Silveira para obter informações sobre a rádio Comercial.

Roteiro: Data: 11/10/2013
Horário: 15h
Local: jornal O Imparcial
Contato: 2104 – 3701

Dados: José Vinicius Barbosa da Silveira é paulistano, jornalista, e desde 16 de abril de 1972 apresenta o programa Os Ouvintes Querem Ouvi-lo na rádio Comercial. O programa que vai ao ar todos os domingos a partir das 11h30 recebe personalidades que tenham boas histórias e experiências para contar. Barbosa é formado em Ciências Sociais e Sociologia. O jornalista ainda assina a coluna Sociedade em Tópico no jornal O Imparcial desde 1967.

Sugestões de perguntas:

Como surgiu o convite para trabalhar na rádio Comercial?
Como avalia o crescimento da Comercial?
Como era a situação da radiodifusão prudentina nos primeiros anos da rádio Comercial?
Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?
Qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio te trouxe?

PAUTA LAERTE SILVA

Retranca: Laerte/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o radialista Laerte Silva para obter informações sobre a rádio Comercial.

Roteiro: Data: 12/10/2013
Horário: 8h
Local: Delegacia participativa de Prudente

Dados: Laerte Silva tem 66 anos, é investigador de polícia aposentado e a mais de quarenta anos é repórter policial da rádio Comercial. Além disso, também apresenta um programa de música sertaneja na mesma emissora aos domingos de manhã. Laerte possui bordões e histórias que fazem parte da trajetória da rádio Comercial, dentre os bordões se destaca o “café de canequinha”.

Sugestões de perguntas:

Como surgiu o convite para trabalhar na rádio Comercial?

Quem eram os proprietários na época em que entrou na rádio ?

Na sua opinião, quais as campanhas mais importantes que a rádio Comercial realizou?

Como surgiram os bordões que são marcas registradas sua?

Qual foi a cobertura mais marcante realizada?

Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?

Qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio te trouxe?

PAUTA ANANIAS PINHEIRO

Retranca: Ananias/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o radialista e comunicador Ananias Pinheiro para obter informações sobre a rádio Comercial.

Roteiro: Data: 15/10/2013

Horário: 14h30

Local: Prefeitura de Presidente Prudente

Contato: 3902-4466

Dados: Ananias Pinheiro trabalhou por muitos anos na rádio Comercial e durante esse período apresentou programas na madrugada e pela manhã. Dentro do Programa da Manhã realizava quadros como o Bom Dia Vovó e A História da Minha Vida, que se tornaram famosos na emissora. Atualmente Ananias trabalha como assistente de comunicação na prefeitura de Presidente Prudente.

Sugestões de perguntas:

Como surgiu o convite para trabalhar na rádio Comercial?

Quantos anos trabalhou na rádio ?

Na sua opinião, quais as campanhas mais importantes que a rádio Comercial realizou?

Quais programas apresentou na rádio Comercial?
 Como era a participação dos ouvintes nas promoções que a Comercial realizava?
 Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?
 Qual a contribuição pessoal e profissional que a rádio te trouxe?

PAUTA JOÃO MAURÍCIO MESCOLOTI

Retranca: Maurício/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o diretor administrativo e filho do proprietário da Rádio Comercial, Maurício Mescoloti para obter informações sobre a história da rádio.

Roteiro: Data: 18/10/2013
 Horário: 14h30
 Local: Rádio Comercial
 Av. Manoel Goulart,

Dados: Graduado em administração, atual diretor administrativo e filho do proprietário da Comercial, Nilton Mescoloti. Maurício começou a trabalhar na rádio aos 13 anos de idade e assumiu a direção em 1996. Ele participou e foi responsável por promover campanhas importantes dentro da emissora.

Sugestões de perguntas:

Como surgiu o interesse de trabalhar a Rádio Comercial?
 Em que ano você se tornou proprietário?
 O que destacaria sobre as contribuições da Comercial para o setor radiofônico em Prudente?
 A gente sabe que a Rádio Comercial tem a maior audiência, aqui na região, você sabe me dizer qual a média de audiência da rádio hoje?
 Você sabe me dizer qual é o programa de maior audiência na rádio hoje?
 Porque o slogan é intitulado “sempre na frente”?
 Por que você acredita que o programa de prestação de serviços da rádio é tão forte em Presidente Prudente?
 A gente sabe que o forte da rádio sempre foram os programas voltados à prestação de serviços. Você sabe me dizer qual programa mobilizou mais gente, no que diz respeito a promoções? E como foi esse procedimento, ou seja, como funcionava essa promoção?
 Como foi feita a filiação com o Sistema BandSat/Rede Bandeirantes de Rádio?
 No que agregou?
 Por que você considera o Centro de Memória do Rádio importante para a cidade?
 Como você se adaptou as novas tecnologias?
 Descreva a Rádio Comercial em uma frase.

PAUTA HOMÉRO FERREIRA

Retranca: Homéro/Comercial

Proposta/Encaminhamento: entrevistar o comunicador, radialista e professor da disciplina de radiojornalismo Homéro Ferreira para obter informações sobre a importância da Rádio Comercial para a radiodifusão Prudentina.

Roteiro: Data: 08/10/2013
Horário: 20h40
Local: Laboratório de rádio da Facopp
Unoeste, Campus 2

Dados: Formado em Jornalismo e Direito, Homéro Ferreira iniciou a carreira no final da década de 70 como radialista. O docente que ministra a disciplina de radiojornalismo na faculdade de comunicação social da Facopp, já trabalhou em vários veículos de comunicação como rádio, TV, impresso e assessorias, dentre esses veículos está a Rádio Comercial AM.

Sugestões de perguntas:

Qual a importância da Rádio Comercial para o setor radiofônico prudentino?

PAUTA LUCAS DE GÓIS CAMPOS

Retranca: Ouvinte/ Lucas

Proposta/Encaminhamento: entrevistar a ouvinte Lucas de Góis Campos para dar seu depoimento sobre a importância da rádio Comercial na sua vida.

Roteiro: Data: 15/10/2013
Horário: 10h00
Local: Prefeitura Receita Federal, que fica na Avenida Onze de Maio, 1379, próximo ao Parque do Povo
Contato: 3904-8600

Dados: Lucas de Góis Campos é Assistente de Planejamento e Ordenador de Despesas da Delegacia da Receita Federal de Presidente Prudente. Ele escuta a Comercial desde jovem e acompanhou algumas fases da emissora até os dias de hoje.

Sugestões de perguntas:

Há quanto tempo escuta a Rádio Comercial?

Teve algum fato marcante dentro da história e que foi noticiado pela Rádio?

Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?

O que a Comercial representa para a senhor?

PAUTA ALICE DE SOUZA

Retranca: Alice/Ouvinte

Proposta/Encaminhamento: entrevistar a ouvinte Alice de Souza para dar seu depoimento sobre a importância da rádio Comercial.

Roteiro: Data: 08/10/2013

Horário: 16h30

Local: casa da entrevistada

Dados: Dona Alice de Souza é uma apaixonada pelo rádio. Escuta a Comercial há 48 anos e conhece grande parte dos funcionários e também os donos da emissora. Acompanha juntamente com seu esposo, João Severino, programas de variedades e jornais que a rádio oferece.

Sugestões de perguntas:

Quais os programas que mais gosta de ouvir na Comercial?

Qual a importância da rádio Comercial para Presidente Prudente?

O que a Comercial representa para a senhora?

APÊNDICE C
FOTO DO GRUPO



(Foto: Jorge Flash / Facopp)

Wellington Roberto, Névelyn Silva, Kawanny Barros e Jonathan Santos